

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Faculdade de Educação

FUTEBOL LIBERTÁRIO

Um jeito novo de jogar na medida

Fábio Silvestre da Silva

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Kátia Rúbio

Dissertação de
Mestrado elaborada junto ao
Programa de Pós-graduação em
Educação – Área de
concentração em Cultura,
Organização e Educação como
parte dos requisitos para a
obtenção do título de Mestre em
Educação.

São Paulo
Março/2006

Fábio Silvestre da Silva

FUTEBOL LIBERTÁRIO

Um jeito novo de jogar na medida

São Paulo
Março/2006

Sumário

Dedicatória	
Agradecimentos	
Agradecimento Especial (in memória)	
Resumo	
Abstract	
Apresentação.....	001
<i>Introdução</i>	006

CAPÍTULO I

EXCLUSÃO SOCIAL: DISCUSSÃO DO CONCEITO.....	011
---	-----

CAPÍTULO II

ADOLESCÊNCIA	016
--------------------	-----

CAPÍTULO III

021 ASSISTÊNCIA À INFÂNCIA E JUVENTUDE NO BRASIL.....	021
Fase Caritativa.....	021
Fase Filantrópica.....	022
Fase do Bem-Estar Social.....	023
Fase pós-estatuto da Criança e do Adolescente.....	024

ADOLESCENTE AUTOR DE ATO INFRACIONAL NO CONTEXTO DO

ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO.....	026
---------------------------------	-----

CAPÍTULO IV

O CAMPO DE ESTUDO.....	028
------------------------	-----

O papel dos Centros de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente.....	028
Realidade do entorno.....	030
CEDECA Interlagos.....	032

CAPÍTULO V

AS MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS.....	040
Prestação de Serviço à Comunidade.....	043
Liberdade Assistida.....	045

CAPÍTULO VI

O ESPORTE COMO INSTRUMENTO EDUCACIONAL.....	050
---	-----

CAPÍTULO VII

AS CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE.....	060
---------------------------------------	-----

CAPÍTULO VIII

REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICA.....	070
<i>Objetivo Geral</i>	071
Objetivos Específicos.....	071
A entrada em campo.....	072
Procedimentos éticos para inclusão dos sujeitos na pesquisa.....	073
Participantes.....	074
Outros atores.....	084
Coleta de dados.....	085
ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	086
Preparando Terreno.....	089

Analisando o Jogo.....	095
Imaginando o futuro.....	102
Saída do campo.....	111
Outros aspectos importantes de aprendizado do projeto.....	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	126

ANEXOS

Termo de consentimento informado

Texto *Eu Aprendi*

Texto *Borboletas*

Entrevista de um adolescente

Depoimentos sobre o Futebol Libertário na mídia

Aos adolescentes que acreditaram na proposta e compartilharam todo o trajeto.

Aos meus pais, Zé Maria e Dona Célia que sempre acreditaram nos filhos e souberam cultivar o amor familiar.

A tod@s que tiveram a paciência de dividir o tempo de atenção e de lazer para construção desse trabalho e que tem possibilitado a minha caminhada acadêmica.

Aos educadores (as) que insistem e investem para um mundo melhor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família que investiu e sempre incentivou a minha busca por um lugar ao sol, principalmente a minha mãe que sempre batalhou por nós e ao meu pai que foi sempre um mestre.

A Prof.^a Dra. Kátia Rúbio que tem provocado com sua elegante exigência sempre a angústia de nos tirar do local comum conhecido para buscar o máximo do potencial de cada um.

Ao companheiro Marcos Paulo Reis que através de sua empresa custeou todo o trabalho apostando cegamente na intenção do projeto e que o fez viabilizar transformando significativamente a vida desses 18 adolescentes.

A minha querida Luciana Ângelo que me faz crescer a cada segundo e que tem depositado muita confiança no potencial, além de ser a companheira mais dedicada que já conheci.

Aos companheiros Tuto e Djalma que sempre incentivaram ousadias e práticas inovadoras de acompanhamento socioeducativos.

A equipe efetiva que trabalhou arduamente ao meu lado, tendo que agüentar minhas chatices. Magal, Fernando e Erika meu muito obrigado, pois sem vocês isso não aconteceria.

Aos adolescentes que gentilmente se dispuseram a participar e que tanto nos ensinou e cujo a satisfação será que consigam construir um projeto de vida em que possam ser felizes.

Aos queridos companheiros do curso de psicologia do esporte dos quais guardo especial carinho.

Aos amigos/as companheiros/as de trabalho no CEDECA Interlagos que não mediram esforços para que esse trabalho pudesse ser concretizado, além de possibilitar uma reflexão crítica desse trabalho.

A todos mestres e doutores que contribuíram e muito com o meu processo de aprendizado acadêmico e para a vida.

AGRADECIMENTO ESPECIAL (in memória)

Numa verdadeira *corrida de aventuras* quero prestar uma homenagem a uma pessoa que foi essencial nesse processo de elaboração, construção e aplicação desse trabalho. Muitas coisas que compunham a sua vida de fato não faziam sentido no meu jeito de ver o mundo. Era uma personalidade. A verdadeira expressão da humildade. Querido por todos e respeitado por muitos, será sempre como um *referencial* de projeção que, mesmo enfrentando as mais *duras provas*, trouxe consigo uma marca fantástica de outro tipo de *vitória*.

Como definir os quem são os nossos *heróis*? Acho que a mitologia já deu conta de explicar seu aparecimento e suas funções. Sempre achei que meu ceticismo não daria conta de entender esse fenômeno até cruzar o caminho de *aventuras* de Carlos Eduardo Lefevre, mais conhecido como **CADU**.

Karate, corrida, suor como um grito num vôo de liberdade.

Sem saber ao certo, entendo que os *heróis nunca morrem*. Nesse caso faço questão de deixá-lo *vivo* nesse trabalho e por todos os lugares que hei passar, pois é claro que ele *viveu para morrer como um herói*, sem a pretensão da sabedoria da velhice, nem para salvar a si mesmo, mas fazendo isso deixou como legado a nossa missão de contribuir para melhorar o que temos nesse mundo.

Com lágrimas nos olhos e com o coração cheio de alegria é que faço esse agradecimento especial à quem de fato me acompanhou com a intensidade que o tempo e a vida permitiu. Nessa longa *corrida* agora resta-me a *aventura* de tornar, como CADU um dia fez, sonhos em realidade.

SILVESTRE DA SILVA, Fábio (2006) **Futebol Libertário: um jeito novo de jogar na medida**. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo: SP.p 1-130

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa-ação qualitativa, de cunho teórico-metodológico, com a finalidade de investigar o uso do potencial educativo da prática esportiva, especificamente o futebol, na educação não formal como meio para a construção e o exercício da cidadania ativa através do atendimento alternativo direto para adolescentes inseridos nas medidas socioeducativas em meio aberto que cometeram um ato infracional, na região da Capela do Socorro, atendidos pelo CEDECA Interlagos. O trabalho demonstra que a proposta inovadora pode criar um ambiente para o processo de integração pessoal com a tomada de consciência de sua própria dignidade, auto-estima, consciência corporal, comunicação, responsabilidade, autonomia e exercício da cidadania. Foram atendidos 18 adolescentes, de ambos os sexos, na faixa etária de 12 a 17 anos e 11 meses. O processo de seleção teve como critérios a inserção na medida por, pelo menos, um mês. Foram aceitos, ainda, adolescentes que cumpriam medida sem prazo determinado ou por seis meses. A intervenção foi realizada em vinte e quatro encontros semi-estruturados dentro de uma metodologia que se chamou PAIS com os princípios e referenciais teóricos da pedagogia da libertação de Paulo Freire. Os resultados foram avaliados pelo processo de educação em si e não pelo número de adolescentes que chegaram ao final com a extinção da medida decretada pelo Poder Judiciário. Foi possível chegar à conclusão que não pode ser quantificada exclusivamente, por se tratar de uma proposta alternativa de acompanhamento que criou novas possibilidades, mas não pretendeu ser uma “fórmula mágica”. A essência da libertação ficou marcada pela possibilidade de novas vivências e experimentações dos adolescentes. Verificou-se que a metodologia aplicada leva em consideração a diversidade, mas não é totalizadora e tem resultados diferentes para adolescentes diferentes quando somado às histórias individuais. A maioria dos adolescentes recebeu a liberação para o convívio em sociedade sem a restrição anteriormente imposta. O trabalho é inédito no Brasil. Foi sistematizado e disponibilizado podendo atingir não mais 20 ou 310 adolescentes acompanhados pelo CEDECA Interlagos. Conclui que foi um olhar lançado para especificidade desse grupo que aproveitou a interface da psicologia do esporte aplicada em projeto social que cumpriu a missão de auxiliar na reflexão de cenários possíveis para a execução das medidas socioeducativa, creditando a elas a credibilidade do Poder Judiciário no incentivo a sua aplicação e execução não mais nos modelos superados.

Palavras Chaves: Adolescente. Educação pelo Esporte. Liberdade Assistida. Medidas socioeducativas. CEDECA Interlagos.

SILVESTRE DA SILVA, Fábio (2006) **Futebol Libertário: A new way to play in measures.** Masters Dissertation. Universidade de São Paulo. São Paulo: SP.p 1-139.

ABSTRACT

Deals with a Qualitative Action Research, with a teorical-methodological approach with the end of investigation the potential educative use of sports, specifically the soccer, with non-formal education used as a mean of construction and practice of active citizenship through alternative direct attention to adolescents placed into socio-educational measures in freedom who had committed a felony around Capela do Socorro, taken care of for CEDECA Interlagos. This work will demonstrate that this innovative proposal can create a positive environment for the personal integration process, starting by acknowledging self-dignity, auto-esteem, body conscience, communication, responsibility, autonomy and exercise of the citizenship. Eighteen adolescents, from both genders, between twelve and seventeen years and eleven months old, were served. The selection process had as criterion to have been under socio-educational measures for at least one month. There were adolescents who were accepted even if they were serving an undetermined sentence or a six month conviction. The intervention was realized in twenty-four semi-structured sessions within a methodology called P.A.I.S. based on freedom pedagogic principles and references of Paulo Freire. The results were actually backed up by the education process itself and not by the number of adolescents who ended it up at the same time of the sentence given by the Judicial Power. It was possible to conclude that it cannot be exclusively quantified, since it is an alternate attendance propose wich created new possibilities and that never pretended to be a magic formula. The releasing essence was marked then by the possibility of the adolescents' having new life experiences. It was stated that the applied methodology took into consideration the diversity but it doesn't summarize and gives different results for different adolescents when added up their individual stories. The majority of adolescents received the release for society contact without the restriction previously imposed. It is a previously unpublished work in Brazil. It was systematized and made available for between twenty and three hundred ten adolescents who joined through CEDECA Interlagos. I conclude that this was a specific approach given to this particular group, and it was favored by applying the interface of sports psychology within a social project, which fulfilled the mission of helping to ponder possible scenarios where we can apply socio-educational measures, guaranteeing them by the Judicial Power's credibility, in what concerns to its teorical and practical application, enough of models already practiced.

KEYWORDS: Adolescents. Education for the Sports. Accompany Freedom. Socio-Educational Measures. CEDECA Interlagos.

Apresentação

É com muito prazer que apresento esse trabalho à academia. Com ele quero *bater uma bola* com o leitor na pretensão de fazer uma *boa partida*. Os *árbitros* devem entender tratar-se de um *amistoso* onde *adversário* não será inimigo e o *título* não será a *vitória*. O *amistoso* será um componente nessa luta pela implementação do sistema de garantia de direitos. Vários são os convidados para *assistir* essa *partida* cujos atores principais são os adolescentes cheios de energia que pedem para sair da *reserva* e construir um *time* melhor.

Quando era adolescente, essa busca de sair da *reserva*, foi constante. Tive sorte de contar na minha trajetória com bons *técnicos* que ficaram preocupados em apresentar-me mais que *fundamentos* e *técnicas*. Ensinaram-me sobre compromisso e posicionamento fundamentais para a vida dentro e fora do *campo* ou do “campus”.

Na forma e no conteúdo, esse trabalho diz muito sobre a minha trajetória na vida. Quero trazer uma temática e uma inquietação para as quais busco respostas há muito tempo e acredito ter encontrado bons questionamentos, ao longo desse meu ingresso no mestrado. Achei que tinha trazido um trabalho pronto, que estava com boa *movimentação* e não seria *marcado*. Ledo engano. Encontrei nesse curto intervalo de tempo os “Mestres e Doutores da *bola*” do conhecimento. Fui apresentado a outras figuras lendárias da academia. Descobri mitos e verdades. Tive que investigar, refletir e escrever, o que me suscitou as motivações que me conduziram à construção e as descobertas do tema proposto ao longo da *partida*.

Encontrei nesse caminho educadores acostumados a “campus” da Europa, principalmente da Espanha. Numa dessas maravilhosas aulas de Mitohermenêutica tomei

um cartão amarelo no meu positivismo. Fiquei confuso. Achei que não sabia mais jogar. Foi pelo contrário o entendimento que a simplicidade exigia-me, o “Crepusculario” (FERREIRA SANTOS, 2004) foi capaz de dar sentido à lógica de uma educação de sensibilidade que supera o positivismo e dá à dimensão cognitiva a riqueza da dimensão simbólica. Mais que um *jogo* de palavras, a “vigilância epistemológica”, nas palavras de Bachelard, consiste em não acertar como prontos os “procedimentos metodológicos”, mas em reelaborá-los historicamente em cada campo de “texto e contexto”. Sendo assim, reafirmei o símbolo que existe na minha vida e estou capaz de estar mais inteiro e feliz com essa temática que não pretende ser quantitativa, mas qualitativa, reflexiva e propositiva sem a pretensão de dar o *apito final*.

Estava certo que esse trabalho faria uma boa partida com autores diferentes que se complementam. Achei que com Vygotsky e Piaget eu teria dado as respostas necessárias como referencial teórico. Estudei. Li as contribuições de cada um. O estilo sofisticado de Vygotsky e a meticulosidade de Piaget. Os dois ajudariam muito no que estou querendo mostrar. Mas nesse intervalo comecei a pensar que o meu trabalho tem muito com a paixão nacional, tanto que foi uma linguagem adequada para o trabalho. Sendo assim, como valorizar também uma escola nacional na perspectiva de fazer no futuro um debate mais aprofundado sobre socioeducação. Encontrei nesse caminho o nosso maior pedagogo, Paulo Freire, que deu as respostas que necessitava. Fez mais sentido uma educação libertária para um projeto que chamou ***Futebol Libertário***¹.

¹ Trata-se de um projeto piloto que procurou trabalhar o uso do potencial educativo da prática esportiva, especificamente o futebol, na educação não formal como meio para a construção e o exercício da cidadania ativa através do atendimento alternativo direto para adolescentes inseridos nas medidas socioeducativas em meio aberto que cometeram um ato infracional, na região da Capela do Socorro, atendidos pelo CEDECA Interlagos. O trabalho demonstra que a proposta inovadora pode criar um ambiente para o processo de integração pessoal com a tomada de consciência de sua própria dignidade, auto-estima, consciência corporal, comunicação, responsabilidade, autonomia e exercício da cidadania.

Esse trabalho foi tomando corpo e ganhando luz a partir de uma relação dinâmica entre teoria e prática, no diálogo entre a minha atuação direta na educação não-formal² enquanto Psicólogo, Psicólogo do Esporte e Educador Social. Neste sentido, não consegui separar teoria e prática, mas busquei uma complementação entre as duas. Literalmente entrei em *campo* para uma pesquisa-ação com adolescentes inseridos nas medidas socioeducativas em meio aberto. Um *jogo tenso* para a sociedade como um todo que não acredita mais no time dos adolescentes a quem atribui os maiores temores, principalmente estes que já estão com os *uniformes do time* dos autores de atos infracionais. Uma sociedade que credita a eles a forma violenta de *jogar*. Foi preciso crer e lançar mão de linguagens que vão de encontro aos nossos protagonistas. E confesso que não foi fácil encontrar patrocinadores para esse *amistoso*.

Durante minha *carreira*, seis anos, trabalhando com os adolescentes que deram e tomaram *cartão vermelho* ou que foram envolvidos em atos infracionais, fui percebendo que o atendimento que estes recebem fica aquém das suas reais necessidades enquanto sujeitos. Quem está nesse *time* que trabalha com adolescente sempre acaba nas seguintes questões: quem é este adolescente? É este adolescente diferente dos demais ou representa o ato infracional apenas um grau maior de envolvimento no ciclo da violência? Nosso círculo central é claro: como todos os adolescentes, também este específico é muito especial e requer cuidados da mesma ordem, pois cada um deles é portador por declarações universais e leis, de um conjunto de direitos fundamentais, muitas vezes, negados no dia-a-dia. Dentro desse ciclo da violência, muitas vezes, o adolescente passa

² Segundo Maria da Glória Gohn, a educação não-formal “...aborda processos educativos que ocorrem fora das escolas, em processos organizativos da sociedade civil, ao redor de ações coletivas do chamado terceiro setor da sociedade, abrangendo movimentos sociais, organizações não-governamentais e outras entidades sem fins lucrativos que atuam na área social; ou processos educacionais, frutos da articulação das escolas com a comunidade educativa, via conselhos, colegiados, etc.” (1999:07).

de vítima – enquanto sujeito vitimizado em seus direitos - a agente da transgressão das leis na luta para constituir sua identidade de forma inversa. E nós que *camisa* vestimos?

Enquanto educador, inquieto com o que está posto, *jogando no time* que luta pela garantia dos direitos fundamentais, por uma política pública para a juventude e pela implementação do Estatuto da Criança e do Adolescente, quis aproximar o meu saber acumulado de histórico pessoal, quando “*atleta de rendimento*”, no passado; com o trabalho desenvolvido nas práticas sociais por onde andei, destacando o “Projeto Esporte Talento”³ que utiliza o esporte como eixo estruturador do seu projeto pedagógico, parceria da Universidade de São Paulo com o Instituto Ayrton Senna; com a especialização em Psicologia do Esporte; e com o acúmulo do atendimento socioeducativo, para uma proposta de intervenção que possa contemplar os processos socioeducativas com o desejo levantado dos nossos jovens.

Diante deste desejo, e com o potencial educativo da prática esportiva, pude vivenciar uma forma alternativa no paradigma das possibilidades de atuação de atendimento direto destes adolescentes.

O Futebol Libertário foi um projeto que surgiu de uma forma inusitada. Por ter me afastado dos campos de futebol como atleta e, de certa forma, tenho encontrado respostas na psicologia, fiquei pensando muito tempo como poderia aproveitar os saberes que eu tinha com os saberes dos adolescentes em cumprimento das medidas socioeducativas. Conheci então a Psicologia do Esporte, onde me especializei no Instituto Sedes Sapientiae, com o olhar fixo neste campo social. Era uma outra *jogada*. Mas arrisquei e fui discutindo a possibilidade de usar o esporte como forma de acompanhar os adolescentes, sem fazer deles objetos de pesquisa. Muitas foram as discussões e,

³ Projeto Esporte Talento, parceria do CEPEUSP e Instituto Ayrton Senna, que utiliza o potencial educativo do esporte como ferramenta de educação e acompanhamento de crianças e adolescentes das comunidades de entorno da Universidade de São Paulo.

finalmente, o projeto virou uma realidade. Os adolescentes que fizeram parte desse *time* entenderam logo que se tratava mesmo de um acompanhamento da medida, mas com uma forma diferente. Não era apenas jogar futebol. Tinha algo mais. E esse algo mais estava sendo construído por quem propôs, mas sobretudo, por eles, com seus saberes. Assim nasceu o projeto Futebol Libertário como uma forma alternativa de acompanhamento.

Desta maneira, não pretendi descartar o papel do Estado na proposição e execução de políticas públicas para a infância e juventude, mas fortalecer uma *cultura de participação* da sociedade civil, incluindo a “*ex-pressão*” e o exercício de seus direitos civis e a co-responsabilidade na elaboração de soluções aos problemas que afetam a coletividade.

Sendo assim, como trabalhei na educação não formal e atuei com adolescentes autores de atos infracionais. Procurei trazer a vanguarda que tanto eles buscam. A transgressão como novas formas de expressão. Busquei, neste texto, me expressar por meio de uma linguagem científica, mas não burocrática. Portanto, quem vive a academia e fica “preso” às suas normas deverá entender que este relato busca as formas no que é diferente, no que está na *marginalidade*, e não poderia ser relatado de outra forma.

Introdução

Os estudos sobre a educação foram marcados a partir da década de 60, segundo GADOTTI (2001), por “um caráter tecnicista e formal”. As novas formas de pesquisa educacional querem ficar distantes dos modelos positivistas, mesmo que taxadas de “orientações viesadas” em função de um paradigma científico geral. A chamada “pesquisa-ação” (THIOLLENT,1988) que supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional ou técnico, veio romper com esse círculo fechado estabelecendo novos critérios de validade para a pesquisa em ciências humanas. Nesse sentido, a pesquisa ora apresentada com novo modo de fazer ciências humanas é um instrumento poderoso para a ação social e a transformação da realidade, sendo, *a priori*, uma opção metodológica e ideológica que servirá de enfoque estratégico para uma ação popular da sociedade civil organizada.

Parto de uma compreensão sobre o papel do psicólogo como ator social que deve contribuir, enquanto mediador do processo de construção e produção do conhecimento, estabelecendo espaços de troca com os educandos, buscando trilhar com eles caminhos pelos quais se percebam como sujeitos históricos capazes de (re)significar relações e investir em seus potenciais humanos (artísticos, esportivos e profissionais), (re)construindo seus projetos de vida pessoal e social.

Neste sentido, busco apoio em PAULO FREIRE (2003) quando defende que “ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Continua, afirmando o autor, que o educador ao ensinar deve “estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos educandos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa” (FREIRE, 2003:47). Essa curiosidade de ser estendida para além das meras questões pedagógicas.

Estas necessitam uma análise em um universo maior e entendido dentro do contexto social e econômico. Muito já se falou e escreveu sobre o sistema capitalista. No presente trabalho o olhar e os dados recaem sobre como o todo desse sistema capitalista influencia no dia a dia das crianças e adolescentes desse país.

O desenvolvimento do capitalismo no Brasil gerou altos índices de desigualdade social, culminando em muitos problemas, como, por exemplo, desemprego, fome doenças, violência e outras. Segundo COSTA (1996) o Brasil hoje está dividido em dois blocos: o cidadão, aquele que tem acesso aos direitos individuais e também coletivos e o subcidadão, que subsiste sem condições mínimas, não só de bem estar, mas também de respeito e de dignidade. Com as crianças e adolescentes o quadro é ainda mais assustador.

Ao estudar a realidade da criança e do adolescente que moram nas periferias de São Paulo, percebe-se a ineficácia do sistema educacional que este Estado Democrático de Direito tem promovido. As crises sociais têm se agravado devido às relações injustas de poder que o modo de produção capitalista impõe sobre as camadas ditas “populares”, tornando-as subalternas. Ou seja, os privilegiados que possuem o acesso à tecnologia, capital e controle de informação, constroem um sistema que é capaz de domesticar e alienar a si mesmo e milhares de crianças e adolescentes que estão confinados e quase fadados a uma vida sem perspectivas, sem permitir o acesso a uma educação crítica e transformadora.

A mera luta pela sobrevivência sem perspectivas de projeto de vida com dignidade pode levar a criança e o adolescente a uma acentuada falta de capacidade de lidar com as questões e conflitos surgidas no cotidiano, à incapacidade de ler e interpretar, não as palavras, mas a sua própria realidade numa perspectiva de superação de problemas e conflitos vivenciados. O potencial e seu objetivo de ser cidadão ativo como criança e

logo adolescente e quem sabe adulto, é interrompido, criando uma esfera que afasta a criança de si própria e de uma realidade construtiva transformadora a partir dos conflitos.

Segundo dados do IBGE de 2001 a proporção de pessoas abaixo da linha da pobreza era de 33,60% da população total. Tudo isto somado a realidade do desemprego, miséria, falta de moradia adequada e saúde, situação de violência, (deficiências provocadas também, pela falta de uma rede de serviços a partir de políticas públicas com participação popular), aumenta a vulnerabilidade da criança e do adolescente, potencializam os riscos de ultrapassar limites para a autoria de atos infracionais que prejudicam o seu “processo peculiar de desenvolvimento”, preconizado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990).

Mas, após a criança e o adolescente terem cometido o ato infracional, o que podemos oferecer a elas para resgatar seu processo de socialização? Como podemos intervir de uma forma transformadora? O Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei Federal 8069/90 supera, a partir de sua filosofia do sistema de proteção integral, a velha visão vingativa e punitiva do Código de Menores, estabelecendo uma visão pedagógica e educativa.

O sistema legal implantado pelo ECA entende o adolescente como sujeito de direitos e de responsabilidades oferecendo amplos mecanismos de responsabilização de adolescentes em caso de envolvimento com ato infracional.

O Artigo 112 do ECA define as Medidas Socioeducativas (Advertência, Reparo do Dano, Prestação de Serviço à Comunidade, Liberdade Assistida, Semiliberdade, Internação) como meios de intervenção na vida do adolescente autor de ato infracional, assim como na família, na comunidade e na sociedade.

No entanto, da lógica do sistema de proteção integral e das medidas socioeducativas, constata-se uma inoperância em função do descaso do poder público, não conseguindo alcançar a qualidade no atendimento e tampouco implantando a descentralização e a municipalização do atendimento aos adolescentes autores de atos infracionais. Ao mesmo tempo, as medidas socioeducativas, até hoje operacionalizadas, não têm como suporte as políticas públicas sociais necessárias por meio de uma rede consolidada de serviços capaz de oferecer a retaguarda necessária para a efetivação eficaz e eficiente do sistema de garantia dos direitos fundamentais. Além disso, percebe-se, na aplicação das medidas socioeducativas, pelo poder judiciário, uma visão reducionista que não leva em conta a riqueza das medidas socioeducativas previstas no ECA, aplicando à complexidade de realidades específicas que levaram ao ato infracional um número reduzido de medidas socioeducativas, comprometendo dessa forma, a eficácia e a eficiência da medida utilizada. Pouco se avalia o “remédio” frente às necessidades do “paciente”. Segundo TEIXEIRA (2003) as medidas aplicadas aos adolescentes autores de ato infracional “visam ou devem visar superar a idéia exclusiva de controle social e assumem o caráter socioeducativo a partir do ECA”.

“É preciso reordenar o sistema de atendimento, introduzindo em seu funcionamento mudanças verdadeiramente amplas e profundas, em termos de conteúdo, método e gestão. É preciso melhorar radicalmente as formas de atenção direta, mudando as maneiras de ver, entender e agir de todos os que atuam na implementação das medidas socioeducativas”.(COSTA, 1999.)

Para tanto, o presente trabalho procura ilustrar essas formas ilustrativas tendo a prática esportiva como uma possibilidade. Segundo RÚBIO (2000), o esporte pode ser considerado um dos maiores fenômenos sociais da modernidade. Sua prática tem atraído, cada vez mais, um número maior de participantes e fãs, além de agregar em torno de si

um número crescente de áreas afins. Os grandes ídolos, o sonho de ser um grande atleta ou a paixão pelo time preferido, fazem parte do imaginário de quase todas as crianças e adolescentes brasileiros.

De acordo com MELO (in CARRANO, 2000) o futebol é o esporte mais popular do Brasil. Considerando que o esporte é uma prática cultural tão significativa quanto o teatro, o cinema, as artes plásticas, nenhuma dessas manifestações, todavia, consegue como o futebol mobilizar tanta gente, ao mesmo tempo, influenciando tão forte e amplamente com paixões, desejos e sentimentos.

DaMatta (1982) diz que “é preciso relativizar o modo típico de estudar o domínio do ‘esporte’, pois quando estuda-se o esporte sempre se faz como se a esfera do esporte estivesse numa relação de oposição com a sociedade”. Para ele o esporte faz alguma coisa para, com ou contra a sociedade, podendo ser um instrumento neutro, negativo ou positivo vis-à-vis o sistema social. Portanto, são dessas habilidades e fraquezas do atendimento socioeducativo que colocaremos em debate utilizando a perspectiva da construção de um espaço dialógico e propositivo com a apresentação do trabalho que foi desenvolvido nessa pesquisa com a intenção de contribuir para o debate acadêmico com a finalidade de superar práticas arcaicas e ineficazes de trabalho.

Capítulo I

EXCLUSÃO SOCIAL: DISCUSSÃO DO CONCEITO

O surgimento do termo é atribuído segundo OLIVEIRA (2002) a René Lenoir, cuja obra tem o mérito de suscitar o debate sobre a concepção de exclusão, não mais como um fenômeno de ordem individual, mas social, que emerge do próprio funcionamento das sociedades modernas, tendo como determinante, por exemplo, o rápido processo de urbanização desordenado, as desigualdades de renda e de acesso aos serviços, como um processo que atinge cada vez mais todas as camadas sociais.

A exclusão social abarca muitas questões, sendo utilizada em diversas áreas do conhecimento para diferentes fenômenos e a não precisão do seu uso pode revelar a dificuldade de nomear e classificar algo tão complexo que é a injustiça e desigualdades sociais (SAWAIA apud BERZIN 2003). Para MINAYO (1994) a problemática em questão possui raízes sócio-históricas na formação social brasileira e é resultante de um processo de urbanização, marcado pela brutal concentração de renda, por extremas desigualdades sociais e por uma concepção de progresso centrada prioritariamente no desenvolvimento econômico fazendo dos direitos sociais uma variável dependente.

Segundo MANZINI-COVRE (2001) os direitos sociais dizem respeito ao atendimento das necessidades humanas básicas, isto é, são todos aqueles que devem repor a força de trabalho, sustentando o corpo humano – alimentação, habitação, saúde, educação etc. Assim, exclusão e inclusão parecem uma falsa polêmica e representam a aparência de uma realidade que, para ser explicada, exige a consideração das leis gerais que regem o modelo do capital, organiza a produção e reprodução dos bens, as contradições na organização do poder no Estado capitalista e, fundamentalmente, as

expressões da luta de classes, ou seja, o enfrentamento entre interesses antagônicos e altamente conflitantes que também determinam a vida na sociedade.

Neste sentido, pertencer ou não, estar incluído ou não, estar excluído ou não, na escola, nas atividades culturais, sejam quais forem elas, em uma sociedade organizada em classes sociais requer saber a que classe social se refere. Refere-se aos detentores dos meios de produção ou aos que vendem sua força de trabalho para poderem sobreviver? Fala-se dos 20% da sociedade que detêm mais de 70% dos bens, ou dos demais 80% que detêm menos de 30% dos bens e dependem para sobreviver de um protagonismo do Estado na implementação de políticas públicas universalistas?

Exclusão e inclusão são, conforme demonstra SAWAIA (1999), um par dialético cujo conteúdo só é revelado se a abordagem for feita em conjunto e não isoladamente por um dos pólos - incluir X excluir. Esta contradição não se resolve por um dos pólos, ou seja, não basta ter a intenção de incluir para se revolver esse problema. A solução da exclusão ou inclusão não se dá intrinsecamente por um destes pólos, mas sim, pela resolução da contradição fundamental: entre trabalho e capital. Uma forma clara do entendimento disto são as formas como essa manifestação acontece no mundo tanto no aspecto do macro como no micro reproduzido nas diversas relações, inclusive no esporte.

No contexto deste trabalho, coloca-se uma importante reflexão, pois de acordo com TAFFAREL⁴, no XXV Encontro Nacional de Estudantes de Educação Física em Brasília, se for criado ilusões, falsidades, com as manobras de incluir através manejo do processo de trabalho pedagógico que é uma variável intra-escola cuja determinação está para além da escola pode-se incluir alguém no sistema, sem compreender que as mobilidades sociais são exceções criadas pelo próprio sistema para

⁴ **Celi Zulke Taffarel** – Professora Dra. Titular UFBA, Secretária Geral do ANDES-SN em debate no XXIV ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA Curitiba/PR - 23 a 30 de agosto de 2003, onde apresentou o tema: “Discutir cultura para mudar estrutura”.

manter sua hegemonia. Sendo realista, não existe possibilidade de inclusão, em um sistema cuja base fundamental é a exploração e a destruição⁵. Portanto, há que se perguntar pela crise estrutural cada vez mais profunda do sistema do capital global. Há que se reconhecer onde se acumula força para transformar a sociedade. O acesso de todos os seres humanos aos bens culturais que garantem uma vida digna é uma possibilidade histórica e de direito. Para tanto, faz-se necessário pensar em ações objetivas sintonizadas com os movimentos sociais na busca dos direitos, em uma ação responsável e voluntariamente assumida por todos.

Um processo de enfrentamento da lógica da organização da escola é desejado e já há muito estudado, principalmente no processo de trabalho pedagógico. As inovações pedagógicas em si, fora do contexto do acúmulo para resistir, ocupar, produzir, preservar e transformar podem ficar em situação vulnerável e serem bloqueadas e diluídas, cooptadas e amoldadas. Preventivamente, visando melhorias, os movimentos sociais, autônomos, independentes de governos e governantes, têm buscado se manter fortalecidos nos movimentos que não baixam suas bandeiras, não abrem mão de suas reivindicações e de seus instrumentos de luta históricos. Portanto, a construção de alternativa para o trabalho pedagógico pode apontar para a elaboração da teoria a partir da consideração da prática e sua descrição empírica, de um referencial que explique esta prática, na perspectiva da compreensão da sua totalidade, radicalidade e no conjunto, e da elaboração de proposições coletivas, solidárias, alternativas, superadoras. Sendo assim, a construção de alternativas políticas para os movimentos sociais na perspectiva da elaboração de políticas públicas que sirvam aos interesses da classe trabalhadora sugere uma certa radicalidade da ação, com base na filosofia da práxis. Este é o enfrentamento desejado

⁵ Os indicadores do índice de desenvolvimento humano (IDH) revelam: “*Os ricos ficaram mais ricos e os pobres mais pobres*”. Fonte: www.ipea.gov.br.

para agir na linha da superação dos elementos que constitui a contradição de fundo que mantém a maioria excluída do acesso aos acúmulos das construções e descobertas da humanidade, entre os quais a Educação Física & Esporte. A questão de fundo não é a inclusão, mas sim, a resistência, a ocupação, a produção, a preservação a partir da determinação responsável e voluntária de produtores associados que têm como elemento regulador, nos planejamentos de baixo para cima do sistema de produção e troca, não as leis do mercado, mas fundamentalmente as necessidades vitais do SER HUMANO.

Nessa mesma linha da discussão - inclusão e exclusão - é necessário entender o uso dos termos que já estão superados, mas que ainda servem de referências para críticas como o termo marginalidade. Para OLIVEIRA (2002) o termo foi conceituado pela sociologia norte-americana, sendo *marginal* o “indivíduo que se apresentava parcialmente inserido em duas sociedades e culturas diferentes, sendo considerado um ‘híbrido cultural’(BOGDAN & BIBLEN, 1924), sem apresentar qualquer conotação de superioridade ou inferioridade”. Esse era percebido como um alguém com capacidade crítica para se tornar um agente de transformação.

Em alguns países da América Latina, nos anos 50 começaram a se formar os “guetos” marginais nas periferias dos centros urbanos tradicionais, ocupados por pessoas que moravam precariamente, passando a ser denominados de populações “marginais”. Criou-se uma contradição de acordo com OLIVEIRA (2002), pois aqueles que habitavam o centro da cidade eram também considerados marginais em função do tipo de moradia, o que levou a pensar a marginalidade como uma noção de oposição centro e periferia, o que confirma a imprecisão do termo.

Segundo VASCONCELOS (1997) a marginalidade passou a ser conceituada, a partir da década de 50, como “cidadania limitada”. Para o autor marginal é:

“ todo indivíduo ou grupo que tem seu direito de cidadania limitado, por não poder, em função das desigualdades geradas pela estratificação social, participar do processo de desenvolvimento econômico e promover sua ascensão na estrutura de classe”
(VASCONCELOS, 1997: 57)

Segundo OLIVEIRA (2002), dos conceitos utilizados para caracterizar a marginalidade observa-se que eles são definidos principalmente pelas carências, associadas à idéia da falta de integração. No entender de VOLPI (2001) a sociedade é um todo harmônico, *“cujo equilíbrio se mantém pelo cumprimento dos papéis e expectativas que lhe são atribuídos pela cultura, pela religião e pelos chamados aparelhos ideológicos do estado”* (p.38).

Numa visão funcionalista, o sujeito que está “à margem” precisa ser “re” integrado à sociedade, como se a ela não pertencesse e acaba responsabilizado pela sua adaptação ou inadaptação aos valores predominantes. Assim o emprego do prefixo “re” é muitas vezes utilizado com o propósito de firmar a idéia de retorno à “normalidade”, explicitado muitas vezes como ressocialização, reinserção, reintegração (VOLPI, 2001). Desta forma, o sujeito fica culpabilizado quando atribuído a responsabilidade para ser “re”integrado, ou não, sem levar em conta às condições marginais da existência. Nesse sentido, o emprego do termo marginalidade tem muitas vezes uma conotação pejorativa associada àquele que está à margem da sociedade ou fora da lei, portanto entendo como um conceito superado e que não reflete nossas intenções para discutir a adolescência.

Capítulo II

ADOLESCÊNCIA

Busquei um conceito de adolescência com base na sua construção social, mostrando como a sociedade determina comportamentos e padrões aos adolescentes. Adolescência, do latim *adolescere* (crescer) é uma fase da vida que pode ser definida em sua dimensão psicobiológica e em sua dimensão histórica, política, econômica, social e cultural. A definição da Organização Mundial de Saúde (OMS), refere-se à dimensão biológica e psicológica da adolescência.

Segundo a OMS (1965) a adolescência é “o período da vida a partir do qual surgem as características sexuais secundárias e se desenvolvem processos psicológicos e padrões de identificação que evoluem da fase infantil para a adulta, entre eles a transição de um estado de dependência para outro de relativa autonomia” (OMS apud REIS,1993). Para a mesma organização, a adolescência compreende a faixa etária que vai dos 10 aos 19 anos e caracteriza-se por mudanças físicas aceleradas e características da puberdade, diferentes do crescimento e desenvolvimento que ocorrem em ritmo constante na infância. Essas alterações surgem influenciadas por fatores hereditários, ambientais, nutricionais e psicológicos (OMS apud REIS,1993).

Reforçando a dimensão psicobiológica da adolescência, encontramos ZAGURY (1996), que nos explica que a adolescência é uma fase caracterizada pela transição entre infância e a juventude. A adolescência, para ela, compreende um momento extremamente importante do desenvolvimento, com características muito próprias, como: período de conflitos, necessidade de afirmação, mudanças físicas e psicológicas, associadas à impaciência e à irresponsabilidade.

Para tratarmos da dimensão sociocultural da adolescência recorreremos a ABRAMO (1994), que em seu estudo sobre expressão de grupos juvenis no cenário urbano brasileiro, nos anos oitenta, nos apresenta que a adolescência mostra-se, também, marcada por um sentimento de contestação e se caracteriza por um período de críticas, sobretudo, no que tange às transformações da ordem estabelecida.

A autora destaca o movimento dos "*punks*" e "*darks*", que têm uma forma peculiar de protestar, basicamente no universo do lazer e do consumo, sem procurar alternativas no sistema produtivo e institucional. Mas, apesar de não apresentarem uma proposta de mudança da situação, tal movimento sinaliza o sentimento de insatisfação com as condições de emprego, a falta de oportunidade e a injustiça social e, dessa forma, faz uma "intervenção crítica no espaço urbano".

LUZ (1993) também nos traz contribuições da dimensão sociocultural da adolescência, pois nos mostra que a própria ordem social constituída define o *status*, o papel e as possibilidades de integração do adolescente, classificando-o como imaturo. Essa concepção associa a inimputabilidade penal e civil à necessidade de proteção, alijando o jovem das decisões políticas e econômicas. Apenas aos dezoito anos de idade, o jovem torna-se um cidadão que passa a ser penalmente responsabilizado pelos seus atos. A imaturidade, portanto, não deve ser só vista como determinada por aspectos psicobiológicos, mas também, por interesses políticos e/ou econômicos. MONTEIRO (1999) considera que a literatura antropológica também tem trazido contribuições relevantes para esse debate ao revelar a influência do momento histórico, do contexto social, econômico e cultural na modelação das representações e práticas diversificadas durante essa etapa da vida. Conforme esta autora, a adolescência não compreende um conceito fechado e rígido, mas determinado por uma sociedade. Nesse sentido, a

juventude deve ser pensada como um "fenômeno plural" intimamente ligado às condições materiais e simbólicas do meio.

Tanto o conceito de adolescência estabelecido em sua dimensão psicobiológica como o determinado em seu âmbito sociocultural, revelam-se fundamentais para demonstrarmos sob o ponto de vista técnico-científico o impacto dos novos padrões de aquisição de produtos de consumo dos adolescentes. Dessa forma, ajuda-nos, também, a compreender como os adolescentes se constituem no público alvo da mídia, no que diz respeito ao consumo desses novos produtos, principalmente porque no Ocidente não há um rito de passagem da infância para a vida adulta.

Recorrendo a VYGOTSKY (1998) encontramos que a adolescência é uma fase de transição que vai adquirindo diferentes qualidades segundo os períodos históricos e sociais. Neste caso, abre-se uma discussão crítica com as teorias psicológicas que naturalizam as qualidades dessa fase de transição com se fossem fenômenos universais.

Estudos recentes apontam que adolescência é uma idade de transição, na qual novos processos biológicos se desenvolvam no corpo e no organismo preparando o indivíduo para exercer sua sexualidade (BERZIN, 2003). As concepções de adolescência presentes nas ciências humanas colocam que todas as sociedades organizam formas de transição da infância para a vida adulta.

Em sua dissertação de mestrado GALDINI (2001) fez uma revisão da concepção de adolescência demonstrando a transição. Para ela, *“esse processo tem uma base biológica, mas o importante é a percepção social destas transformações e suas repercussões na sociedade”* (p.42). Portanto, trata-se de um processo dinâmico que se desenvolve na relação com o social, psicológico e biológico que são instâncias que não se separam em nenhum momento.

A definição cronológica da OMS, que estabelece a adolescência de 10 e vai até 19 anos, difere da definição no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que estabelece que a adolescência entre os 12 e os 18 anos, momento em que acontecem, como nas diferentes idades, diversas mudanças físicas, psicológicas e comportamentais.

Neste trabalho, tendo o ECA como referência e a leitura dos direitos para construção de políticas públicas que entendam a realidade, faz-se necessário dizer que um dos pontos essenciais é que não existe uma adolescência brasileira, mas, múltiplas adolescências brasileiras, contemplando uma população que apresenta diversidades. Desta forma, não se pode tratá-las como uma realidade homogênea.

No mundo todo, hoje se estima que haja 1 bilhão de pessoas vivendo a adolescência estabelecida pela OMS, ou seja, quase 20% da população mundial. No Brasil, esse número é de aproximadamente 175 milhões de pessoas, sendo que cerca de 35 milhões se encontram adolescentes o que leva a 21,84% da população total do país, sendo que 10% se encontram na faixa etária dos 10 aos 19 anos; e 15% da população quando utilizamos as referências do ECA (IBGE, 2000). Esta situação se reflete sobre as condições de vida dessa parcela da população, apresentando imensa disparidades de indicadores sociais.

É importante ainda saber que:

50,4% são do sexo masculino e 50,5% do sexo feminino;

0,4% são considerados brancos/as, 43% pardos/as, 6% negros/as e 0,3% amarelos.

1,1 milhão de analfabetos/as.

76,5% desses analfabetos/as se encontram no nordeste.

2,7 milhões de 07 a 14 anos estão fora da escola (10% da faixa etária).

4,6 milhões de 10 a 17 anos estudam e trabalham.

2,7 milhões de 10 a 17 anos só trabalham.

Desses dois grupos, 3,5 milhões trabalham mais de 40 horas semanais.

Em geral, a adolescência e suas vivências são tratadas pela psicologia tradicional enfatizando uma crise universal e predeterminada que não contribui para a compreensão da diversidade e complexidade dessa fase.

Dentre os grupos mais vulneráveis e expostos a situações de violência estão os adolescentes (12 a 18 anos) e jovens (15 a 19 anos) autores de ato infracional. Neste caso, a proposta desse trabalho e de tantas outras iniciativas visa não só desenvolver uma política sistêmica dentro de uma rede integrada de atendimento, mas também consolidar um sistema de garantia dos direitos das crianças e adolescentes que inclua esta população superando os preconceitos existentes na sociedade e demais instituições. Por esse motivo, é necessário entender o contexto histórico dessa assistência à infância e juventude no Brasil até a chegada à atual legislação.

Capítulo III

ASSISTÊNCIA À INFÂNCIA E JUVENTUDE NO BRASIL

Para entender a atual legislação para infância e juventude é necessário entender, ainda que brevemente, o percurso da assistência no Brasil e suas importantes fases que vão clareando as ideologias vigentes em cada período da história desse país.

De acordo com OLIVEIRA (2002) a assistência à infância e juventude brasileira pode ser dividida em três etapas: a primeira de caráter caritativo, que vai do período Colonial até meados do século XIX; a segunda, de caráter filantrópico, que vai do fim do império até a década de 1960; e a terceira fase, do Estado de Bem-estar social a partir de 1960.

Fase caritativa

No Brasil, do período colonial, a assistência à infância e a juventude teve como marca o sentimento de fraternidade humana, de conteúdo paternalista, mas sem pretensão de mudanças sociais, sendo conhecida como fase caritativa. Esmolas e boas ações dos ricos tinham como objetivo minimizar o sofrimento dos mais necessitados, com a esperança de que os mais abastados recebessem a salvação de suas almas e o reconhecimento da sociedade como beneméritos, procurando preservar a ordem pelos comportamentos conformistas dos mais pobres (MARCILIO, 1998: 195).

As tentativas de estabelecer um projeto de assistência à infância desamparada surgiram apenas em meados do século XIX com a criação da Casa de Educandos de Artífices, representando o primeiro passo para a implementação de uma assistência filantrópica.

Fase filantrópica

A fase filantrópica surge para dar continuidade à obra de caridade com uma nova concepção, sendo a principal contribuição do Governo Imperial para a assistência pública à infância e juventude no Brasil. Com ela houve a regulamentação do asilo de proteção para crianças e adolescentes que haviam sido abandonados. Essa fase caracterizou-se pela intervenção das ciências médicas e jurídicas, inclusive pela mudança da designação do termo *crianças* que era empregado para os filhos de famílias abastadas, enquanto o termo “menor” era discriminativo da infância “desfavorecida, delinqüente, carente e abandonada” (OLIVEIRA, 2002: 17).

Nesse longo período, várias foram as tentativas de higienização dessa população pela classe dominante e concomitante a isso travava-se uma luta de projetos legislativos de proteção a crianças e adolescentes.

O Estado começava a dar os primeiros passos para a aprovação do Código Mello Matos, mais conhecido como “Código de Menores”, em 1927. Essa lei, que ainda faz parte do repertório do poder judiciário, garantia, independentemente do “discernimento”, que menores de 14 anos fossem submetidos a processo penal (FALEIROS, 1995). Na Constituição de 1939, a infância e juventude foram contempladas com garantias especiais de cuidados, por parte dos pais e, em seguida, pelo Estado, que reconhecia como seu dever, o “ensino pré-vocacional e profissional destinados às classes menos favorecidas” (OLIVEIRA, 2002:19), revelando a dualização do ensino para as elites e a profissionalização das classes “subalternas”, numa distinção clara entre crianças ricas e pobres.

Fase do Bem-Estar Social

Ao longo da história brasileira, foram criadas leis e projetos de assistência que tinham como alvo o “bem-estar” da criança e do adolescente, ao mesmo tempo em que existia a necessidade de defender o bem-estar da sociedade, revelando a dualidade entre ricos e pobres.

Em 1960, com a iminente preocupação com crimes contra o patrimônio e homicídios a questão dos “grupos de menores” foi incrementada ao ser considerada na categoria de “problema de segurança nacional”. Depois do Golpe Militar de 1964 foi criada a FUNABEM, cujos objetivos eram: “pesquisar métodos e técnicas para a elaboração científica de princípios norteadores de ações que visassem a reintegração do menor na família e na sociedade”.(OLIVEIRA & ASSIS apud OLIVEIRA, 2002:19). Porém, como seus princípios contrapunham a Declaração Universal dos Direitos da Criança, o novo Código de Menores de 1979 foi elaborado trazendo a denominação “menor em situação irregular”, que servia para designar tanto o abandono como o autor de ato infracional.

Na década de 1980, quando essa fase pareceu mesmo ilusória e nunca vivido, o poder público teve sua capacidade de atendimento desafiada pelas questões do crescimento da pobreza. A sociedade procurou se organizar para tentar reverter essa situação e dessa movimentação surgiram numerosos grupos em defesa dos direitos das crianças e adolescentes.

O grande marco no Brasil foi a Constituição de 1988. No seu artigo 227, que é o seu principal dispositivo na área de direitos da criança e adolescente, está consignado que é “dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente,

com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária” (BRASIL, CF art.227). Preparava-se o terreno para a aprovação do ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (ECA).

Fase pós-estatuto da criança e do adolescente

Fundada nos princípios da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) e neste instrumento dos Direitos da Criança (1959) a Conferência Mundial sobre os Direitos Humanos promoveu em 1989 a *Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança* que foi subsídio para que, em julho de 1990, o ECA fosse promulgado como fruto dessas normativas internacionais em substituição ao Código de Menores.

A lei federal 8.069 de 1990 é dirigida a todas as crianças e adolescentes, sem distinção, e define, em suas disposições preliminares, a garantia da proteção integral com absoluta prioridade a essa população, contrapondo-se historicamente a um passado de controle e exclusão social. Isto é, pela primeira vez reconheceu-se de maneira expressa na legislação que crianças e adolescentes têm interesses juridicamente protegidos. Reconhecer que uma criança é tutelar de direitos foi uma grande evolução e representa uma ruptura com o sistema anterior que tratava as crianças e adolescentes como meros objetos de intervenção do mundo adulto. Como um marco legal, a doutrina baseia-se na concepção de que criança e adolescente são sujeitos de direitos universalmente reconhecidos, não apenas de direitos comuns aos adultos, mas, além desses, de direitos especiais provenientes de sua condição peculiar de pessoas em desenvolvimento que devem ser assegurados pela família, Estado e sociedade.

Serem "sujeitos de direitos" representa, hoje, condição especial que deve garantir-lhes direitos e deveres individuais e coletivos, bem como todas as oportunidades e facilidades a fim de possibilitar um bom desenvolvimento físico, intelectual, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/90) indicou especialmente, a primazia em considerá-los em suas características e prioridades, destacando sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento e sua titularidade de direitos fundamentais. Ao mesmo tempo, no sistema jurídico vigente seus direitos e deveres devem ser preservados ao considerar sua incapacidade jurídica para os atos da vida civil e a sua inimputabilidade perante a lei penal.

COSTA (1999) alerta que a condição peculiar de desenvolvimento não pode ser definida apenas a partir do que a criança não sabe, não tem condições e não é capaz. A criança não pode ser considerada como um adulto em miniatura. Cada fase do desenvolvimento deve ser reconhecida como revestida de singularidade e de completude relativa, ou seja, a criança e o adolescente não são seres inacabados, a caminho de uma plenitude a ser consumada na idade adulta, enquanto portadora de responsabilidades pessoais, cívicas e produtivas plenas e deve ser compreendido e acatado pelo mundo adulto, ou seja, pela família, pela sociedade e pelo Estado.

Ao garantir, com "prioridade absoluta" o exercício de Direitos Fundamentais da população infanto-juvenil, a Constituição e o Estatuto convocaram, além do Poder Público quanto a destinação dos recursos e sua efetiva aplicação, os operadores do direito para promoverem procedimentos e medidas judiciais que garantam esta preferência.

A proteção, com prioridade absoluta é um dever social e, como norma constitucional, não é conselho ou sugestão, é uma determinação. O termo "proteção"

pressupõe um ser humano protegido e um ou mais seres humanos que o protegem, isto é, basicamente um ser humano que tem necessidade de outro ser humano. Obviamente, este segundo ser humano deve ter capacidade para protegê-lo. Como corolário lógico, a proteção pressupõe uma desigualdade e uma redução real da liberdade do ser humano protegido: ele deve ater-se às instruções que o protetor lhe dá e é defendido contra terceiros (outros adultos e autoridade pública) pelo protetor.

A história mostrou que de protetor o Estado não teve nada. Essa foi considerada a fase ilusória do estado de bem estar social. Ao mesmo tempo, agora pós o estatuto, viu surgir uma lógica neoliberal, com a desresponsabilização do Estado, o aumento no número das iniciativas da sociedade civil organizada, a terceirização dos serviços da área da infância e juventude.

A adoção da doutrina de proteção integral, em substituição ao velho paradigma da “situação irregular”, acarretou mudanças de referenciais e paradigmas, com reflexos inclusive no trato da questão infracional.

Adolescente autor de ato infracional no contexto do atendimento socioeducativo

De acordo com a proposta do **Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo**⁶, (2005) existem no Brasil cerca de 39.578 adolescentes/jovens no

⁶ O SINASE é o conjunto ordenado de princípios, regras e critérios, de caráter jurídico, político, pedagógico, financeiro e administrativo, que envolve o processo de apuração de ato infracional e de execução de medida sócio-educativa. Este sistema nacional inclui os sistemas estaduais, distrital e municipais, bem como todos os planos, políticas e programas específicos de atenção a esse público. Essa proposta foi elaborada por vários atores: o CONANDA e a Secretaria Especial de Direitos Humanos (SEDH/SPDCA) em parceria com a Associação Brasileira de Magistrados e Promotores da Infância e Juventude (ABMP) e o Fórum Nacional de Organizações Governamentais de Atendimento à Criança e ao Adolescente (FONACRIAD) realizaram cinco encontros regionais com juizes, promotores de justiça, conselheiros de direitos e gestores de unidades de atendimento e esteve em discussão nas assembléias ordinárias do CONANDA em maio, junho e julho de 2005.

sistema socioeducativo.⁷ Este quantitativo representa 0,2% do total de adolescentes na idade de 12 a 18 anos existentes no Brasil.

Adolescentes segundo sistema socioeducativo e população total de adolescente de 12 a 18 anos – por Região em números absolutos.

<i>Regiões</i>	<i>Adolescentes no SSE</i>	<i>População de 12 a 18 anos</i>
<i>Brasil</i>	39.578	25.030.970
<i>Centro-Oeste</i>	3.601	1.704.139
<i>Sudeste</i>	22.022	9.790.356*
<i>Sul</i>	6.413	3.406.985
<i>Norte</i>	2.048	2.180.849
<i>Nordeste</i>	5.494	8.417.089

Fonte: Proposta do SINASE (2005).

*A maioria desses adolescentes está concentrada em São Paulo

A realidade dos adolescentes brasileiros, incluindo aqueles no contexto socioeducativo, evidencia e exige atenção do Estado forçando uma agenda de prioridades no âmbito de efetivar políticas públicas e sociais, haja visto que pelos dados apresentados a adolescência não se encontra preservada e, sobretudo amplifica os desafios da implementação da política de atendimento aos adolescentes.

⁷ Segundo *Levantamento estatístico* da Subsecretaria de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente da Secretaria Especial dos Direitos Humanos (SPDCA/SEDH-PR, 2004), o termo *sistema socioeducativo* refere-se ao conjunto de todas as medidas privativas de liberdade (internação e semiliberdade), as não privativas de liberdade (liberdade assistida e prestação de serviço à comunidade) e a internação provisória.

Capítulo IV

O CAMPO DE ESTUDO

O papel dos Centros de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente

Para entender a escolha dessa pesquisa-ação há que se contextualizar o papel dos CEDECA's, nessa fase pós-estatuto, até chegar à entidade onde o trabalho foi desenvolvido. Conforme o artigo 87 do ECA (1990) que dispõe sobre as *“linhas de ação da política de atendimento”*: *V- proteção jurídico-social por entidades de defesa dos direitos da criança e do adolescente.*”

Observa-se mais uma vez, que o ECA, positiva os direitos fundamentais, e ainda estabelece linhas para ação do atendimento visando garantir os direitos positivados. Os Centros de Defesa estão inseridos e fazem parte no Sistema de Garantia de Direitos, nas linhas de ação de atendimento com a responsabilidade, e através de instrumentos jurídicos, buscam intervir na política pela defesa dos direitos da criança e do adolescente. Não tão somente na área da defesa, intervindo juridicamente, mas também devem manter a formação e capacitação, no sentido de contribuir com a mobilização e disseminação dos direitos aos atuantes da área da infância e juventude.

Em São Paulo, capital existem em torno de onze Centros de Defesa que foram surgindo a partir do Estatuto, como organizações não governamentais, constituídas pela sociedade civil, reguladas por Estatutos Sociais e portarias, nos quais exercem diversos tipos de atendimentos. A grande maioria, oferecendo atendimento de caráter socioeducativo, executando medidas socioeducativas de Liberdade Assistida e Prestação

de Serviços à Comunidade, e alguns ainda, semiliberdade; atendimentos psicológicos; e atividades culturais, ligadas à arte.

Para NOGUEIRA NETO (2001)⁸ a concepção do eixo da defesa é:

“(...) o campo típico, por sua vez, da ‘prestação de justiça’ à criança e ao adolescente. Defender liberdades e direitos de alguém significa ‘administrar justiça a esse alguém’. Significa valorar um interesse, uma necessidade, um desejo, de alguém, em face de outros interesses, outras necessidades, outros desejos. Defender direitos significa produzir o Direito (enunciá-lo e principalmente aplicá-lo) a partir da idéia de justiça, do justo, enquanto valor. Definir quem perde e quem ganha, e em que extensão isso se dá, quem se priva e quem será satisfeito, quem desfrutará de uma situação de vantagem e quem sofrerá as conseqüências da desvantagem respectiva – tudo isso é problema da busca do justo, a ser solvida como prestação de justiça(...)”(p.31)

Nessa perspectiva, entende-se que os Centros de Defesa devem perseguir basicamente os grandiosos desafios de intervenção perante o Estado, na cobrança de elaboração de políticas para atendimento da criança e do adolescente, quando da oferta irregular, inadequada e ou na falta deste, através de ações coletivas, de interesses difusos, coletivos e individuais homogêneos, defesa essa técnica, garantindo o acesso à justiça. Ressalte-se que há vários segmentos de atendimentos, levando em consideração os níveis em que se encontram as situações da criança e do adolescente. Há necessidade não tão somente de políticas que consistam no atendimento para garantia dos direitos fundamentais - neste caso, os atendimentos que supram as necessidades sociais básicas-, mas também, os casos estritamente especiais; de proteção, nos casos de vulnerabilidade, risco, ou ainda no acúmulo de violação por parte do Estado, sociedade e família.

⁸ Wanderlino Nogueira Neto é representante da Anced – Associação Nacional dos CEDECAs.

Realidade do entorno

O CEDECA Interlagos está situado na região da Capela do Socorro e tem em sua área de abrangência cinco distritos do extremo sul da cidade de São Paulo. Essa região estende-se por uma vasta área abaixo dos canais dos rios Jurubatuba e Guarapiranga, limitando-se ao norte com as regiões de Santo Amaro e Campo Limpo; a leste com o Município de São Bernardo do Campo; a oeste com Itapeirica da Serra, Embu-Guaçu e Juquitiba; e, ao sul, com Itanhaém e São Vicente, na região da Serra do Mar. De acordo com a Lei Municipal 11.220/92 esta área é formada pelos distritos de Socorro, Cidade Dutra, Grajaú, Parelheiros e Marsilac que, juntos, compõem o extremo sul da cidade de São Paulo, com uma superfície de 487,8 Km², que corresponde a 1/3 do território do município, incluindo parte das represas de Guarapiranga e Billings, além de 67% da área rural do município.

As análises utilizadas para contextualizar a realidade do adolescente em situação de risco social e pessoal baseiam-se, no ‘Mapa da Exclusão e da Inclusão’, elaborado em 1995 pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas de Seguridade e Assistência Social da PUC-SP e reeditado em 2000, e o “Mapa da Juventude de São Paulo, 2003”. Já nesta pesquisa, os bairros da Capela do Socorro se destacam quanto aos altos índices de exclusão social. Na classificação geral dos 96 Subdistritos do município de São Paulo, a Cidade Dutra fica em 76º. lugar, Grajaú em 86º., Marsilac em 89º. e Parelheiros em 93º.

Neste último Mapa de 2003, a situação foi considerada ainda mais grave para a área de atuação do CEDECA Interlagos. Os vários indicadores sociais foram sobrepostos e criada uma variável para proporcionar um ranking para cada distrito. Dos 96 distritos analisados a área de atuação ficou com a seguinte classificação:

Zonas Homogêneas Juvenis	
Distritos	Classificação
Socorro	44°.
Cidade Dutra	71°.
Marsilac	80°
Grajaú	95°.
Parelheiros	96°.

Fonte: Mapa da Juventude de São Paulo 2003

O estudo realizado pela Fundação SEADE e publicado em julho de 2002 traz uma importante atualização da análise situacional da realidade. Tal pesquisa compila uma diversidade de indicadores sociais (taxa anual de crescimento populacional, taxa de mortalidade por homicídio da população masculina de 15 a 19 anos, rendimento nominal médio mensal, proporção de jovens que não freqüentam a escola, proporção de mães adolescentes etc.) e permite uma análise pontual quanto ao desenvolvimento da realidade social da Capela do Socorro. Sendo assim, a conclusão é: enquanto os Subdistritos da Capela do Socorro já se destacaram no Mapa da Exclusão e da Inclusão (1995), o destaque destes mesmos bairros se acentuou ainda mais. Dos seis bairros que apresentam os maiores índices de vulnerabilidade juvenil, três são da Capela do Socorro (Parelheiros, Grajaú e Marsilac), sendo que o Subdistrito Marsilac apresenta, com alta margem de diferença, o maior índice de vulnerabilidade juvenil! Entre os 96 bairros analisados, a Cidade Dutra fica em 74°. lugar. Portanto, além do quadro generalizado de deterioração dos indicadores sociais, percebe-se um processo acelerado de agravamento da realidade social nos distritos da Capela do Socorro.

Esta tendência pode ser explicada, conforme já foi visto anteriormente, pela deterioração generalizada das políticas públicas sociais nos últimos anos. O agravamento da situação da Capela do Socorro, explica-se, segundo, em função das altas taxas de crescimento populacional que estão significativamente acima da média de crescimento do município. A implantação de políticas sociais que já é estruturalmente reduzida é ainda mais reduzida na Capela do Socorro em função da localização integral da região em área de proteção aos mananciais. Enquanto as ocupações desordenadas e os loteamentos clandestinos avançam na completa ausência de uma política habitacional e de ocupação ordenada do solo, a implantação dos equipamentos sociais demandados pelo crescimento populacional é inibida pela legislação de proteção aos mananciais. Portanto, as ações governamentais e programas de governo, sobretudo de transferência monetária, na Capela do Socorro são amplamente engolidas pela alta taxa de crescimento populacional.

O CEDECA Interlagos⁹

O Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente de Interlagos foi fundado em 1999 por um grupo de educadores sociais. Nasceu a partir da experiência acumulada durante muitos anos de trabalhos comunitários em Favelas de Interlagos e com Movimentos Populares da Capela do Socorro. Identifica-se como organização de assessoria aos movimentos populares, a partir e a serviço das lutas populares organizadas nas comunidades locais, associações de moradores, entidades de atendimento e movimentos específicos da Capela do Socorro, tendo seu olhar voltado para a realidade da criança e do adolescente.

⁹ **CEDECA Interlagos:** Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente de Interlagos
Rua Nossa Senhora de Nazaré, 51 - Cidade Dutra - 04.805-100 São Paulo – SP.
Fone: 011.5666.98.61 ou 5666.52.62 E-Mail: cedeca.inter@uol.com.br

Buscando romper com o ciclo da violência e da exclusão social, o CEDECA Interlagos tem como missão: *“Defender os direitos da criança e do adolescente por meio da proteção jurídico-social, na lógica da proteção integral e na ótica de políticas públicas com participação popular”*.

A Proteção Jurídico-Social, enquanto eixo gravitacional do CEDECA Interlagos, deve ser compreendida no contexto do Sistema de Garantia dos Direitos da Criança e do Adolescente. Este se articula nos eixos de Promoção (Garantia), Controle Social (Vigilância) e Defesa (Responsabilização). Enquanto atividade que zela pela eficácia jurídica (acesso à justiça) e pela efetividade sócio-política (políticas públicas de garantia de direitos) do marco legal dos direitos da criança e do adolescente, o CEDECA entende a proteção jurídico-social como ação que navega pelos três eixos do Sistema de Garantia dos Direitos da Criança e do Adolescente, priorizando a Defesa e o Controle Social, potencializando, ao mesmo tempo, ações de Promoção enquanto incubadora de políticas públicas e instrumentos de mobilização social.

Eixo 1: DEFESA

A defesa dos direitos da criança e do adolescente consiste no restabelecimento das condições sociais, econômicas e culturais daquelas crianças e adolescentes da comunidade que tiveram seus direitos violados, isto é, na responsabilização do Estado, da sociedade, da comunidade e da família em caso de omissão, falta de atendimento, atendimento irregular e violação de direitos individuais e coletivos.

A estratégia para efetivar as ações relacionadas a esse eixo de DEFESA é implementada pelo NÚCLEO DE DEFESA e compreende ações de acompanhamento

jurídico e social de crianças, adolescentes e suas famílias em situação de vulnerabilidade social e/ou pessoal.

Eixo 2: CONTROLE SOCIAL

O controle social consiste na vigilância do cumprimento do marco legal referencial (constitucional e infra-constitucional), no controle de ações governamentais e não-governamentais, na participação em espaços da sociedade civil (fóruns, frentes, pactos etc.), e na capacitação dos atores sociais atuantes nestes espaços da sociedade civil.

A estratégia para efetivar as ações relacionadas ao Eixo CONTROLE SOCIAL é implementada pelo **NÚCLEO DE PESQUISA E FORMAÇÃO** e compreende, de um lado, ações de vigilância, controle e pesquisa e, de outro lado, ações de articulação e mobilização da sociedade civil bem como de capacitação de seus atores envolvidos.

Eixo 3: PROMOÇÃO

A promoção dos direitos da criança e do adolescente consiste, primeiro, na concepção, elaboração e sistematização de metodologias de acompanhamento socioeducativo e, segundo, na execução de serviços específicos na lógica de incubadora de políticas públicas e na ótica da mobilização do protagonismo infanto-juvenil, construindo, portanto, instrumentos e trajetórias de formulação e efetivação de políticas públicas de proteção social.

A estratégia para efetivar as ações relacionadas ao Eixo PROMOÇÃO é implementada pelo **NÚCLEO DE ACOMPANHAMENTO SOCIOEDUCATIVO** e compreende ações de acompanhamento a adolescentes em medida socioeducativa em meio aberto, crianças e adolescentes envolvidos no ciclo de violência, apoio sócio-

familiar, ofertas inovadoras de arte-educação, esporte e cultura, acompanhamento psicológico etc.

O trabalho do CEDECA Interlagos é promover uma metodologia de trabalho coerente com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Por isso, utiliza-se de processos e métodos não assistencialistas, tampouco desenvolve uma linha de mera assessoria. A metodologia de atuação do CEDECA Interlagos é de defesa dos direitos a partir de uma relação construída e autônoma entre sujeito da violência, agente violador e defensor que possibilite a justiça social. E para desenvolver este trabalho, o CEDECA conta com uma equipe multidisciplinar de 50 funcionários.

A realidade da criança e do adolescente que moram nas periferias das grandes cidades, neste caso, especificamente, na Capela do Socorro, zona sul da cidade de São Paulo, tem sido marcada pelas relações injustas de poder e a má distribuição de renda que se impõem sobre as camadas ditas “populares”, gerando sérias conseqüências sociais.

Embora o CEDECA tenha uma luta constante em busca de uma transformação social que diminua a desigualdade no Brasil, ainda está muito longe de extinguir o problema que leva a criança e o adolescente a cometer atos infracionais, de forma que muitas vezes não é possível evitar que estes atos sejam cometidos, e quando isso ocorre, faz-se necessária à busca de formas alternativas, que possam intervir junto a estas crianças, adolescentes e suas famílias de maneira transformadora. O que leva o CEDECA a disputar com o tráfico e suas armas, o desejo e o imaginário da juventude excluída.

Tentando superar essa dura realidade numa região tão extensa e marcada pela ausência do Estado por se tratar de área de mananciais, o CEDECA vem desenvolvendo atividades com a população jovem e especialmente com as medidas socioeducativas em meio aberto.

O CEDECA Interlagos iniciou seu trabalho com Liberdade Assistida (LA), que será melhor explorado em seguida, em 1999 quando firmou convênio com a Febem-SP para atender naquela época 70 adolescentes. Diante do aumento significativo do número de adolescentes envolvidos em atos infracionais foi necessário ampliar os números de atendidos em 2001 para 150 adolescentes. Nesta mesma época o CEDECA iniciou um trabalho de atendimento e Prestação de Serviço a Comunidade com capacidade de atender 60 adolescentes. Em 2002, o CEDECA ampliou ainda mais sua capacidade de atendimento passando a ter 240 adolescentes em LA e 60 em PSC, totalizando 300 adolescentes atendidos ao mês.

Para dar conta desse atendimento a equipe foi composta por 15 educadores sociais com formação diversificada (psicólogos, assistentes sociais, advogados, sociólogos, historiadores, etc) e dois coordenadores.

A implantação e a implementação do trabalho regionalizado (divisão da Região da Capela do Socorro em três Subdistritos – Grajaú, Parelheiros e Cidade Dutra) através da atuação com três equipes regionais possibilita uma concepção inovadora do Projeto, alcançando avanços importantes no sentido de sua proximidade com os adolescentes, suas famílias e a comunidade de modo geral.

Seguindo os objetivos e pressupostos do Núcleo de Acompanhamento Socioeducativo é importante destacar a operacionalização sintética da proposta de trabalho executada pelo CEDECA Interlagos onde a pesquisa foi realizada. O quadro abaixo está dividido em: Fase, ação e atividade:

Fase do Projeto	Ação	Atividade
Entrada do Caso	Transferência do Posto Sul para o Projeto – Agendamentos	<ul style="list-style-type: none"> • Atualizar permanentemente a agenda específica para atendimentos iniciais de acordo com cada equipe regional. • Trabalhar na recepção grupal no Projeto com espaço curto de tempo depois da transferência.
Acompanhamento	Recepção	<ul style="list-style-type: none"> • Estabelecer permanentemente um ambiente lúdico-pedagógico de acolhida (com presença permanente de um Educador). • Encaminhar para Plantão e Atendimento.
	Atendimento Inicial	<ul style="list-style-type: none"> • Fazer a primeira escuta para esclarecer possíveis dúvidas • Promover o ECA • Apresentar a entidade, seus objetivos, as atividades existentes e as dependências. • Efetuar Entrevista Inicial com adolescente e família pelo Educador responsável pelo adolescente/família para coleta de dados com instrumental específico.
	Plano Personalizado de Atendimento	<ul style="list-style-type: none"> • Aprofundar a capacitação quanto à metodologia do Plano Personalizado de Atendimento. • Estabelecer junto ao adolescente e família os objetivos, indicadores, recursos e atividades do processo de atendimento do Projeto.
	Atendimento Individual (Adolescente/Família)	<ul style="list-style-type: none"> • Coletar continuamente dados sobre o caso • Promover a construção e avaliação do Plano Personalizado de Atendimento (PPA) • Promover a escuta da demanda. • Discutir temas a partir do que a família/adolescente traz do contexto. • Estimular a reflexão sobre a medida a ser cumprida e temas pertinentes a fase de desenvolvimento do adolescente. • Fornecer orientações pertinente a demanda. • Sensibilização permanente quanto à importância de participação nos atendimentos individuais e grupais conforme estabelecido no PPA.
	Atendimento Grupal	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicar dinâmicas de grupos conforme

	(Adolescente/Família)	<p>demanda temática construída pelos próprios grupos.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Propiciar vivências em grupo para trocas de experiências. • Criar ambiente cooperativo. • Acumular um banco de dados sobre atividades de grupo (dinâmicas, metodologias etc.)
	Encaminhamentos	<ul style="list-style-type: none"> • Efetuar encaminhamentos para a rede de serviços públicos, como saúde, educação e Assistência Social, bem como para recursos não governamentais e da própria comunidade.
	Visita Domiciliar	<ul style="list-style-type: none"> • Fortalecer o vínculo com adolescente/família • Consolidar a proximidade aos recursos existentes na comunidade • Planejar o roteiro de visita nas equipes regionalizadas. • Verificar os recursos do domicílio • Verificar a dinâmica familiar • Verificar a condição sócio-econômica • Apresentar o trabalho desenvolvido pelo CEDECA
	Visita à Escola	<ul style="list-style-type: none"> • Atender o art. 118 II do ECA, (supervisionar a frequência e o aproveitamento escolar do adolescente, promovendo, inclusive, sua matrícula). • Aplicar oficina e reunião de capacitação para educadores • Divulgar o trabalho do CEDECA • Promover o ECA • Encontros periódicos com as Delegacias de Ensino/NAE.
	Instrumentais – Registros em Pasta	<ul style="list-style-type: none"> • Efetuar registro de toda e qualquer forma de intervenção, utilizando os instrumentais próprios do projeto.
	Elaboração de Relatórios	<ul style="list-style-type: none"> • Elaborar os relatórios baseados nos registros efetuados nos instrumentais, respeitando os prazos estabelecidos.
Fechamento do Caso	Avaliação do Plano Personalizado de Atendimento	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliar com adolescente/família o tempo de acompanhamento. • Compor através dos instrumentais do Plano Personalizado de Atendimento um Banco de Dados avaliativos do Projeto.
	Visita Final	<ul style="list-style-type: none"> • Realizar, sempre, antes do encerramento uma visita final.
	Extinção da Medida	<ul style="list-style-type: none"> • Acompanhar de forma específica o adolescente e família no período de

		<p>espera da extinção da Medida.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Providenciar uma cópia do ofício de extinção para o adolescente/família como fechamento do processo.
Articulação e Mobilização da Comunidade	Levantamento dos Recursos e Serviços existentes	<ul style="list-style-type: none"> • Elaborar um banco de dados a partir da sistematização das visitas a comunidade das equipes regionalizadas e do Projeto Abrindo Horizontes.
	Visitas a entidades, serviços públicos, empresas etc.	<ul style="list-style-type: none"> • Buscar permanentemente a ampliação da rede existente de recursos, serviços, entidades com visitas, contatos telefônicos e participação em reuniões e encontros.
	Participação nos Fóruns DCA	<ul style="list-style-type: none"> • Participar permanentemente das atividades dos Fóruns Regionais DCA (Grajaú, Parelheiros, Cidade Dutra – Socorro).
	Parcerias específicas	<ul style="list-style-type: none"> • Buscar ampliar permanentemente o quadro de parcerias para qualificar o Projeto.

Capítulo V

AS MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS

As medidas socioeducativas, no CEDECA Interlagos, é considerada uma referência interna importante para o aprendizado institucional, principalmente por que o ECA representa um outro olhar sobre a criança e o adolescentes; um instrumento jurídico de garantia ao respeito e a dignidade com que as crianças e os jovens merecem ser tratados. Além disso, o ECA representa um paradoxo da sociedade brasileira, já que mostra-se uma lei avançada aplicadas a um dos países que mais comete violações contra os direitos da criança e do adolescente. Para exemplificar, sem aprofundar a discussão, há um número muito grande de jovens de 15 a 24 que são vítimas preferenciais da violência urbana, onde o direito a vida morre violentamente, assim como a Febem que, pela primeira vez, por acusação de maus-tratos e espancamento de internos, foi submetida à Corte Interamericana de Direitos Humanos da OEA (Organização dos Estados Americanos)¹⁰.

O ECA supera, a partir de sua filosofia do sistema de proteção integral, a velha visão vingativa e punitiva do Código de Menores, estabelecendo uma visão pedagógica e educativa.

O sistema legal implantado pelo ECA, entende o adolescente como sujeito de direitos e de responsabilidades oferecendo amplos mecanismos de responsabilização de adolescentes em caso de envolvimento com ato infracional. O Artigo 112 do ECA define as Medidas Socioeducativas:

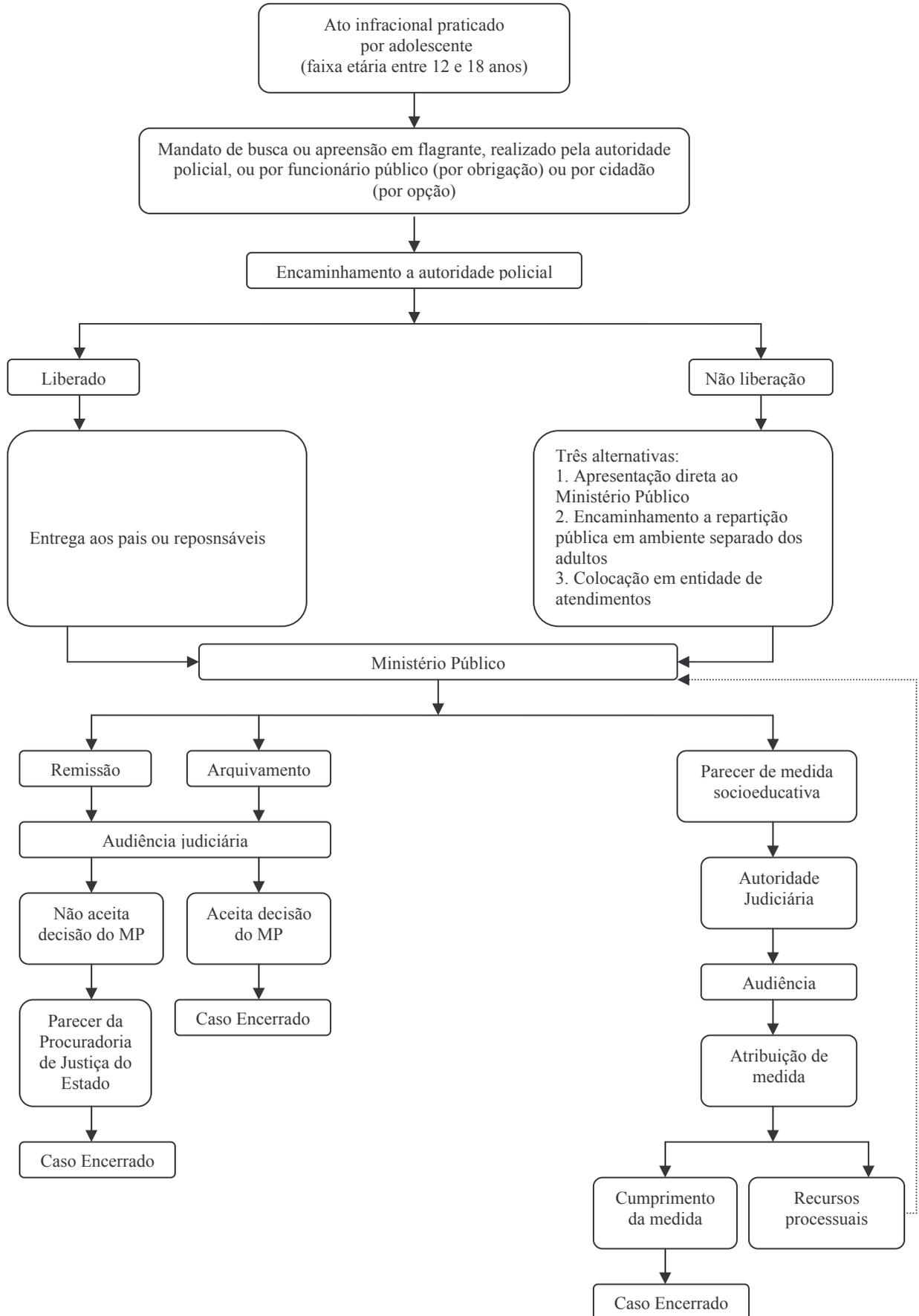
¹⁰ Folha de São Paulo de 22/11/05 Caderno Cotidiano.

- *Advertência;*
- *Reparação de Danos;*
- *Prestação de Serviço à Comunidade (PSC);*
- *Liberdade Assistida(LA);*
- *Inserção em Regime de Semiliberdade;*
- *Internação em Estabelecimento Educacional (privação de liberdade)*

Está posto que segundo o artigo 112, inciso 1º “*A medida aplicada ao adolescente levará em conta a sua capacidade de cumpri-la, as circunstâncias e gravidade da infração*” (ECA, 1990).

De acordo com TEIXEIRA (2003) neste processo existem trâmites legais que ligam os adolescentes aos seguintes órgãos, que compõem o sistema de justiça da infância e juventude: a Segurança Pública, que envolve a Polícia Civil (mandados de busca e apreensão) e a Polícia Militar (apreensão em flagrante); Defensoria, que envolve advogados particulares e procuradores públicos; Ministério Público (MP), que envolve promotores da Varas Especiais da Infância e Juventude (VEIJ); Poder Judiciário, que é representado pelo juiz; e os Órgãos Executivos da Medida Socioeducativa, que em São Paulo é a FEBEM-SP, tanto pela medida de privação de liberdade e semiliberdade, quanto pela supervisão das medidas em meio aberto. Para os adolescentes autores de atos infracionais, existem algumas ações previstas pelo sistema de justiça da Infância e Juventude como podemos observar no fluxograma abaixo:

Fluxograma do sistema de justiça da infância e juventude



Neste trabalho vamos refletir sobre duas medidas socioeducativas em meio aberto, Liberdade Assistida (LA) e Prestação de Serviço a Comunidade (PSC), que são aplicadas pelo Poder Judiciário, sendo alternativas para a internação e que permite ao adolescente autor de ato infracional cumprir junto à família, na escola e na comunidade local, as imposições restritivas de direito. A Febem-SP discutia em 2001 a importância do papel da comunidade em uma ação conjunta com os educadores sociais, no acompanhamento proporcionando ao adolescente como uma nova forma de tratamento em regime aberto.

Prestação de Serviço a Comunidade (PSC)

A PSC, conforme o artigo 117 do ECA, *“consiste na realização de tarefas gratuitas de interesse geral, por período não excedente a 6 meses, junto a entidades assistenciais, hospitais, escolas e outros estabelecimentos congêneres, bem como em programas comunitários ou governamentais.”* De acordo com PEDROSO (1999) essa medida é caracterizada pela possibilidade do adolescente encontrar em seu meio social, no convívio com pessoas que necessitam de solidariedade, o caminho pedagógico do reconhecimento de sua conduta indevida e a convicção do seu próprio valor como ser humano uma vez que prevê os serviços comunitários.

Neste sentido, a relação do adolescente com a comunidade é de troca intensa, não conversão. De acordo com FREIRE (1985) quando se pensa em converter o outro *“é porque temos um ponto de partida que é o seguinte: onde se está é melhor, o que a gente faz é melhor. Senão não haveria porque converter o outro”*. Sendo assim, que a troca

possibilita a transformação da realidade concreta vivida pelos adolescentes, diminuindo o abismo criado entre eles e a sociedade geradora de desigualdades e injustiças?

A PSC, em seu caráter particular, põe em evidência a utilidade social da medida, o caráter educativo do trabalho e o envolvimento da comunidade na aplicação de penas. Ambas questões são de extrema relevância, mas merecedoras ainda de grande aprofundamento quanto às suas reais possibilidades e possíveis conseqüências individuais e coletivas.

Como nem todo ato infracional é motivador de privação de liberdade, a medida em meio aberto de PSC, prima pelo caráter educativo na sua intervenção e, desse modo, as tarefas a serem atribuídas ao (a) adolescente devem levar em conta o aspecto formativo, as aptidões e as preferências, possibilitando a reflexão de seu ato, trajetória pessoal e social.

Para PEREIRA (2002) as tarefas conforme o parágrafo único do artigo 117, do ECA estabelecem “jornada máxima de 8 horas semanais, aos sábados, domingos e feriados ou em dias úteis, de modo a não prejudicar a freqüência à escola ou a jornada normal de trabalho”(p.111), em programas sociais e comunitários, no âmbito governamental e não governamental. Essa medida é estruturada como programa social, com justificativa, objetivos, metas, metodologias e formas de acompanhamento e avaliação. Com a PSC é possível proporcionar ao adolescente uma experiência autêntica e prazerosa, podendo ser vivida de tal forma que lhe sirva como referência, colaborando no processo de construção de sua identidade na perspectiva de um ser cidadão.

Para a realização desta ação pedagógica nas unidades acolhedoras¹¹, faz-se necessário de maneira formal explicar sobre a medida e apresentar os adolescentes do programa junto às instituições que receberão e desenvolverão o trabalho junto a eles.

¹¹ É entendido como Unidades acolhedoras todos os equipamentos públicos que recebem os adolescentes no cumprimento da Prestação de Serviços à Comunidade.

Liberdade Assistida (LA)

A Liberdade Assistida é uma medida que está prevista no artigo 118, do ECA, devendo ser *“adotada sempre que se afigurar a medida mais adequada para o fim de acompanhar, auxiliar e orientar o adolescente”*. Como toda medida, ela é designada pela autoridade competente que indicará *“pessoa capacitada para acompanhar o caso a qual poderá ser recomendada por entidade ou programa de atendimento”* (parágrafo 1º). O prazo mínimo de cumprimento da medida pelo adolescente é de seis meses *“podendo a qualquer tempo ser prorrogada, revogada ou substituída por outra medida, ouvindo o orientador, o Ministério Público e o defensor”* (parágrafo 2º).

A Liberdade Assistida para TEIXEIRA (2003) é uma determinação jurídica referente à responsabilização do adolescente pela prática do ato infracional e os trabalhadores do projeto são executores destas determinações.

Essa medida deve ser cumprida em meio aberto o que não descarta a observância pelo adolescente e família à restrição de liberdade. Nesse sentido o acompanhamento prima pela ruptura da conduta delituosa dos que cometem o ato infracional, inserindo em medida e programa de proteção, público ou comunitário, quando necessário, na complementação da medida judicial.

A LA prevê um tempo mínimo de 6 meses para o seu cumprimento e é, ainda, aplicada a adolescentes das demais medidas de internação e de semiliberdade como etapa final do processo de “educação” dos adolescentes.

A medida *“não é optativa para o (a) adolescente, e a sua ausência nas atividades do programa socioeducativo pode-se implicar na substituição por outra medida mais severa - semiliberdade e internação”* (PEREIRA 2002:112). Para que isso

não ocorra o adolescente deve ser orientado na situação, a assumir a responsabilidade sobre o cumprimento da medida, incluindo também o papel da família e a presença constante do educador. A experiência tem mostrado que caso o adolescente deixe de comparecer à medida, conforme o plano personalizado de atendimento (PPA), precisa ser informado ao juiz para outras providências (mandado de busca e apreensão), mas cabe ao educador, antes de tal providência, adotar vários procedimentos para evitar a “quebra de medida” que vai desde a localização a busca da família, escola, entre outros.

O cumprimento dessa medida inclui alguns pré-requisitos para a sua efetivação, como a frequência na escola e o aproveitamento escolar, a participação em atividades de profissionalização e inserção no mercado de trabalho. Deste modo, “incumbe ao orientador com apoio e supervisão da autoridade competente”, a realização dos seguintes encargos, entre outros:

- 1. Promover socialmente o adolescente e a família, fornecendo-lhes orientação e inserindo-lhes, se necessário, em programa oficial ou comunitário de auxílio e assistência social;*
- 2. Supervisionar a presença ou aproveitamento escolar do adolescente, promovendo inclusive, sua matrícula;*
- 3. Diligenciar no sentido da profissionalização do adolescente e de sua inserção do mercado de trabalho;*
- 4. Apresentar o relatório do caso (art. 119).*

A proposta do atendimento de LA é de “criar condições para que o adolescente construa um percurso de desenvolvimento pessoal e participação produtiva na coletividade, garantindo o exercício dos direitos e deveres de cidadania, no presente e no futuro” (Teixeira, 2003:66).

Para TEIXEIRA (2003), espera-se que os adolescentes sejam auxiliados, dentro destes objetivos, especificamente a:

- *Estabelecer contratos claros, precisos e plausíveis;*
- *Garantir condições adequadas e dignas de vida no cotidiano;*
- *Propiciar situações nas quais o adolescente possa refletir sobre si próprio, sobre suas escolhas, compromissos e perspectivas de futuro;*
- *Introduzir o adolescente em outras redes de relações capazes de propiciar experiências significativas e novos elementos de reflexão;*
- *Fornecer ao adolescente retaguarda e apoio, particularmente nas situações de crises*

Em “Ana e Ivan”¹² (TEIXEIRA,2003:10), fica claro como a autora consegue captar as idéias dos executores das medidas socioeducativas quando chama de “idéias forças” os norteadores do trabalho socioeducativo. Estabelece então os seguintes pontos como pressupostos que devem orientar essa ação:

A dimensão socioeducativa prevalece sobre os aspectos punitivos da medida, num esforço que inclui a responsabilização do adolescente sobre suas condutas, inclusive o ato infracional que se inscreve em sua biografia pessoal, mas não o reduz a ele; portanto, há o desafio da implementação do ECA, instrumento jurídico de garantia de direitos;

A adolescência é um fenômeno em transmutação que problematiza o que sabíamos, ou julgamos saber, porque os sujeitos de uma história

¹² Fábio Silvestre da Silva era na época da sistematização desse livro representante da Rede Nossas Crianças e esteve diretamente envolvido no processo de sistematização pelo CEDECA Interlagos. Trate-se de uma publicação que tinha o objetivo de sistematizar as boas experiências em Liberdade Assistida, tendo como consultora a Prof^a Dr.^a Maria de Lourdes Trassi Teixeira.

contemporânea são atravessados por novos fenômenos transnacionais, e suas identidades se constituem a partir de matrizes que os ligam aos seus grupos de filiação e, ao mesmo tempo, a ícones universais que transitam pelo universo global – por exemplo, o consumo de um produto globalizado, como referência identitária;

O protagonismo juvenil, entendido como “participação solidária, direitos e responsabilidades conquistadas por uso de mecanismos sociais legítimos de pressão”, produzindo a “construção de cidadania e participação” através, principalmente, da vertente cultural, emergente nas periferias das cidades; ou seja, a demanda é por direitos fundamentais, uma concepção prevalente na América Latina desde a década de 1990 que, no Brasil, é acrescida da grave questão da violência. Nessa perspectiva, os jovens são ativos na relação com os poderes constituídos e solidários, em defesa de interesses coletivos;

O atendimento direto ao adolescente autor de ato infracional orienta-se pelo princípio da incompletude institucional; ou seja, o programa se inscreve em uma rede de serviços e parcerias; “dar conta” das muitas demandas do adolescente (sua vida) implica que ele transite por essa rede, porque o projeto não supre e não pode suprir todas as suas necessidades;

A ação da equipe de trabalhadores – técnicos e não-técnicos – ocorre a partir de um projeto educacional qualificado que supera o senso comum, as boas intenções e a abordagem moralista ou normatizadora do adolescente; ou seja, há clareza política, competência técnica e disponibilidade pessoal para um trabalho profissional exigente;

O conjunto de esforços investidos em cada adolescente deve criar condições para que ele construa um projeto, no presente e para o futuro, em que seja possível amar, aprender e conviver, a partir do exercício cotidiano de direitos e deveres de cidadania – o direito à juventude.

Ao final é importante que fique claro que o projeto, neste caso o CEDECA Interlagos, é uma passagem na vida deste jovem e o importante é que ele inicie o seu processo autônomo para ser agente de seu processo para que ele possa fazer e caminhar ao encontro de seus projetos de vida autonomamente.

Capítulo VI

O ESPORTE COMO INSTRUMENTO EDUCACIONAL

As crianças brasileiras têm o direito à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer garantidos pela Constituição Federal e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Como necessidades humanas básicas são direitos de toda população infanto-juvenil e não privilégio de grupos ou classes sociais. No caso do esporte, significa uma prática democratizada, ao alcance de todos e não somente daqueles que apresentam alguma aptidão ou talento especial.

O ECA (capítulo IV, art.59) estabelece que os Municípios, com apoio dos Estados e da União, deverão estimular e facilitar a destinação de recursos e espaços para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e juventude.

Nas áreas esporte e lazer, os órgãos específicos responsáveis pelas políticas desses campos é quem desenvolvem programas coordenados com o órgão gestor das medidas socioeducativas, buscando assegurar a efetivação dos direitos. Precisa, ainda, haver um incremento nessas áreas, visto que são fundamentais para o desenvolvimento Humano, entendido como um conceito integral que pode ser definido como um processo de ampliação da gama de opções e oportunidades das pessoas, de forma a assegurar o pleno desenvolvimento de suas potencialidades e capacidades (IAS, 2004).

Segundo o Paradigma do Desenvolvimento Humano, todas as pessoas nascem com um potencial e com capacidades intrínsecas e o objetivo é criar um ambiente favorável, que dê oportunidade à expansão e à realização desse potencial para todas as pessoas da geração presente e das futuras gerações.

Cada indivíduo, assim como cada geração, tem direito a oportunidades que lhes permitam fazer o melhor uso de suas capacidades potenciais. A forma como essas oportunidades são de fato aproveitadas tem relação com as escolhas pessoais, mas é fundamental que indivíduos e populações tenham a possibilidade de escolhas agora e no futuro.

O Instituto Ayrton Senna (IAS), preocupado com as gerações futuras como muitas organizações, desenvolve desde 1995 um trabalho de Educação pelo Esporte em parceria com algumas universidades espalhadas por todo país. Em São Paulo, funciona o Projeto Esporte Talento onde parte desse conhecimento e experiência foi sistematizada e é referência para o trabalho ora apresentado.

A proposta reúne princípios e metodologias especialmente elaboradas para transformar potenciais em competências cognitivas, produtivas, relacionais e pessoais. Isto é, a aplicação da tecnologia social da educação pelo esporte para o desenvolvimento humano contribui para viabilização de todas as dimensões da vida, tornando os jovens capazes de compreender a sua realidade e participar da sociedade como cidadãos (IAS, 2004:10)

O eixo central da concepção de educação do IAS está baseado no relatório da UNESCO (1996) que sustenta a idéia de que toda construção pedagógica é resultante de um processo civilizatório, assentada sobre quatro grandes pilares:

Aprender a Ser: desenvolver as capacidades de autonomia, discernimento e responsabilidade pessoal, potencializando as capacidades individuais (cognitivas, físicas, afetivas e sociais)

Aprender a Conviver: desenvolver a compreensão do outro e a percepção das interdependências, a partir de projetos comuns e da capacidade de gestão de conflitos, respeitando os valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz.

Aprender a Fazer: adquirir além da qualificação profissional, competências que tornem a pessoa apta para o trabalho em equipe e o enfrentamento das mais variadas situações.

Aprender a Conhecer: combinar uma cultura geral e vasta com o aprofundamento em alguns conhecimentos, aprendendo a aprender para beneficiar-se das oportunidades educativas ao longo de toda a vida. (UNESCO, 2003).

Esses pilares são uma formulação que surge como mapa e bússola para orientar os educadores dando maior segurança em um mundo complexo da relação ensino-aprendizagem (IAS, 2004:47).

A aprendizagem é considerada como “um processo por meio do qual o educando apreende, compreende, significa e domina um determinado conteúdo cognitivo, afetivo ou de conduta, no relacionamento consigo mesmo, com os outros com o ambiente onde vive e com tudo aquilo que confere significado e sentido a sua existência” (IAS, 2004:49).

Assim os pilares representam o eixo estruturador que orienta o trabalho de educação pelo Esporte. Eles são aplicados ao cotidiano das atividades, orientando tanto as relações educador-educando, educando-educando e educador-educador, onde todos “se colocam na condição de eternos aprendizes” (IAS, 2004:51). O esporte, a atividade central e os pilares da educação representam ferramentas que transformam potencialidades e riquezas das crianças e adolescentes em competências e capacidade de agir sobre suas vidas e sobre o mundo que os cerca.

E, no universo desse trabalho, há de se compreender que o esporte faz parte da sociedade, tanto quanto a sociedade faz parte do esporte (DaMATTA, 1982). É impossível compreender uma atividade sem referência a totalidade na qual está inserida. Como o carnaval, o futebol, no Brasil, abre a possibilidade da expressão individualizada e livre, quando alguém pode revelar-se como é, com suas habilidades e fraquezas, sem que, com isso, coloque em risco sua rede de relações pessoais.

Afirma ainda DaMATTA (1982) que cada sociedade tem o futebol que merece, pois nele se deposita uma série de questões e demandas que lhe são relevantes. Assim o futebol brasileiro não é apenas uma modalidade esportiva com regras próprias, técnicas determinadas e táticas específicas; não é apenas manifestação lúdica do homem brasileiro; nem tampouco é o ópio do povo, como preferem alguns. Mais que tudo isso, o futebol é uma forma que a sociedade brasileira encontrou para se expressar. É uma maneira do homem nacional extravasar características emocionais profundas, tais como paixão, ódio, felicidade, tristeza, prazer, dor, fidelidade, resignação, coragem, fraqueza e muitas outras coisas.

Ao recorrer às produções sobre o passado do futebol brasileiro tem-se a impressão de estarmos sempre lendo os mesmo textos com variações não significativas. Em quase toda a produção sobre a história do futebol brasileiro encontram-se três momentos narrativos integrados que falam da chegada do futebol inglês e elitista ao Brasil, da sua popularização e do papel central do negro nesse processo (HELAL, 2001:13). Ao longo do século o futebol firmou-se como um das atividades que preocupam os brasileiros. O preocupar pode ser entendido como de ocupação da coisa em relação a outras. Mas podemos entender também que o futebol nos ocupa quando não estamos ocupados, então no tempo livre ou de lazer.

Há algum tempo os cientistas sociais pouco se ocupavam com o futebol que era, isso sim, preocupação do jornalismo esportivo, dos políticos e das pessoas da rua. Mais ainda, a corrente principal das ciências sociais considerava o futebol como uma coisa que distanciava o povo das “preocupações verdadeiras” (HELAL, 2001:9). O futebol era visto como formando parte dos processos de alienação das massas. Os ventos mudaram o rumo da prosa e hoje talvez sob o furacão do culturalismo e da importância concedida à identidade, à crítica da alienação foi banida e as folhas da valorização da cultura e identidade local formam o piso que pode ser andado. Depois de tudo o brasileiro pode gratificar-se dizendo que: o Brasil tem o melhor futebol do mundo.

De acordo com HELAL (2001) o futebol é uma dimensão importante tanto no caso da sociedade brasileira quanto de outros. Futebol, alegrias, festa, carnaval, música são temperos recorrentes dessa construção, pois ele é visto como o teatro da vida. Para DaMATTA (1982) o futebol é uma metáfora perfeita pois no jogo, como na vida há um limite de tempo. O jogo da vida termina um dia ao passo que o jogo e a vida continuam sempre. As regras delimitam ações e tempo, assim abrem, paradoxalmente, o jogo para a eternidade. É precisamente o instante em que a regra não pode ser cumprida ou que ela foi levada até às últimas conseqüências, o momento mágico que imortaliza.

Podendo fazer esse paralelo entre o jogo e a vida é que se percebe a necessidade de uma dimensão pedagógica desse esporte em particular. Tanto SANTOS NETO (2002) como MELO (in CARRANO, 2000) e RUBIO (2004) contam que o futebol foi introduzido como forma de “controlar” os impulsos dos jovens, preparando os futuros líderes do imenso Império Britânico, propagando valores, como cavalheirismo, boa conduta e honestidade. O futebol, que começou nas escolas das camadas mais ricas da

população, passando a ser praticado também em clubes da burguesia, logo foi difundido por todas as classes sociais.

Nas pesquisas realizadas há forte contradição sobre a chegada desse esporte no Brasil. Todos são unânimes ao dizer da contribuição de Charles Miller na propagação do futebol desde 1894, porém há um estranhamento quanto à disseminação desse esporte pelo país em tão pouco tempo (MELO in CARRANO, 2000:17). Para esse autor antes da chegada de Miller já se praticava esse esporte seguindo as normas padronizadas na Inglaterra em alguns locais. Vários autores (COSTA,1999;MELO, 2000; TOLEDO 2000; SOARES 2001; SANTOS NETO 2002) contam que o futebol chegou ao Brasil, 1894, através das escolas, nos colégios jesuítas – Colégio São Luiz (Itu-SP) e no Colégio Anchieta (Nova Friburgo - RJ) e foi quebrando barreira entre os representantes da Igreja Católica, que por trás desse aspecto pedagógico a igreja trabalhou a “pasteurização” do esporte, isto é, não era mais uma prática desorganizada da população, mas uma verdadeira instituição, com regras padronizadas e direção clara.

Um dito popular afirma que futebol, política e religião não podem ser discutidos e esse trabalho considera exatamente o contrário, pois a questão central é realmente discutir e questionar o futebol para que sua compreensão saia das “quatro linhas” de campo e ganhe repercussões na vida.

Tendo o futebol a necessidade do coletivo, sempre esteve ligada simbolicamente a outras manifestações populares como já citadas. Por esse motivo deve ficar claro que esse esporte não é exclusivo do educador de Educação Física/Esporte, por mais que ele tenha condições de trabalhar também com questões de valores presentes à vida dos educandos, mas o futebol pode (e deve) ser, por exemplo, uma temática geradora trabalhada por / entre várias disciplinas.

Definida por WILLIANS & STRAUB (1991), como identificação de compreensão de teorias e técnicas psicológicas que podem ser aplicadas ao esporte com o objetivo de maximizar o rendimento e o desenvolvimento pessoal do atleta, ou ainda segundo WEINBERG & GOULD (1995) como estudo científico de pessoas no contexto do esporte ou exercício, a atividade esportiva possui diversas vantagens quando se pensa em um trabalho socioeducativo. Abrange, diretamente, as questões relacionadas à saúde física e mental daqueles que a praticam, possibilitando a emergência de inúmeras características inerentes à prática de uma modalidade esportiva. O esporte é assim um excelente instrumento expressivo para o ser humano ir além do condicionamento físico apenas, possibilitando ao praticante trabalhar questões como: integração, cooperação, motivação, inclusão/ exclusão, comunicação, entre outras. Ou seja, é um ótimo veículo para ilustrar a educação para a vida.

A participação em uma prática como o esporte seja em fase competitiva ou de treinamento, não é garantia para que as questões acima citadas sejam efetivamente atingidas. A prática pela prática somente, não é garantia para tal. Quando não existe uma proposta político-pedagógica mais coerente e consistente, para o ensino e reflexão dos conteúdos relacionados ao esporte, o que prevalece nessa prática é a reprodução, supostamente ingênua, de uma educação pelo movimento baseada no treinamento esportivo e na aptidão física, bem como, a prática desprovida de crítica social do esporte enquanto produto estereotipado e de consumo de massa da Indústria Cultural. O repasse de técnicas esportivas nas oficinas de esportes e a prática esportiva desvinculada de qualquer crítica de valores conservadores, apenas com fins utilitaristas de manutenção de saúde física e de ocupação alienada do tempo livre, não têm qualquer relação com a educação transformadora pretendida. Mas, que características tem a prática esportiva que

contribui para a manutenção do *status quo*? Qual(is) alternativas para promover um ensino com o esporte como eixo que ajude a promover a autonomia dos praticantes e que os leve a construção de outros valores e posturas nas relações sociais que estabelecem? Para tanto, torna-se fundamental a necessidade de uma mediação/intervenção entre a atividade esportiva e os conceitos a ela inerentes.

Por mediação/intervenção, compreende-se a capacidade de elucidar e presentificar as inter-relações da dinâmica esportiva, facilitando e explorando tais relações entre os atores participantes. Os mediadores por sua vez, são os profissionais ligados à atividade esportiva (como os técnicos), trabalhando conjuntamente com outros profissionais, (nesse caso educadores sociais) para que as especificidades de cada área possam complementar-se.

De acordo com MARQUES & KURODA (2000), o desenvolvimento humano deve ser pensado como um processo que se estabelece entre uma relação dialética do sujeito com a realização da tarefa que se apresenta. Ao mesmo tempo em que a criança ou adolescente deve contar com condições prévias e básicas no que se refere aos domínios motor, emocional, cognitivo e social para o desempenho da tarefa, vai somando ao seu repertório condições melhores desses mesmos domínios enquanto a realiza, pois pratica atividades que estimulam capacidades cognitivas, sociais e motoras, entre outras, construindo seu aprendizado e estimulando seu desenvolvimento.

A importância da mediação/intervenção na aprendizagem, seja ela empreendida pelos educadores, educadores físicos e psicólogos, se faz fundamental nesse processo, pois segundo VYGOTSKY (1998: 115), o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica em um processo pelo qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que os cercam. Aqui estão envolvidas questões relacionadas à prática esportiva,

tais como a importância da formação de uma cultura corporal, o autoconhecimento de potencialidades e os limites do corpo, a formação da base motora para execução de movimentos durante a prática esportiva, o oferecimento de experimentação para futuras escolhas, etc.

Será papel dos educadores sociais facilitar e mediar a troca de experiências nesses diversos níveis buscando um contato mais próximo com as questões que serão trabalhadas conjuntamente com o técnico de Educação Física para a partir daí, elaborar as atividades que objetivem ressaltar a integração, comunicação, cooperação, etc. Assim sendo, configura-se a importância de um profissional que possa contribuir na mediação das relações que a criança e o adolescente estabelecem com o outro e com o mundo, aonde os papéis do técnico / educador / psicólogo, vão além da simples reprodução de um modelo pré-concebido, contribuindo na formação de indivíduos, não apenas em relação aos conhecimentos adquiridos, como também para a realização como ser humano, preparando-o para enfrentar os desafios impostos pela sociedade (MARQUES & KURODA, 2000). Portanto, é fundamental que não se reproduzam apenas modelos preestabelecidos, tentando enquadrar os jovens a eles, mas sim que esses valores sejam construídos conjuntamente com o grupo.

O trabalho do educador social vai além da simples orientação da prática esportiva. Ele busca orientar o adolescente para a vida, contribuindo por este meio, para questões mais amplas, auxiliando na construção da identidade do indivíduo praticante da atividade física e do esporte (RUBIO et al., 2000).

Trabalhar por meio desta proposta de educação desveladora-transformadora traz questões como, por exemplo, a formação de valores, cidadania, relações interpessoais, pode oferecer a seus praticantes e mediadores algumas alternativas para lidarem com os

desafios que são e serão apresentados durante a prática esportiva, como também com os que possam surgir ao longo de suas vidas (MARQUES & KURODA, 2000). A educação desveladora-transformadora é aquela capaz de proporcionar a curiosidade ao educador e educando, que realizam no ato pedagógico experiências de produção, construção e socialização de conhecimentos, também construam e vivenciem projetos alternativos de convívio em sociedade, criticando e transformando valores conservadores, casando com o ideal de vida melhor individual e coletivamente de cada pessoa.

Esse ideal, de um corpo coletivo formado por indivíduos que se autodeterminam e lutam conscientemente por direitos comuns, vem ao encontro da expressão de cidadania ressaltada por MANZINI-COVRE (1996), enquanto categoria que pode ser elaborada, apropriada e utilizada pelos educandos. A cidadania pode ser reedificada por eles como um valor universal da humanidade. Essa expressão de cidadania assumida e exercida, conscientemente, pelos educandos, pode ser entendida como uma cidadania ativa. Sendo que a conquista da cidadania ativa pelos indivíduos é indispensável para a construção de um novo projeto civilizatório, que se materializa em uma “democracia ‘de baixo para cima’, uma democracia econômica, política e social”, como nos aponta GRAMSCI (1978). Para o surgimento desse novo projeto de sociedade há a necessidade de que as pessoas adquiram uma consciência crítica enquanto “seres sociais”, que as tornam capazes de intervir na realidade, tendo a cultura como espaço de desenvolvimento desse tipo de consciência.

Capítulo VII

AS CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE

O autor não necessita muitas apresentações, fala por si só em suas diversas obras, além de ecoar muito além das mesmas, até em sua posteridade. Essa abordagem do pensamento de Paulo Freire, norteador desse trabalho, pretende esclarecer alguns dos principais elementos de suas perspectivas de educação libertadora. Muito embora o destaque fique para os pressupostos antropológicos que representam a visão de homem e de suas relações com outros e com o mundo, o foco ficará, sobretudo, no discurso do seu livro da pedagogia da autonomia com ênfase na práxis.

Para BOUFLEUER (1991)¹³ o inacabamento em Freire caracteriza o homem como um ser em busca, em construção. A tomada de consciência disso constitui a raiz da própria educação, principalmente por ser esse aspecto que distingue o homem dos animais.

Como seres históricos, capazes de decidir, criar, produzir, transformar e comunicar, os homens estabelecem relações com o mundo. As diversas conotações dessa relação vão caracterizar o modo tipicamente humano de ser no mundo, diferenciando-o daquele da esfera puramente animal (BOUFLEUER, 1991 p. 21).

A primeira dessas conotações é a da *pluralidade*. Apresenta-se ao homem uma grande variedade de desafios. Essa dimensão inerente às relações do homem para com o mundo resulta, em última instância, da não determinação instintiva dos atos humanos.

A segunda conotação presente nessa relação é a da *criticidade*. Trata-se de uma apreensão reflexiva dos dados objetivos da realidade onde os diversos elementos são

¹³ Autor fez, no seu trabalho de mestrado uma comparação entre Paulo Freire e Enrique Dussel.

vistos nas suas inter-relações. Ela caracteriza o esforço humano em apreender as leis que governam os fenômenos, seus nexos causais, seus “por quês” (BOUFLEUER, 1991: 23). Para o autor outra característica como mundo é a *transcendência*. Essa significa a capacidade de auto-objetivar-se, permitindo “*reconhecer órbitas existenciais diferentes, distinguir um ‘eu’ de um ‘não eu’*” (FREIRE, 1987:40). Para o homem, a transcendência também está na consciência, como foi visto, da finitude, do ser inacabado que é”.

Nas relações com o mundo o homem também descobre a sua temporalidade. Tal consciência resulta do discernimento do passado, do presente e do futuro e trás um dimensionamento do tempo na historicidade.

Finalmente, as relações do homem com o mundo impregnam-se de um *sentido conseqüente* (BOUFLEUER, 1991). Este provém da consciência da historicidade e consiste na possibilidade de uma ação interferidora no mundo. O homem não permanece diante da realidade como um ser passivo. Ele a modifica.

Para FREIRE (1987), o homem nas relações com o mundo, se integra no seu contexto. Tal integração deve ser vista como uma determinação recíproca. A realidade condiciona e desafia o homem. Este responde criativamente, transformando-a em seu benefício. Por causa dessa dialética entre os condicionamentos e sua criatividade, o homem, em suas relações com o mundo, se manifesta como ser de história e de cultura.

De acordo com BOUFLEUER (1991) as sociedades que vivem a passagem de uma época para outra são “*sociedades em trânsito*”. Para acompanhar sua dinamicidade Freire diz que “é necessário que os homens que as compõem tenham um espírito flexível, aberto e crítico”. A contradição entre valores de um passado, que insiste em preservar com os de um amanhã, em busca de afirmações, torna a fase de trânsito um tempo dramático, desafiador e de opções. Para o autor a importância de captar criticamente as tarefas que

correspondem à época histórica cuidando para não ser transformado em joguete de expectativas alheias.

Na introdução do livro *Pedagogia da Autonomia - "PRIMEIRAS PALAVRAS"* (FREIRE, 2003, p.13-20)- Freire esclarece insistindo que formar um(a) educando(a) é muito mais que treinar e depositar conhecimentos simplesmente (principalmente na área da Educação Física/Esporte é mais do que ensinar técnicas de desenvolvimento motor). E que, para formação, necessita-se de **ética** e **coerência**. Complementa que as mesmas precisam estar vivas e presentes na prática educativa (sendo esta a responsabilidade como agentes pedagógicos).

Esta prática educativa deve vir sem interesses lucrativos, sem acusações injustas, sem promessas inalcançáveis, sem discriminação racial, social ou de gênero, sem mediocridade e/ou falsidades. Daí a importância do respeito às diferentes posturas profissionais dos outros profissionais e a necessidade constante de busca de conhecimentos e atualização (formação científica). Ele fala da esperança e do otimismo necessários para mudanças dentro deste contexto e nunca se acomodar, pois *"somos seres condicionados, mas não determinados"* (FREIRE, p.17, 2003).

Quando fala que *"não há docência sem discência"* (FREIRE, 2003, p. 21-46), apresenta exemplos de diferentes tipos de educadores: críticos, progressistas e conservadores. Apesar destas diferenças, todos necessitam de saberes comuns tais como:

- Saber dosar a relação teoria/prática;
- Criar possibilidades para o(a) educando(a) produzir ou construir conhecimentos, ao invés de simplesmente transferir os mesmos;

- Reconhecer que ao ensinar, se está aprendendo; e não desenvolver um ensino de "depósito bancário", onde apenas se injetam conhecimentos acrílicos nos educandos!

Paulo Freire ressalta a necessidade de uma reflexão crítica sobre a prática educativa. Sem essa reflexão, a teoria pode ir virando apenas discurso; e a prática, ativismo e reprodução alienada.

Adverte para não se assumir demasiado convictos de certezas e que todo novo conhecimento pode superar o já existente, sendo necessário ao Educador(a) sempre exercer o hábito da **pesquisa** (capacitação profissional e promoção social para evitar tornar-se obsoleto), para poder saber o que ainda não sabe e comunicar as novidades aos educandos(as), fazendo que a curiosidade dos mesmos transite da ingenuidade do senso comum à "**curiosidade epistemológica**" (FREIRE, 2003, p.29), carregada de **críticidade**. O ato de ensinar deve exigir o desenvolvimento deste senso crítico no educando.

Toda teoria deve ser coerente com a prática cotidiana do educador, que passa a ser um modelo e influenciador de seus educandos: não seria convincente falar para os educandos que o alcoolismo faz mal à saúde e tomar bebidas alcoólicas, deve-se ter 'raiva' da bebida, pois a emoção é o que move as atitudes dos cidadãos e estas partem do conhecimento, do respeito aos outros e a si mesmo, ressaltando que na verdadeira formação docente devem estar presentes o exercício da criticidade ao lado do reconhecimento das emoções - um aprendizado próximo, sem a frieza e mecanicismo do simples fato de aprender e receber conhecimentos.

Diversas vezes, o autor fala da "*justa raiva*" (FREIRE, 2003, p.40) que tem um papel altamente formador na educação. Uma raiva que protesta contra as injustiças, contra

a deslealdade, contra a exploração e a violência. Esta "justa raiva" pode ser definida com aquele desconforto ou incômodo (provocação) sentido diante dos quadros descritos acima.

O docente deve também ensinar a pensar. E é somente "*quem pensa certo, mesmo que às vezes pense errado, quem pode ensinar a pensar certo*" (FREIRE, 2003, p. 27). O autor acredita que ensinar exige **rigorosidade metódica** e o dever do educador democrático é reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão.

A prática educativa em si deve ser um testemunho rigoroso de decência e de pureza, já que nela há uma característica fundamentalmente humana: o **caráter formador**. Para isso, o educador deve se utilizar a **corporeificação** (FREIRE, 2003, p.29) das palavras como exemplo.

Faz parte do pensar certo a "*disponibilidade ao risco, a aceitação do novo e a utilização de um critério para a recusa do velho*" (FREIRE, 2003, p.35). Também está presente no pensar certo a rejeição a qualquer tipo de discriminação. E quando se ensina a pensar certo, deve-se tratar o pensar certo como algo que se faz e que se vive enquanto dele se fala com a força do testemunho e a coerência.

FREIRE (2003) destaca a importância de propiciar condições aos educandos, em suas relações uns com os outros ou com o(a) educador(a), de ensaiar a experiência de assumir-se como uma pessoa social e histórica, que pensa, se comunica, tem sonhos, que tem raiva e que ama. Isto desnuda o agente pedagógico e permite que se rompa a neutralidade do mesmo(a). Acredita que a educação é uma forma de intervenção no mundo, que não é neutra, nem indiferente, mas que pode implicar tanto no desmascaramento da ideologia dominante como mantê-la.

O autor também ressalta o quanto pode representar um determinado gesto do educador na vida de um educando e da necessidade de refletir seriamente sobre isso, já que nas escolas fala-se exclusivamente do ensino dos conteúdos e não há uma ampla compreensão do que é educação e do que é aprender: "*Ensinar exige respeito aos saberes do educando*" (FREIRE, 2003, p.30) e aos seus interesses e realidade também.

A construção de um saber junto ao educando depende da relevância que o educador dá ao contexto social, à tradição da comunidade à qual ele trabalha para conseguir aproximar os conteúdos da realidade vivida, compondo um diálogo aberto com o(a) educando(a), que mostra a "razão de ser" do conhecimento, colaborando portanto com o interesse ou *curiosidade epistemológica* já mencionados.

FREIRE (2003) ao se referir que "ensinar não é transferir conhecimento", retoma em sua fala a necessidade dos educadores criarem as possibilidades para a produção ou construção do conhecimento pelos educandos (as), num processo em que o educador e o educando não se reduzem à condição de objeto um do outro. Insiste que "*...ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção*" (FREIRE, 2003, p. 47), e que o conhecimento precisa ser vivido e testemunhado pelo agente pedagógico.

Esse raciocínio existe porque há seres humanos e, como tal, tem consciência que somos inacabados: seria a inconclusão existencial de todo ser humano (FREIRE, 2003, p. 50). É esta consciência que nos motiva a pesquisar, conhecer e mudar "*o que está condicionado, mas não determinado*" (FREIRE, 2003, p.53). Passa assim, a ser sujeito e não apenas objeto da história, pois as situações não devem ser vistas como fatalidades e sim como estímulo para mudá-las.

Todos precisam ser respeitados pela sua autonomia, por isso uma auto-avaliação dos educandos seria um bom recurso utilizado dentro da prática pedagógica, além do cuidado com o espaço físico usado nesta. É enfático ao dizer que o respeito à autonomia e à dignidade de cada indivíduo é um imperativo e não um favor que pode ou não ser concedido uns aos outros. Deixa claro que a transgressão da eticidade necessita ser entendida como uma ruptura com a decência, uma transgressão à natureza humana, uma imoralidade inconcebível (FREIRE, 2003, p. 59-60).

Para chegar ao conhecimento, educadores e educandos precisam de estímulos que despertem a curiosidade e conseqüentemente a busca. Mas a curiosidade de um não pode inibir a do outro, devem ser complementares. E, com isso, vão se criando saberes provisórios como uma "bola de neve".

O educador, além de obter conteúdos programáticos para desenvolver em suas aulas, deve buscar didáticas que cansem e instiguem seus ouvintes, mas este cansaço deve ser ocasionado pela tentativa de acompanhar o raciocínio e não pelo desinteresse de conteúdo.

O **bom senso** do educador diz para ser coerente, diminuindo a distância entre o discurso e a prática (FREIRE, 2003, p.61). Ele é quem pautará se a sua autoridade no processo não é autoritarismo e também deixa claro a ele que há algo que precisa ser sabido frente a algum problema.

Ensinar exige **humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educandos e exige também, a apreensão da realidade** (FREIRE, 2003, p.66).

Para Paulo Freire (2003) ensinar exige a convicção de que a mudança é possível, pois a história deve ser vista como uma *possibilidade* e não uma *determinação*. Para mudar, deve-se ser esperançoso, ou seja, ter esperança de que se pode ensinar e

produzir junto com os educandos para resistir aos obstáculos a nossa alegria. Mas para cobrar e lutar ideologicamente por mudanças e respeito profissional, o educador não pode ver a prática educativa como algo sem importância. Neste sentido, faz-se necessário mostrar e demonstrar esta esperança e espírito de revolução. E nessa área de atuação, que é imperativa nesse trabalho, nota-se muitas vezes este descaso, por parte dos outros educadores, do educando e até mesmo por colegas de profissão.

O educador não deve inibir ou dificultar a curiosidade dos educandos, muito pelo contrário, deve estimulá-la, pois dessa forma desenvolverá a sua própria curiosidade. E ela é fundamental para evocar a imaginação, intuição, capacidade de comparar, transformar e transcender.

Quando se refere que "*Ensinar é uma especificidade humana*" Freire (2003, p. 91) mostra a necessidade de **segurança**, do conhecimento e da **generosidade** do educador para que tenha **competência, autoridade e liberdade** na condução de suas atuações. Defende a necessidade de exercer a autoridade docente com a segurança fundada na competência profissional, aliada à generosidade. Acredita que a disciplina verdadeira não está "*...no silêncio dos silenciados, mas no alvoroço dos inquietos*" (FREIRE, 2003, p.93), na esperança que desperta o ensino dos conteúdos, implicando no testemunho ético do educador- isto seria a autoridade coerentemente democrática.

Ensinar exige **comprometimento** (FREIRE, 2003, p.96), sendo necessário que se aproxime cada vez mais os discursos das ações. Sendo educador, é necessário interpretar as entrelinhas do que ocorre no espaço escolar e estar ciente de que a sua presença nesse espaço não passa despercebida pelos educandos (as).

Para ele, a **Pedagogia da Autonomia** (FREIRE, 2003, p.94-96) deve estar centrada em experiências estimuladoras da decisão, da responsabilidade, ou seja, em

experiências respeitadas da liberdade. Para isso, ao ensinar, o educador precisa ter **liberdade e autoridade** (FREIRE, 2003, p.104), em que a liberdade deve ser vivida em plenitude com a autoridade.

É na **diretividade da educação**, que aquilo que o autor chama de "politicidade da educação", traz a política como algo inerente à própria natureza pedagógica, como algo oposto à neutralidade frente aos acontecimentos da escola, da sociedade, da vida. Alerta para se tomar cuidado com o **discurso ideológico** (FREIRE, 2003, p. 127), do qual a educação também faz parte, pois ele ameaça anestesiar a mente, confundir a curiosidade, distorcer a percepção dos fatos, das coisas, dos acontecimentos. Para que isso não ocorra faz-se necessário ter uma desconfiança metódica que protege de tornar-se absolutamente certos de todas as certezas.

O educador como ser político, emotivo, pensante não pode ter atitudes neutras, deve sempre mostrar o que pensa, apontando diferentes caminhos sem conclusões, para que o educando procure o qual acredita, com suas explicações, se responsabilizando pelas conseqüências e construindo assim sua autonomia. Para que isso ocorra deve haver um balanço entre autoridade e liberdade. Destaca que somente quem sabe **escutar** (FREIRE, 2003, p. 113-116) é que aprende a falar com os educandos. E é somente quem escuta paciente e criticamente, que é capaz de falar com as pessoas.

Ensinar exige querer bem aos educandos e isso não significa querer bem igual a todos os educandos, mas sim dizer que a afetividade não assusta e que não existe receios em expressá-la, com apreensão quanto a perder a famosa "**seriedade docente**" em contrapartida à **afetividade**.

Finaliza dizendo que a atividade docente é uma atividade **alegre por natureza**, mas com uma **formação científica séria** e com a **clareza política dos educadores**. Daí a

necessidade de saber lidar (Socioeducação) com esta dualidade, pois se deve estimular a alegria em nossas práticas, mas sempre carregada do caráter de cientificidade e conhecimentos teóricos, para que a área não caia na rotulação de ser apenas recreação, descontração ou do lado contrário de ser apenas uma obrigação que deve ser “assinada” sem conhecimentos específicos.

Foi somente a percepção de que homens e mulheres são seres "*programados, mas para aprender*" e conseqüentemente para ensinar, conhecer e intervir que faz o autor entender a prática educativa como um exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos, não somente transmitindo conhecimentos, mas redescobrimdo, construindo e ressignificando estes conhecimentos, além de transcenderem e participarem de suas realidades históricas, pessoais, sociais e existenciais.

Mesmo com todos os empecilhos para esse trabalho de atender e educar (condições de trabalho, salários baixos, descasos, formas de avaliação), ainda há muitos educadores exercendo sua função de uma maneira eficaz. Com certeza isso se deve ao que o autor chama de “**vocação**”, que significa ter afetividade, gostar do que faz, ter competência para uma determinada função e acreditar que mesmo não conseguindo mudar o mundo, muita coisa é possível ser mudada através da prática educativa.

Capítulo VIII

REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICA

Neste estudo, de investigação qualitativa, a palavra teoria assume o caráter já descrito por FREIRE (2003). O que se busca é seu uso no mesmo sentido da palavra paradigma, que segundo GUBA E LINCOLN (1994) “paradigmas são como um sistema de crenças básicas que guiam o investigador”. Essas crenças básicas dizem respeito aos princípios e pressupostos sobre a natureza da realidade investigada (pressuposto ontológico); sobre o modelo de relação entre o investigador e o investigado (pressuposto epistemológico) e sobre o modo como podemos obter conhecimento da dita realidade (pressuposto metodológico).

No Brasil a pesquisa-ação ocupa um espaço crescente na área da pesquisa educacional. Ela é principalmente concebida como metodologia derivada da observação antropológica e como forma de comprometimento dos pesquisadores com causas populares relevantes. Dentro de uma concepção do conhecimento que seja também ação, podemos conceber e planejar pesquisas cujos objetivos não se limitem à descrição ou à avaliação. No contexto da construção ou da reconstrução do sistema de ensino não basta descrever e avaliar. Precisamos produzir idéias que antecipem o real ou que delineiem um ideal.

Nesse sentido como pesquisador tento definir novos tipos de exigências e de utilização do conhecimento para contribuir para a transformação da situação. Isto exige que as funções sociais do conhecimento sejam adequadamente controladas para favorecer as condições do seu uso efetivo.

Dentro de um equacionamento realista dos problemas nesse campo das medidas socioeducativas tal controle visa minimizar os usos meramente burocráticos ou simbólicos e

maximizar os usos. Por esse motivo a escolha da pesquisa-ação como orientação metodológica é ter condições de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivos, inclusive ao nível pedagógico.

OBJETIVO GERAL

Esse estudo tem a finalidade de investigar o uso do potencial educativo da prática esportiva na educação não formal como meio para a construção e o exercício da cidadania ativa de atendimento alternativo direto para adolescentes inseridos nas medidas socioeducativas em meio aberto da Capela do Socorro, visando implantar com a pesquisa-ação um novo paradigma metodológico para acompanhar e orientar adolescentes autores de ato infracional, sua família e entidades de inserção.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS DA PESQUISA

- Estudar a linguagem alternativa e o potencial educativo da atividade física.
- Desenvolver capacidade produtiva.
- Adquirir conhecimentos e informações.
- Acompanhar e orientar adolescentes cumprindo medida socioeducativa.
- Fomentar uma sensibilização para a transformação social e política a partir da sua própria atuação.
- Capacitar para autonomia e para a condição de agente multiplicador.

A ENTRADA EM CAMPO

Em julho de 2002, cheguei ao CEDECA Interlagos para ser educador social e acompanhar os adolescentes em LA da região do Grajaú. Três meses depois assumi a coordenação do projeto ficando distanciada da lida direta com os jovens. Não demorou muito e no ano seguinte tinha feito um estudo das possibilidades de aplicar o projeto do FUTEBOL LIBERTÁRIO com atendimento direto e na perspectiva do pesquisador.

Houve aceitação por parte da diretoria da proposta, mas não havia recurso disponibilizado. Assim fui em busca de quem pudesse financiar esse projeto e finalmente foi possível. Não era um campo estranho o atendimento, mas pensar em novos paradigmas do atendimento era assustador. Não sabia qual seria o resultado dessa pesquisa-ação, mas já estava contente por poder tentar mudar a realidade que estava.

A minha principal pergunta no início do trabalho era: *“seria possível utilizar o futebol como elemento educativo crítico, ou seja, sem fazê-lo perder a sua especificidade enquanto esporte/ jogo aproveitá-lo como um instrumento de transformação social?”* Em outras palavras: - poderiam os envolvidos neste processo pedagógico de aprendizagem do futebol incorporarem, ao mesmo tempo, através da prática e da reflexão, uma nova concepção de esporte e de relacionamento humano, calcada em princípios que combatam o individualismo, a vitória a qualquer custo, o autoritarismo, as mais diversas expressões de discriminação e preconceito (racial, sexual, cultural etc.), entre outros valores que nos distanciam de uma sociedade verdadeiramente justa e democrática?

Com essa inquietação resolvi iniciar o trabalho.

Procedimentos éticos para inclusão dos sujeitos na pesquisa

O consentimento para a realização da pesquisa com os sujeitos foi obtido de formas diferentes. A primeira aprovação aconteceu após leitura detalhada da proposta e aprovada em reunião de diretoria, que permitiu a realização do estudo dentro da organização.

Segundo passo foi verificar com os educadores responsáveis pelo acompanhamento para que fizessem a seleção e abrissem mão do acompanhamento direto. Para tanto foi necessário aproveitar uma reunião de equipe do projeto para explicar os objetivos do trabalho e as conseqüências das responsabilidades do acompanhamento.

Em seguida, após seleção dos educadores os jovens com seus respectivos familiares foram chamados para uma entrevista com o pesquisador e com o educador de referência onde foram explicados os procedimentos, objetivos e a mudança na forma de atendimento.

Os jovens não apresentaram resistência e gostaram da proposta, ao passo que alguns familiares precisaram de maiores esclarecimentos quanto à proposta, mas consentiram (assinando documento modelo anexo) alegando que faziam isso em nome da confiança estabelecida com a entidade.

Para todos o contrato foi de cumprir o que diz o texto de lei no sentido de cuidar para não divulgar informações que possam comprometê-los com a identificação e associação com as medidas socioeducativas.

Participantes

Esta pesquisa atendeu 18 adolescentes, de ambos os sexos, na faixa etária de 12 a 17 anos e 11 meses, inseridos (as) nas medidas socioeducativa em meio aberto na sua grande maioria em Liberdade Assistida.

Os adolescentes passaram por um processo de seleção realizado pelos educadores responsáveis e estavam inseridos na medida por pelo menos um mês, assim como os adolescentes que cumprem por prazo indeterminado ou por seis meses. A tentativa foi de que pudesse ser solicitado o encerramento da medida juntamente com o término do prazo da pesquisa.

Para que o leitor possa entender melhor o público que foi atendido farei uma breve apresentação de cada participante, procurando contar em linhas gerais o cenário que estava envolvido e o caminho percorrido até a medida. Por uma questão de preservação dos direitos os nomes foram mantidos em sigilo apresentando apenas as iniciais, a idade e a descrição ficou a cargo da interpretação do investigador do material coletado em entrevista e análise da pasta social.

Aaésse, 17 anos.

É época de Natal. A mídia chama às compras. Todos os dias são iguais para Aaésse, jovem negro da periferia. Acorda às 7:30, toma banho, café e vai para o Curso gratuito oferecido na comunidade; vai para a casa, não almoça. Corre para a escola. Mas ele gosta mesmo é de ouvir som, soltar pipa, jogar futebol, ping pong, e andar de bicicleta – emprestada. Costumeiramente às 20:30 já está dentro de casa, conta sua mãe. Ela tem 39 anos, natural de São Paulo, estudou até a terceira série do primário e passou boa parte de sua vida como faxineira, e atualmente está separada do marido e desempregada. O pai dele conheceu moça mais jovem e seguiu seu coração. Não esqueceu dos filhos. Está em Guarulhos e regularmente os leva para passar os finais de semana por lá e ainda garante a pensão alimentícia. Ele adora o pai. Está morando na casa que pertence ao tio materno de 53 anos, ajudante de pedreiro. Moram, ainda, seus irmãos, 18 anos, estudante do ensino fundamental e trabalha como ajudante de pedreiro; a avó materna de 71 anos, aposentada e com sérios problemas de saúde. A casa é um sobrado de alvenaria em reforma, com a infra-estrutura dos serviços precários da rede pública. A situação financeira segundo eles é controlada.

Cinco dias antes do Natal o jovem é recolhido a 48° DP, por ter cometido um ato infracional equiparado a roubo. Junto com Vegeesse abordaram um pedestre, subtraíram R\$ 35,25 e saíram correndo pela via até que foram abordados. Isso tudo as 10:00h, quando deveriam estar em sala de aula onde está cursando o quarto ano do Ciclo II do Ensino Fundamental. O presente da família foi a liberação do jovem que foi inserido em LA sem prazo determinado. No jogo da vida ficou esperando a próxima jogada.

Cêagate, 17 anos.

Não conheceu o pai. Sua mãe procurou substituir essa figura paterna logo aos três meses de vida. Foi criado pela mãe e padrasto. Quando pequeno, teve crises convulsivas necessitando de uma medicação muito forte. Quando tinha seis anos, com uma faca, tentou separar a briga dos pais e apanhou muito, com socos inclusive. Aos nove, foi “recrutado” pelo narcotráfico. Como tem muito potencial logo passou a ter o respeito desejado. Desde a morte do primo em 99, tem investido no crime. Nove ocorrências registradas. Foi detido várias vezes. Nenhuma medida em meio aberto ou semi-aberto conseguia deter o desejo de crescer na “carreira” do crime organizado. Devido o álcool, as constantes brigas e o envolvimento do jovem com a criminalidade, o casal se separou quando ele tinha 13 anos. O mundo infracional era seu ponto de referência. Passou a não levar desaforo para casa. Um dia, por causa de briga de rua o jovem cometeu um assassinato, na Praia Grande. Com medo da notícia o jovem passou a freqüentar a igreja pedindo perdão pela vida tirada, pois não era a sua intenção. Em março de 2000 foi internado, com restrições de atividades externas. Mas em uma transferência para o Guarujá, fugiu. Foi recapturado em agosto de 2000. Apresentou no período de internação dificuldades com normas de convivência. Conheceu várias unidades de internação: UAI, UAP 6 UI 23, UI 10, UI 23.

A desorganização da família fica evidente quando sua irmã envolve-se com uso abusivo de drogas e prostituição aos 12 anos. Foi internada também. Foi desinternado e colocado em LA por seis meses depois de passar três anos recolhido. Diante da situação dele na baixada santista, onde corre risco de morte o jovem veio para São Paulo morar com a tia. Aqui não conseguiu vencer o ciclo dos atos infracionais. Continua dando como resposta tudo aquilo que aprendeu desde de muito cedo.

Deagaesse, 17 anos.

O jovem negro vive com a mãe de 39 anos, natural da Bahia, analfabeta. Ela veio para São Paulo com os pais que vieram buscar seus sonhos, mas viveram os próprios pesadelos. Ela teve vários relacionamentos diferentes. No primeiro, conviveu por 5 anos e teve dois filhos; um que hoje tem 19 anos e está morando em Quixaba –BA e sua irmã de 18 anos que trabalha como panfleteira. Com o segundo, conviveu por dez anos e também teve dois filhos, incluindo o jovem, que não foi reconhecido oficialmente pelo pai e sua irmã de 14 anos que estuda e está grávida, morando com a sogra. Com o terceiro, que tem uma lanchonete, conviveu por 7 anos e teve um filho que tem seis anos. Hoje, vive com um homem que bebe e bate. Em ambos exagera. O jovem passou boa parte da vida com sua avó materna que procurava dar a educação e os conselhos que não consegue ter dentro de casa. Na época mais dura, aos nove quando os pais se separaram e as coisas ficaram difíceis, o jovem passou três anos de sua vida em uma casa abrigo, onde teve que ser retirado pelo comportamento “arteiro”. Denunciou, muito sutilmente, o descumprimento do ECA, pois falou dos castigos que recebia, como ficar trancado em porão, obrigado a fazer lições especiais e privado de passeios. Aos 14 anos, abandonou a escola, onde cursava a segunda série do ciclo II do ensino fundamental e conheceu, por força dos amigos, a “maconha” - que passa a ser inseparável. De usuário para traficante era um passo. Bastou não ter como alimentar o próprio vício. Não deu outra. Parado na frente da biqueira. Passou a viatura que já conhecia o local. Encarou todo mundo e passou. O suor frio e a tremedeira foram os sinais identificados pelos policiais que deram a volta e abordaram o jovem que estava ali sem atividade aparente. No interior do calçado trinta e um papélotes contendo cocaína e R\$25,00 no bolso. Assumiu o tráfico e não entregou o “patrão”. Foi julgado e pelo ato infracional, somado ao histórico da família cumpriu por 12 meses em LA. Foi para o Castelinho e, como mudou de endereço, foi transferido para o CEDECA, pois sua mãe temia pela sua vida.

Deceó, 18 anos.

Vida de nômade. Sem fincar raízes o jovem vai e vem de Estado em Estado, sem destino certo. Aos 13 anos, sente a necessidade de trabalhar e levar a própria vida, mas não consegue a independência. Entende que dessa forma não dá para viver. Não consegue dar prosseguimento aos estudos e interrompe tudo quando cursava a segunda série do Ciclo II do ensino fundamental. Seus pais se mudaram definitivamente para Pernambuco na cidade de Serra Ilhada, quando tinha 15 anos. Não tinha outra saída, mesmo cuidado pelos irmãos, teve que se virar e trabalhar. Não tinha medo da luta. Aos 17 já residia sozinho, em casa alugada, composta por dois cômodos. O sustento da casa acontecia por ele mesmo que trabalha como Barman, indicado pelo seu irmão Roberto, pelo qual tinha especial dilação. Vida dura, mas possível de viver e conviver. Dia desses, aparentemente normal. Após o expediente, no próprio local de trabalho foi para a internet nas salas de bate-papo. Conheceu uma menina que lhe interessou. Mais íntimo, trocaram telefones. Ele ligou e ficaram bastante tempo trocando galanteios. Seu irmão, que também trabalhava ali ficou bebendo esperando o jovem para ir embora. Ficou alcoolizado. Neste estado ele sempre arruma confusão, agride ou cria conflitos. Não deu outra. Resolveu perturbar. Foi discutindo querendo saber quem era no telefone e por que não iam logo embora. Deceó não revelou o nome e pediu mais uns minutos, mas não adiantou. Roberto partiu para a agressão física. Era mais forte. Sufocou o jovem que no desespero e no momento de mais raiva pegou um objeto em cima do freezer e desferiu um golpe no abdômen de seu irmão. Muito sangue, não sabia o que fazer. Chamou o resgate e a polícia, mas já era tarde, tinha tirado a vida do próprio irmão que o levou a sentir muita culpa. O adolescente foi encaminhado ao 96º DP por envolvimento em ato infracional versando homicídio doloso. Foi levado para Febem. A sentença judicial foi: LA por 12 meses.

Dêceol, 17 anos.

Ser Jogador de Futebol é um sonho alimentado por esse jovem desde tenra idade. Corinthians e São Caetano foram clubes por onde passou. E olha que passou por muitos lugares. A educação do jovem foi marcada por posturas conflitantes que não ofereceram regras e limites coerentes entre o casal. Foi marcada pela violência do pai, passividade e permissividade da mãe.

Seu pai, 34 anos, natural de São Paulo, estudou até a quinta série e exerce a função de vigilante. Teve muitos problemas com álcool e agressividade que culminou na sua separação. Hoje com nova família deixou de beber e mantém relacionamento harmonioso. O jovem inclusive estava morando com o genitor.

Mãe, 32 anos, natural de Pernambuco, estudou até a oitava série e trabalha como ajudante geral. No relacionamento anterior foram gerados três filhos: o nosso protagonista, Diana de 11 anos, estudante e Diego de 03 anos. Atualmente uniu-se a um motorista de locação, 33 anos. O jovem não suporta a forma como a mãe se diverte nas noites. Ficou muito tempo sem os devidos cuidados, pois a mãe estava com uma ferida emocional e não sabia como lidar com os filhos.

Em agosto de 2001 o jovem deu entrada na UAI. Foi abordado com uma jovem em veículo, produto de roubo realizado por ambos, com arma sem munição. Conheceu a UIP 7 e 8 quando tinha apenas 14 anos. Em setembro foi inserido em semiliberdade. Arrumou muita confusão e até seu advogado deixou o caso. Em dezembro, em companhia de Veérreéle, que agrediu um jovem, voltou a ser internado. Saiu da UIP 9 para UI 4. Desta para UI 10. Em outubro recebeu a progressão de medida. Foi transferido para o Castelinho. Hoje entende que sua frustração e agressividade não tem contribuído para realizar seu sonho. Como em todo jogo as dificuldades aparecem e necessitam ser superadas. E nem todas as jogadas da vida são possíveis de controlar.

Deéssea, 18 anos.

História comum? Não chegou a conhecer seu genitor que foi assassinado em briga de bar quando o jovem tinha apenas sete anos de idade. Nesta época sua mãe já morava com o padrasto, pois o pai era alcoólico e desinteressou-se pela família. Família esta que é composta pela mãe, padrasto e os irmãos Anderson de 22 anos, Adriano de 19 e Patrícia, 20.

A mãe, 40 anos, natural de São Paulo, estudou até a segunda série do ensino médio, e trabalha como faxineira; o padrasto, 37 anos, natural de São Paulo, estudou só a primeira série e trabalha como segurança. São evangélicos e freqüentam a igreja Assembléia de Deus. Mas o jovem nem é muito católico.

Falador e às vezes sem limites e sem noção dos conteúdos ditos o jovem consegue se colocar em várias situações que lhe embaraçam. Em 30 de maio de 2000 foi internado na Febem. Junto com um adulto o jovem foi envolvido em roubo de veículos e detido em flagrante. Julgado foi colocado em semiliberdade, no Mandaqui. Não demorou muito o jovem, sem respaldo familiar, cometeu novo ato infracional. Foi preso pelo 11º DP por Roubo Consumado em coletivo onde subtraiu R\$60,00 de uma senhora que voltava de mais um dia cansativo de trabalho. Em sete de agosto de 2001 o jovem recebeu internação.

Alega que na Febem conheceu a maconha da qual não se livrou ainda. Agora não “embola” mais no meio de campo, nem o meio de campo, tem uma medida para cumprir.

Devepeene, 19 anos.

Cora Coralina disse: “feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”. A Coordenadora pedagógica de Creche, que veio há 14 anos da Bahia, para São Paulo, foi pega de surpresa ao ver seu filho algemado, na delegacia e interno na Febem. O pai, pedreiro, tinha construído outros sonhos para seu filho.

Infância privilegiada. Carinho e atenção desejada. Bom filho. Baiano falador e de fácil relacionamento, o jovem mora com os pais e mais dois irmãos: um de 13 anos, estudante e outro com 4 anos. A moradia é própria, composta por quatro cômodos em bairro com infra-estrutura e saneamento básico. Comunicativo, com espírito de liderança, cursa a 3ª série do ensino médio no período noturno, pois durante o dia trabalha como cobrador em peruas de lotação.

Vinte dias depois do aniversário foi detido na 85º DP sendo acusado de ato infracional equiparado a roubo consumado de veículo com mais duas pessoas: um adolescente e um adulto, sobre grave ameaça de morte. O jovem alega que é inocente e que esteve envolvido pelo elemento maior do qual fazia-se acompanhado casualmente. Mas o Juiz da terceira VARA não entendeu que o jovem é inocente. Decretou a internação. Passou um ano e um mês conhecendo a UAI, UIP 6, UI 30 – Franco da Rocha, UI 29. Lá fez teatro, informática e jogou futebol e xadrez. Recebeu várias visitas familiares e mostrou-se muito arrependido de não ter ouvido os conselhos dos pais. E os pais aprenderam neste tempo que filhos necessitam mais que conselhos.

Ea, 17 anos.

Privação é a palavra que marca a vida desse jovem. Desde a tenra infância a vida do jovem é marcada por privações de carinho pelo falecimento da mãe há onze anos e dos direitos fundamentais previstos em lei..

Ele advém de uma família numerosa e que não se estruturou para ser desse tamanho. Do primeiro relacionamento a mãe trouxe três filhos e o pai quatro. Na união dos dois foram gerados mais 5 filhos, totalizando 12. Sem mãe, ficou na casa dos irmãos mais velhos. À medida que a família ia crescendo trocava de irmão para morar. Hoje mora com a irmã do primeiro relacionamento da mãe que tem ainda mais seis filhos e está grávida de oito meses. A situação da moradia, no extremo sul de São Paulo, nas favelas do Cocaia, é precária. Nem sempre foi assim, o jovem já esteve nos cortiços do Centro e em vários outros lugares, com outros irmãos. Em janeiro de 2001 deu entrada pela primeira vez na Febem por Furto em entidade Beneficente, alegando te-lo feito pelas necessidades que passavam. O juiz entendeu a situação e determinou que cumprisse Liberdade Assistida. Atendeu. Participou de todas as atividades propostas, mas ainda faltava comida e outras necessidades básicas. A Febem atendia mensalmente e oferecia um par de orelhas para as suas lamentações.

Em fevereiro de 2002, já no fim da medida de LA, foi ao mercado e pediu frios, pegou pão e refrigerante. No caixa, cadê os frios? O segurança, que já estava de olho, pediu para não agasalhar muito por que o nome já diz que é frios mesmo. O jovem foi levado a 81º DP, onde foi lavrado um BO com a res-furtiva: 300 gr de presunto e 300 gr de mussarela.

O juiz que já conhecia aquela carinha de menino carent, determinou novamente o cumprimento da medida de LA. Agora foi transferido para a Zona Sul, para onde mudou. Agora não é mais a Febem quem faz o atendimento direto.

Eeme, 16 anos

O adolescente é filho de pais separados, mas, o genitor faleceu em 2002, vítima de um acidente de bicicleta no Estado do Pernambuco onde morava, tendo a necessidade de passar por uma cirurgia da qual não resistiu. Reside com mãe de 47 anos, que passa por dificuldades financeiras, pois se encontra desempregada. A genitora demonstra que entendeu o sistema da exclusão e é muita passividade nas tomadas de decisões, a mesma não busca recursos existentes em sua própria comunidade, estando sempre a espera de benefícios, sem ao menos lutar por eles. E com a missão de criar seus três filhos. O jovem reside em um cômodo de alvenaria com infra-estrutura local básica em condições precárias de subsistência. Diante da passividade da família e com as necessidades imposta pela etapa da vida o jovem, que apresenta facilidade em deixar se levar acabou sendo influenciado por companhias da vizinhança e foi detido pelo ato infracional. O jovem apresenta uma dificuldade em acompanhar o ritmo dos adolescentes de sua idade, por esse motivo encontrava-se matriculado na 4º série do Ensino Fundamental.

O jovem viveu uma situação muito complexa no sentido de sua referência apresentar uma passividade perante coisas importantes da vida, servindo de modelo para o jovem que se apresentou com a visão de que tinha que receber todos os benefícios. Quando um direito passa a ser entendido como benefício há problemas sérios de compreensão de cidadania. Tentando superar essa lógica o jovem buscou ser ator de suas ações. Mas por não ter modelos foi detido em flagrante de ato infracional.

Enesseesse, 18 anos.

Aos 18 anos finalmente parece ter nascido a jovem para sua família. À noite em um ponto de ônibus a jovem foi surpreendida com um rapaz maior de idade e outro casal, com a Vepece, que estavam armados e queriam assaltar uma residência próxima. Foram abordados. Foram detidos no 27º DP pelo ato infracional equiparado porte de arma e formação de quadrilha.

A Mãe é natural do Maranhão, tem 34 anos e trabalha como doméstica. Ficou viúva, seu ex-marido, 33 anos, natural do Ceará foi assassinado.

Pai falecido há cinco anos. Muitas privações. A mãe arrumou outro companheiro. Reside com a genitora, com padrasto e a irmã de 16 anos. O irmão de 15 foi para o Pará morar com a avó por que a situação financeira ficou difícil. Moram em casa própria composta por 4 cômodos com infra-estrutura. Esta é dividida com o tio paterno que habita em dois dos 4 cômodos com a família. A manutenção da casa é garantida pela genitora.

Escola não faz muito sentido para ela. Foi reprovada quando cursava a 8ª série. Conheceu várias pessoas e amigas, onde descobriu também a maconha. Alega ter sido usuária, mas que agora não quer mais saber. Foi julgada e sentenciada a Liberdade Assistida por prazo indeterminado. Sua família parece ter se voltado para a problemática que a jovem vem enfrentando desde pequena. Agora querem acompanhar de perto os acontecimentos. Esta tem facilidade de aprender e foi inserida no curso de pintura, teatro e cidadania no CEDECA.

Eoésse, 18 anos.

Violência doméstica foi à base da educação do jovem. Seu pai, 43 anos, natural do Paraná, cursou até a quarta série do ensino básico e trabalha como pedreiro, tem uma companheira inseparável que é a bebida. Quando alcoolizado é extremamente violento. Sua mãe, 47 anos, natural de São Paulo, estudou até a 4ª série do ensino básico e trabalha como diarista há 18 anos, vítima constante dessa agressão, parece desiludida a respeito da relação matrimonial. Com o jovem seus irmãos vivem no mesmo teto. São eles: irmã, 21 anos cursou até o segundo ano do Ensino médio e trabalha como balconista; Irmão, 19 anos, cursou até o primeiro ano do ensino médio, desempregado, encontra-se detido pela participação no mesmo ato infracional; Irmã de 15 anos, estuda no primeiro ano do ensino médio e trabalha como babá. A família reside em casa de aluguel e passa por dificuldades financeiras. A relação familiar é muito conflituosa devido a essa situação vivida pela violência do pai. Chegaram ao confronto físico.

Em maio de 2002 o jovem e seu irmão, sem motivo aparente, entraram e assaltaram um ônibus. Na mesma hora foram detidos pela polícia. Foram reconhecidos pelo condutor e cobrador. Foram levados ao 48º DP e autuados em flagrante. O jovem até aquele momento não sabia quais eram as intenções do irmão e foi pego de surpresa: queria comprar um celular. O jovem não teve nenhuma participação ativa no momento do crime, mas por estar junto foi arrolado como cúmplice. Foi sentenciado a cumprir a Semiliberdade. Da UAI, foi transferido para USI, onde passou por uma triagem sendo encaminhado para as Casa Comunitárias da Região Sul onde cumpriu. Neste período foi inserido em cursos profissionalizantes, recebeu atendimento psicológico e a família foi orientada a resolver esse problema de violência doméstica. A família acionou o pai judicialmente por agressão a filha. Recebeu a progressão da medida para LA.

Érreagapê, 17 anos.

Uma história de amor, dor e sofrimentos. O jovem e sua irmã mais velha são frutos de um relacionamento amoroso de 30 anos, mas de vida dupla, assumida pelo seu pai que há cinco anos resolveu morar com eles. Este tem outra família em Santo André, com mais três filhos.

Aqui estão morando o jovem, sua irmã de 21 anos que trabalha no Shopping. A mãe, de 57 anos, que não trabalha e estudou até a segunda série do Ensino Básico e o pai, 67 anos, pedreiro e aposentado com a segunda série do Ensino Básico.

A genitora também relatou que o marido é dependente de bebida alcoólica, e que quando está alterado agride verbalmente o filho, cobrando postura e comportamento. Em casa ninguém entende por que uma relação boa de trinta anos como amantes pode acabar quando o sonho de ficar juntos se concretiza.

Para mãe, ele sempre foi e é um bom filho. Sempre preocupado com o trabalho e com a escola. Estuda atualmente na terceira série do Ensino médio e trabalha como cobrador de lotação e entregador de pizza no Habbi's. Mas seu grande sonho é ser técnico em informática.

Em Dezembro de 2002, por volta das 11:00h resolveu com um colega roubar a bicicleta de uma pedestre que passava na frente da escola. Na fuga, com a perseguição da polícia, sofreu uma queda e foi detido só. Seu parceiro conseguiu escapar do local. Foi levado a 101º DP. pelo ato infracional. O Juiz foi muito duro na aplicação da medida, pois poderia ter pego outra medida mais adequada como Prestação de Serviço a Comunidade. Deixou todo mundo sem saber o que fazer com o ocorrido. As feridas da família foram abertas.

Jotace Esse Jota, 17 anos.

As dificuldades econômicas marcaram a vida dessa família. Carência econômica determinou as demais carências principalmente a afetiva. Desde pequeno o jovem enfrentou várias situações com complicações respiratórias e demais enfermidades. As coisas eram complicadas e se agravaram com a vinda para São Paulo, migrantes do Nordeste do país. Aqui nada de emprego. Aumentaram as privações. O pai achou aqui a amiga que tinha deixado lá: a cachaça. O que era ruim ficou pior. O pai trabalhava em bom emprego de contabilidade, mas não contabilizava para a família.

Para sobreviver e criar os filhos sua mãe fazia de tudo. Trabalhava como empregada doméstica diarista, cuidava da casa, dos filhos e fazia (ainda faz) salgados.

Querendo ajudar nas despesas, o jovem começou a trabalhar bastante cedo, mas por mais que trabalhasse não conseguia dar um salto na luta pela sobrevivência.

Já com 15 conheceu o trabalho clandestino. Foi cobrador de lotação. Conheceu muitas pessoas e muitos caminhos. Um deles o levou a parar de estudar quando cursava a primeira série do ensino médio. Conheceu a maconha e logo a cocaína. Conheceu um grupo que roubava veículos de lotação e fazia parte dessa máfia de perueiros da cidade. A família não desconfiava ou não queria desconfiar de nada, mas aos poucos a situação econômica do jovem foi melhorando. Conseguia comprar as coisas para a casa e as que desejava.

Mas não foi muito longe. Foi detido na 25ª DP por roubo consumado. Julgado, ficou oito meses internado na Unidade 28 de internação. A situação da família voltou a piorar. Seu pai foi inserido no programa Começar de Novo da Prefeitura Municipal com a esperança da família recomeçar tudo de novo.

Jotape dos Esse, 15 anos

É um caso complexo e de difícil compreensão. O jovem teve uma infância tranqüila e foi desejado. Não passou por privações materiais e a família alega que nem afetiva.

Sempre foi um menino atencioso, obediente com bom aproveitamento escolar. Nas reuniões a mãe recebia sempre elogios do seu filho prodígio. Sempre foi dotado de inteligência acima da média pela idade.

A mãe tem 32 anos, foi muito jovem, é natural de Minas Gerais onde estudou o segundo grau completo. Já trabalhou fazendo muitas coisas, mas depois do ocorrido com o filho resolveu investir nos afazeres domésticos com dedicação integral a família. O pai do jovem tem 30 anos, natural de Santos. Estudou até a terceira série do ensino básico e trabalha como auxiliar de distribuição. A relação entre todos foi descrita como harmoniosa.

O jovem continuava devidamente matriculado na quarta série do ciclo II do ensino fundamental onde vem apresentando frequência e aproveitamento satisfatório. Segundo os familiares o jovem sempre gostou de atividades caseiras. Mas, sem motivo aparente o jovem foi envolvido em roubo, preso em flagrante. Com isso mudou toda a rotina da família e a sua própria, pois costuma contar os fatos passados com dor e sem saber os motivos reais que o levou a essa ação. Foi levado para a UAI onde passou rapidamente. Foi sentenciado e liberado.

Óocê, 18 anos

Vítima de câncer a mãe do jovem falece quando este tinha apenas nove anos de idade. Natural de Jequié na Bahia, os irmãos são divididos para morar cada um com uma tia. O jovem em questão aventurou-se para São Paulo em busca do pai que mora em Praia Grande, litoral de São Paulo, onde trabalha como guincheiro, em construção civil. Lá ele constituiu nova família e tem um filho de dois anos e continua dependente do álcool. Não foi bem recebido por esse pai que alegava não ter condições de recebê-lo, então tentou a vida e a independência na capital. Foi morar com uma tia solteira de 38 anos de idade e que trabalha como manicure e reside no Grajaú. Não encontrou o emprego desejado, mas a tia conseguiu acolher e o colocou para estudar. Este cursa a segunda série do ciclo II do ensino fundamental.

Na ânsia por uma vida independente e a busca por bens materiais, sem apoio familiar o jovem passou a ter um relacionamento com outros adolescentes da região. Mesmo com a idade avançada São Paulo é muito sedutora e maliciosa para os jovens que são de outra região do país. Não deu outra, sete dias após seu aniversário, o mesmo foi detido na 101ª DP em flagrante de roubo qualificado em uma lotação com outros dois adolescentes da região. Passou por todos os processos de internação na UAI, Provisória e depois de sentenciado foi para a UI 19. Lá teve a oportunidade de dizer das coisas que gosta de fazer e fez boa parte delas como: jogar futebol, bingo, ping-pong, vôlei entre outros. Mas tem uma resposta somática muito importante pois esse período apresentou coceira por todo o corpo, dores de dente, ansiedades e irritação pela condição. Neste mesmo período retomou um laço familiar não esperado com o irmão mais velho que acompanhou todo o processo de perto e fez as visitas que não esperava.

Vepece, 15 anos.

À noite em um ponto de ônibus a jovem foi surpreendida com um rapaz maior de idade e outro casal, com a Eneesseesse, que estavam armados e queriam assaltar uma residência próxima. Foram abordados. Foram detidos no 27ª DP pelo ato infracional equiparado porte de arma e formação de quadrilha.

Parece que não só o ato infracional é parecido, mas a história das duas também. O pai foi assassinado quando ela tinha 7 anos. A adolescente mora com a genitora, o padrasto e os irmãos Beatriz 11 anos, Bianca 10, David 9, Vitória 4, Viviane 2, e Vitor 1. A família habita em moradia própria de alvenaria com dois cômodos. A manutenção da casa está sendo auxiliada pelo programa renda mínima da prefeitura e da pensão que a genitora recebe dos filhos pequenos.

A mãe, 36 anos, não exerce atividade laborativa remunerada. Teve três relacionamentos. No segundo casamento teve mais três filhos e neste último foram gerados mais três filhos. O relacionamento com esse último estava ruim e foi agravado com a situação de Vepece, que culminou com a saída do padrasto de casa abandonando tudo. Mas paga pensão alimentícia dos três filhos. Na medida que o relacionamento com os familiares ia piorando, mais tempo passava na rua em companhia das pessoas que tinham problemas parecidos. Começou a entrar, vagarosamente, no ciclo da violência, na tentativa de ser reconhecida. Sinalizou, mas a família estava envolvida com seus próprios problemas que não percebeu o que estava acontecendo. Desistiu da escola, quando cursava a primeira série do Ciclo II do Ensino Fundamental e ninguém disse nada. Infracionou. A mãe teve que ir a delegacia e ao Fórum. Então percebeu que sua filha também tinha problemas. Foi julgada e sentenciada a Liberdade Assistida por prazo indeterminado.

Veerreele, 17 anos

Agressividade era a marca registrada do jovem. Mas de onde veio isso? Quarto dos cinco filhos do casal o jovem apresentou desde cedo sinais de diferenças e sensibilidade pela situação de violência doméstica vivida pela mãe. O alcoolismo do pai sempre foi um complicador na família. A mãe, vítima preferencial de brutal agressor, tem 39 anos, natural de Minas Gerais, sem instrução, sempre trabalhou como auxiliar de limpeza e aturou as agressões caladas. O pai é mais novo, 35 anos e natural da Bahia. Também não estudou e trabalha como pintor autônomo.

Por ter visto as cores da violência sem a possibilidade de auxiliar na limpeza disso tudo, o jovem que foi criado pela avó, conheceu a rua e tudo o que ela oferece. Não deu outra. Abandonou a escola onde acumulou várias repetências e histórias de agressividade. Foi detido em novembro de 1999 por roubo consumado de estabelecimento comercial. Mas não cumpriu a liberdade assistida proposta e ficou desaparecido em situação de rua.

Em setembro de 2000 deu nova entrada na Febem por porte ilegal de armas. Foi colocado em semiliberdade, mas deixou de cumprir todas as cinco vezes. Na última passagem, agrediu outro adolescente e foi detido por tentativa de homicídio. Desta vez foi para internação onde passou por tratamento psiquiátrico e psicológico. Conheceu bastante unidade de internação e medidas muito diferentes. Das várias coisas sempre deixou claro que gosta de acordar cedo, escutar rádio, jogar futebol, conversar com os amigos e máquina de registrar imagens. Em janeiro de 2003 a família comparece para atendimentos antes da saída do jovem e deste dia para cá a mãe se sentiu muito fortalecida e decidiu denunciar as agressões do marido. Em seguida o jovem recebe a progressão da medida.

Vegeésse, 15 anos.

É época de Natal. Já leram essa parte. Mas quase tudo igual. Quase... A mídia chama às compras, mas nem todos podem responder. Cinco dias antes do Natal o jovem é recolhido a 48° DP, por ter cometido um ato infracional equiparado a roubo. Junto com Aaésse, abordaram um pedestre e subtraíram R\$ 35,25 e saíram correndo pela via até que foram abordados. Isso tudo as 10:00h, quando deveriam estar em sala de aula onde está cursando o segundo ano do Ciclo II do Ensino Fundamental.

Mãe, 37 anos, natural da Bahia cursou até a primeira série do ensino fundamental e trabalha como passadeira de roupas. É separada do marido há 15 anos, natural da Bahia, analfabeto e trabalha como borracheiro. Juntos tiveram três filhos: Nosso protagonista, Vagner, 20 anos, natural da Bahia, cursou até o primeira série do ensino médio e trabalha como ajudante de pedreiro; Viviana, 17 anos, segundo grau completo, e encontra-se desempregada e passa o seu tempo cuidando do filhinho que acabou de nascer, sem ser assumido pelo seu progenitor. Sua mãe conheceu um carioca, de 31 anos que estudou até a quarta série do ensino básico e trabalha como jardineiro. Desse relacionamento, que já não existe mais, foram gerados três filhos: Wesley de 8 anos, estudante da segunda série do Ensino básico, Wendy de seis anos e Welton com 4. Mora em casa própria composta por três cômodos provida de saneamento básico, situada na favela do Morro da Mandioca. O jovem tem um histórico de cabular as aulas e por esse motivo acumulou repetências. Gostava de ir ao Shopping com os amigos e namoradas olhar as vitrines. Gosta de ouvir música, jogar futebol, soltar pipa, passear e namorar.

Neste Natal o presente da família foi à liberação do jovem que foi inserido em LA pelo tempo necessário à recuperação. No jogo da vida ficou esperando a próxima jogada.

Outros atores

Participaram ainda desse estudo outros profissionais que compunham o que chamei de equipe técnica da pesquisa. Para tanto o perfil necessário previa:

- Conhecimento da complexidade da realidade vivida pela população atendida.
- Experiência concreta de trabalho com adolescente em situação de risco e/ou com medidas socioeducativas em meio aberto.
- Familiaridade com as práticas de educação popular.
- Conhecimento de trabalho com educação pelo esporte.
- Facilidade de trabalho em equipe.
- Abertura para crítica e autocrítica.

Por ser exigente esse perfil a gama de possibilidades de contratação ou promoção dos educadores pertencentes à organização foi bastante restrita, mas não impossível. Pelas características do trabalho foi necessário contar com os seguintes profissionais:

- 01 Professor (a) de Educação Física/Esporte com formação superior e experiência com adolescente e educação pelo esporte para realizar a rotina específica da aplicação da metodologia;
- 01 Psicólogo (a) com formação superior e com experiência em educação pelo esporte, atuação em pesquisa e capacidade de Planejamento-Monitoramento-Avaliação em Equipe;
- 01 Educador/a social com formação superior nas áreas humanas e/ou ampla experiência comprovada de trabalho educativo com adolescentes que tenha uma relação com a comunidade;

- 01 Psicóloga com formação superior e especialização em Psicologia do Esporte responsável pelos registros da pesquisa.

O profissional da Educação Física foi contratado. O educador social foi remanejado para esse acompanhamento específico, a psicóloga foi uma voluntária convidada para fazer todo o registro e as observações e o psicólogo foi o próprio pesquisador na intervenção direta.

COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi efetuada com o grupo de adolescentes que foram selecionados com critérios amplos. Como o CEDECA Interlagos está subdividido em três grandes regiões foi realizada uma seleção que privilegiasse 06 adolescentes de cada área com a heterogeneidade que a medida apresenta. O critério estabelecido era que eles deveriam estar pelo menos um mês sendo atendidos nos modelos oferecidos pela entidade.

Foi criada, ainda, uma gama ampla do perfil desses adolescentes a partir da ficha de entrada com a pasta social onde estavam contidas as seguintes informações: os dados pessoais; motivo de entrada; situação habitacional; caracterização da família; dados de escolaridade; dados profissionais; dados sobre saúde e procedência.

Este grupo heterogêneo não desconsiderava os pontos que são comuns a todos: cumprimento das medidas; situação familiar similar; fumantes, adolescentes do mesmo grupo etário.

O levantamento dos dados foi realizado ao longo dos 24 encontros programados divididos em 5 grandes blocos. Os objetivos de cada encontro foram

mantidos e as estratégias poderiam e foram sempre alteradas em função das necessidades do grupo e pelo próprio grupo.

Realizada toda a etapa inicial da formalização para o início da pesquisa os adolescentes foram levados ao SESC Interlagos¹⁴, que fez a concessão do espaço físico onde, semanalmente, foi desenvolvida a prática do futebol participativo educacional com alterações de regras, por um período de aproximadamente três horas por encontro.

Todos os encontros foram gravados em formas de registro fotográfico, filmagem de todos os momentos; gravação das rodas de conversas em fita k-7; registros diários dos acontecimentos; relatórios mensais do grupo; relatórios individuais que compunham o procedimento com o Poder Judiciário; e a documentação da pasta social de cada adolescente.

¹⁴ SESC – Interlagos está localizado em um terreno de 500.000 m², cercado de verde por todos os lados e com uma área construída de 48.837 m². Suas dependências contam com um conjunto aquático, quadra poliesportiva coberta e oito abertas, campo oficial de futebol e minicampos de grama e areia, quadras de tênis e muitas outras opções de lazer, com infra-estrutura adequada e capacidade de atendimento de 15.000 pessoas/dia.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A análise dos encontros procura fazer uma relação entre o coletivo e o individual dando ênfase às relações da convivência grupal, a construção e o respeito às regras e as suas diferentes etapas. Analisa ainda os diferentes estágios de como um grupo se torna uma equipe por Weinberg e Goudd (2001), denominadas formação, agitação, normalização e atuação. Esses estágios podem ser entendidos nas unidades de análise que servem também de proposta metodológica (P.A.I.S.) e que representam o sentido geral desse trabalho. Por último, aparece alguns dados que não mereceram maior atenção em princípio, mas serão apresentados no último bloco para ilustrar os aprendizados do processo da pesquisa-ação e servirão de indicadores para novas investigações do trabalho socioeducativo.

O trabalho socioeducativo em grupo, embora não seja uma novidade, tem ainda muito a ser estudado e analisado no que diz respeito a sua metodologia. Em geral, há muitas referências bibliográficas (ANZIEU, 1993; DELLA TORRE, 1986; PICHON RIVIÉRE, 1988) que falam das dinâmicas de grupos, mas ainda com alguns mitos. Um desses mitos, é que o grupo a ser trabalhado é que deve direcionar o trabalho.

Esse estudo, parte de outra premissa *a priori*, contrapondo-se a essa idéia, compreendendo que o trabalho tem uma intenção e objetivos a serem alcançados, e que para tanto, é necessário traçar um caminho claro e previamente definido. Isso não quer dizer que o material e as necessidades do grupo não serão levados em consideração, muito pelo contrário, dentro da lógica e da metodologia de Paulo Freire.

Para ser configurado de fato como uma proposta inovadora o trabalho dessa pesquisa foi realizado na sua totalidade em grupo fechado. O ponto de partida foi a

compreensão que somente no micro-universo, possibilitado pelos trabalhos em grupo e toda a sua dinâmica, é que os adolescentes teriam condições de elaborar questões fundamentais e de relevância para o grupo.

A proposta metodológica recebeu o nome de **PAIS** que prevê quatro etapas que se complementam cotidianamente, mas que é preciso separar aqui didaticamente para maior compreensão. Estas etapas procuram seguir o que TEIXEIRA (2003) chamou de “organização do projeto”. Para cada etapa serão escolhidos alguns relatos de encontros para ilustrar os momentos citados¹⁵.

É importante dizer que todos os encontros foram organizados da seguinte forma:

Ponto de encontro: local antes da entrada no SESC ou outra atividade.

Roda inicial: momento onde são colocados os objetivos do dia e das atividades e uma retomada das atividades anteriores. Serve ainda como termômetro dos humores do dia e da dinâmica do grupo.

Medição da frequência cardíaca: momento de cuidado com a saúde e com o sistema cardio-vascular.

Aquecimento: aviso ao corpo da carga que receberá.

Atividade geradora: atividade planejada para alcançar os objetivos do dia.

Alongamento: momento da volta à calma e cuidado com o tecido músculo-esquelético.

¹⁵ Os encontros escolhidos fazem parte daqueles que melhor ilustram o que está querendo ser marcado e os que foram omitidos apresentam mais um sentido de continuidade do encontro relatado e que não mereceu tanta atenção na descrição aqui por não ser mais relevante que os escolhidos pelo pesquisador.

Roda final: momento de avaliação do dia e das reflexões sobre os aprendizados. Momento de fala e escuta.

Lanche e distribuição dos passes: momento de confraternização e responsabilidade, pois os jovens eram responsáveis por esse momento.

As etapas são:

- 1) Preparando o terreno;
- 2) Analisando o jogo;
- 3) Imaginando o futuro; e
- 4) Saindo de campo.

1) PREPARANDO O TERRENO

Trata-se dos primeiros momentos para a formação do grupo onde se inicia a construção dos vínculos¹⁶. É entendido como o momento da construção da estrutura e da identidade dessa formação e fundamentalmente é uma etapa de esclarecimento do funcionamento geral das atividades assim como a formação dos combinados de convivência.

¹⁶ Vínculo entendido como uma relação de troca afetiva que torna o outro significativo para si e permite se ver com significativo para o outro - é a condição da relação de confiança (TEIXEIRA, 2003:68).

Resumos:**Do primeiro encontro¹⁷**

Após longo tempo de espera, foi possível o primeiro encontro com os jovens¹⁸ para dar início ao nosso processo. Na sala preparada foi apresentada a proposta do atendimento alternativo, com a apresentação mútua de todos os atores participantes. Foi utilizada uma dinâmica de identificação para a apresentação, com a seguinte fala: *Eu me junto a esse grupo por tal motivo e tenho a contribuir da seguinte forma...* Aos poucos, os presentes seguiram os exemplos dados, mas alguns, como Cêagate, Dêceol, Ea, Jotace e Esse Jota não se mexeram tornando incompleta a apresentação neste modelo. O mais importante é que todos quiseram dizer seu nome. Neste momento, não queriam ficar expostos – avaliamos.

Em seguida, foi realizada uma rodada sobre os combinados e o como os presentes (protagonistas) achavam que deveriam ser as regras internas de convivência. Foram rígidos e foi necessária a mediação.

Após a construção dos combinados de convivência foi realizada uma oficina de confecção de bolas de meias. Foi distribuído o material de forma individual e solicitado para que preenchessem as meias da forma que achassem melhor. Todos se envolveram sem restrições. O momento mais delicado foi na hora de costurar, pois ficaram receosos com a agulha e a linha. O professor deu o exemplo e novamente foram seguindo. Não parecia ali a hora da crítica. Eles se viraram muito bem, com o que tinham.

¹⁷ O pesquisador construiu o texto a partir dos registros que compõe essa investigação. Ele procura trazer o retrato dos acontecimentos com pontos avaliativos inseridos.

¹⁸ Vale lembrar que todos os jovens já estavam inseridos nos atendimentos e já conheciam as questões da medida e do CEDECA Interlagos.

Terminado, era hora de limpar a sujeira. Mais um momento de tensão. As meninas presentes, Vepece e Eneesseesse, não se intimidaram e logo deram início. Foram seguidas bem de perto pelos meninos que não tardaram a limpar todo o ambiente.

O professor solicitou que cada um pudesse explorar a sua produção e a sua habilidade. Jogamos, literalmente, na sala com aquelas bolas acabadas de sair da costura. Eles exploraram todo o espaço e as suas habilidades. O professor explorou a lateralidade que eles não exploraram, para o primeiro diagnóstico. Terminada essa etapa, foi proposto a roda final onde a atividade foi avaliada. Apareceram falas, ainda tímidas, com destaque para Devepeene, que foi mais articulado representando a voz do grupo naquele momento, mas no sentido de envolver outras pessoas. Usamos umas “carinhas” para facilitar a expressão e a saída foi marcada com um grande número de satisfeitos.

Lanche. Foi um bom momento de descontração e de aproximação. Marcamos o próximo encontro já no SESC.

Do segundo encontro

Nove horas e todos para dentro do SESC Interlagos. Combinamos esperar até as nove e quinze e iniciar a atividade as nove e vinte. Apresentamos os espaços e demos as famosas informações das normas e do contrato realizado com o SESC. O objetivo desse dia era criar uma forma de explorarem o espaço e perceber a relação entre eles. Na roda inicial a primeira intervenção foi retomar os combinados com eles e apresentar para os que estavam chegando naquele momento. Colocamos os objetivos do dia e fomos para o aquecimento que privilegiou a marcação da frequência cardíaca e aquecimento dos membros inferiores. Feito isso, foram formados pequenos grupos para trabalhar os

primeiros fundamentos do futebol. Não demorou muito e trocamos a atividade para um jogo cooperativo e todos participaram com a felicidade de uma criança, ainda que com expressões mais “carrancudas” como a de Éocê e Veerreele. Essa felicidade ficou marcada principalmente com a estréia de todos os materiais esportivos como bola, coletes, cones que foram comprados para eles. Como parte da exploração ficamos no campo de grama sintética¹⁹. No jogo livre foi importante notar como se dá a formação dos grupos. Nesta fase, tudo estava sendo cordial causando inclusive espanto por parte daqueles que conhecem os adolescentes. O jogo livre ficou marcado por jogadas individuais, de poucos toques e pouco contato físico. Foi introduzida aqui uma regrinha para auto-regulação dos participantes, pois se acontecesse a falta deveriam por si só parar, mas se tivesse um apito seria penalidade máxima. Poucos falaram, mas algumas lideranças despontaram. Foi um típico jogo de várzea num espaço privilegiado. Além do jogo em si a relação estabelecida com a atividade foi de toda lúdica recreativa. O objetivo foi alcançado na medida que o espaço do SESC foi explorado. Na roda final a intervenção procurou fazer uma escuta livre sobre as sensações que cada um sentiu neste dia, explorando o que haviam aprendido. Com a bola que circulava, circulava juntamente o direito de fala, uma espécie de “passar o bastão” e criar oportunidades para que o outro fale com o passe da bola e a escuta dos demais. Embora todos estivessem empolgados e usando bem o seu espaço de fala, muitos, como Vegeesse, Jotape, Eóesse, ficaram em questões mais específicas da atividade em si sem propor ou fazer nenhum tipo de paralelo. Neste momento, houve uma provocação sobre o que esse espaço de lazer representa como um direito de todos. Eles foram se colocando e quando perceberam do que estavam falando sentiram-se privilegiados, quando na verdade deveria ser um direito de todos o esporte e o lazer.

¹⁹ O SESC Interlagos disponibilizou todos os tipos de pisos que o complexo oferece, sendo: gramado, quadra de gramado sintético, areia; tênis; quadras abertas e ginásio.

Quando tocamos nesse assunto, a liderança emergente Devepeene, quis discutir os combinados estabelecidos propondo alterações, principalmente no tópico de cigarros, pois a maioria desse grupo é de fumante. A proposta foi ouvida e ficamos de discutir no próximo encontro, quando todos trariam propostas. O lanche foi apreciado com gosto por todos. Na saída os passes.

Do terceiro encontro

Atrasamos por causa do Lanche. Todos na entrada do SESC olharam no relógio e Veerreele foi logo cobrando o combinado. Nove e vinte e nada do professor de Educação Física. Então o que fazer? O objetivo para esse dia ainda era de integração desse grupo em formação e de fechar com o número de participantes até o final da intervenção.

Roda inicial e retomamos minimamente a questão dos combinado porque eles cobraram esse atraso e foi muito importante. Pedimos desculpas pelo ocorrido e eles ficaram extremamente surpreendidos com o fato que nos levou a pensar: a que tipos de relação estão acostumados? Dos combinados estão descontentes com o cigarro que prevê fumar apenas fora do SESC. Conversamos e como não apareceram as sugestões elaboradas, como a tarefa previa, não aprofundamos no sentido da mudança, mas insistimos que fosse discutida a questão entre eles. Como estão em processo de formação de grupo, não conseguem se articular para reivindicar seus descontentamentos em grupo. Aquecemos. As atividades propostas só trabalharam a integração. A primeira atividade depois do aquecimento foi recreativa. A brincadeira ALERTA²⁰, adaptada para o uso dos pés. Foi muito divertido e quase todos queriam ser o pegador. Foram propostos jogos adaptados e eles toparam, sem perguntar como seria. O comando do jogo iria mudar conforme o jogo estivesse acontecendo. Primeiros cinco minutos muita euforia por que

²⁰ Alerta é uma variação da queimada.

estava livre das regras, embora se lembrassem que o apito não é um bom sinal. E vem o comando: *agora só vale dar dois toques na bola*”. Para alguns foi muito difícil ter que tocar tão rápido essa bola, para outros foi mais fácil. Novo comando: *façam duplas*. *Ótimo! Agora só vale jogar de mãos dadas e soltar é falta*. Todos, sem exceção, reclamaram muito, mas jogaram de mãos dadas. Os que estavam com as meninas se divertiram muito, porque os outros recusaram a fazer duplas com elas. Reclamaram no começo, mas se divertiram com a situação. Mais um: *Agora só vale dar um toque na bola!* Foi a parte mais difícil, pois exigia uma forte organização de grupo que eles ainda não tinham, pois não bastava a habilidade individual, envolvia todo um repertório de atuação em grupo, como, posicionamento, estar próximo, oferecer ajuda e ter organização tática que envolve treino e diálogo. A melhor: *Mais dez minutos! E jogo livre*.

Na roda final questionamos a atividade e a sensação. Parte do grupo reclamou do momento em que tiveram que jogar de mãos dadas, pois o preconceito foi mais forte. Para outros ter que dar apenas um toque foi muito complicado. A reclamação foi bem organizada. Fazendo um paralelo com as coisas que acontecem na vida, eles levaram a reflexão para “os familiares que estão sempre de mãos dadas em todas as dificuldades” que passaram, mas que é difícil como foi no jogo, pois “cada um tem uma vontade” que se não falar para o outro o conflito se estabelece. A ideia de um toque só também foi apreciada por eles quando entenderam a necessidade de dar respostas rápidas a determinadas situações. Retomamos a questão do cigarro mostrando que sem ter a resposta do grupo como um todo seria muito difícil conversar. Várias reflexões foram realizadas por eles. No lanche, sentimos que estavam preocupados uns com os outros e se serviram mutuamente. Decidimos que esse era o grupo que iria até o final. Passe na saída do SESC.

2) ANALISANDO O JOGO

Essa etapa é marcada por uma reflexão mais aprofundada de si mesmo e da coletividade a que pertence, tendo como foco os direitos fundamentais e as questões da territorialidade. É o momento marcado para olhar para fora e analisar toda a situação. Essa fase remete os adolescentes e a equipe a refletir sobre local de moradia, transporte e as redes que deveriam funcionar de atenção ao cidadão. É o momento de confronto de realidades.

Resumo

Do sexto encontro

Problemas de comunicação institucional. Quando é feriado no SESC os funcionários trabalham normalmente e depois para compensar ele fecha no primeiro dia subsequente ao mesmo. Logo as quartas-feiras. Aconteceu assim. Chegamos até o local de encontro e encontramos o SESC fechado.

Para não perder o dia de atendimento várias propostas foram levantadas. A mais coerente foi utilizar algum campo ou quadra da comunidade, nas proximidades. Essa proposta foi a vencedora e saímos todos caminhando para os locais conhecidos pelos adolescentes. Depois de trinta minutos andando pela comunidade achamos o local. Campo de várzea. Um pouco de lama. Alguns ficaram assustados. Mas dissemos que seria uma atividade mais livre e facultativa.

O clima ficou meio tenso, pois um dos líderes, Devepeene, teve seu tênis novo sujo pelo barro e procurou segurar o desenvolvimento das atividades, mas como era livre, eles participaram de acordo com a vontade.

O primeiro mecanismo do grupo foi criar novo combinado: “*Hoje estamos fora do SESC então podemos fumar*” (Aaésse). Com essa frase os adolescentes mostraram que entenderam bem o combinado e que esse ainda era um ponto de conflito para todos os fumantes. Na roda inicial essa foi a principal questão a ser atacada e acatada, mas com a clareza de que durante as atividades não haveria cigarros acesos.

Diante da situação utilizamos uma adaptação com “futebol caixote²¹” de rua com quatro equipes diferentes em dois campos simultâneos, sendo que poderiam marcar gols nas demais três traves improvisadas. Os adolescentes demoram um pouco para entender o que estava acontecendo, mas logo se envolveram na “brincadeira” e deram início ao que visualmente era o caos.

Esta estratégia foi utilizada de forma improvisada para mostrar para o conjunto as necessidades de adaptações quando o que foi planejado não dá certo. Não dando “certo” há que se ter uma disponibilidade de aceitar a mudança e se adaptar as novas circunstâncias no jogo e na vida, não tendo como primeira estratégia a fuga da situação nem a rigidez de manter o que foi inicialmente programado.

Câagate, neste dia, precisou de atenção individual. Tinha muitas questões para trazer, sobre como tinha sido muitas vezes abordado pela polícia e como sofre com a violência policial quando é preso. O atendimento individual consistiu basicamente em fazer embaixadas com o adolescente na mesma lógica de passar a bola e o direito a fala.

Acreditamos que aquela atividade fez sentido para grupo que se adaptou e estabeleceu outra relação com o ambiente que era muito mais familiar. A resposta dada os aproximou da situação vivida cotidianamente, uma vez que o ambiente era o mesmo. Neste dia não houve surpresa com relação aos moradores, pois estavam no seu *habitat* e

²¹ Futebol caixote é um jogo muito praticado pelas ruas onde as crianças costumam colocar qualquer coisa para marcar o gol, como pedras, chinelos etc e é um jogo com regras mais livres e podem sofrer alterações ao longo da partida se combinado com os demais jogadores.

os comportamentos ficaram dentro do esperado. Aproveitamos essa situação e fizemos um paralelo entre os espaços do SESC e os espaços reservados para eles nas suas comunidades e a importância da valorização dos espaços conquistados. Na hora do lanche todos participaram com muita alegria e o que mais chamou a atenção foi à preocupação de todos saberem se todos estavam satisfeitos. Ficamos com a sensação de que puderam se perceber nessa atividade.

Do oitavo encontro

Atividade no SESC. Foi possível observar um brilho diferente nos olhos dos adolescentes, Deagaesse, Deceó, Deéssea, Ea, Eeme e o mais “folião” Eoésse, por poder desenvolver as atividades novamente neste espaço. Na roda inicial foi proposta uma breve avaliação dos acontecimentos e o grupo trouxe com ênfase as diferenças existentes em diversas situações e acentuaram a vontade de mudar os combinados do cigarro. Sem propostas ainda elaboradas mantivemos o que foi anterior e coletivamente construído. Os objetivos do dia foram explicados e trabalhamos com o túnel do tempo das brincadeiras de rua para fazer um paralelo com o último encontro e com a etapa de criança de todos. Repetimos o jogo de futebol caixote adaptado, mas agora com duas balizas para defender e duas para atacar com mais de uma bola em jogo. Em seguida foram utilizados: o “bobinho”²², “mele”²³ e “linha”²⁴, brincadeiras típicas e possíveis de adaptação do jogo e na falta de espaços. Na sequência, foi solicitada a exploração dos pontos mais fracos percebidos por eles. O diagnóstico deles foi muito parecido, pois o ponto fraco era o membro inferior não predominante. Feito isso, cada um deveria ir para o jogo e localizar

²² Bobinho pode ser descrito como uma roda onde um fica ao centro e os demais tocam a bola até o do meio conseguir recuperar e quem deixou isso acontecer vai para o centro

²³ Jogo cuja habilidade em deixar manter a bola sem quicar com apenas um toque com a finalidade de fazer gols

²⁴ Parecido com o mele, mas com a bola no chão com cobranças de pênaltis caso o goleiro toque antes do gol e fora da área.

jogadas e possibilidades onde foram utilizados os conhecimentos desenvolvidos neste encontro. A resposta foi muito boa, pois a localização ficou muito fácil e a relação com o jogo em si se deu de outra forma.

Tivemos então a possibilidade na roda final de discutir com eles que na realização de atividades complexas era necessário a utilização de recursos combinados e de diversas habilidades e que ao combiná-las poderiam ser realizados uma infinidade de movimentos e coisas. Associados em diversos contextos os jovens foram capazes de fazer um paralelo com as relações familiares e dos grupos a que pertencem no sentido de pensar habilidades de relacionamentos possíveis, além disso, como essas habilidades e a falta delas interferem nas ações cotidianas.

Embora a roda tenha sido produtiva, saímos para o lanche com a sensação de que havia uma tensão não dita, ainda referente ao cigarro. No lanche os rumores sobre a possibilidade de mexer nos combinados foram articulados. Ficamos na expectativa.

Do décimo encontro

Todos no horário. Um clima ainda estranho no grupo com formação de bate papos em sub grupos. Pela primeira vez o grupo se organizou só, com a divisão rápida dos times e organização de muita qualidade. Cinco minutos paramos tudo. Planejamos discutir apropriação e uso adequado do espaço a partir do diagnóstico de que o conjunto está dando pouco valor às próprias conquistas em detrimento de ter seus benefícios como a reivindicação solicitada do cigarro. Planejamos alongar a roda inicial e provocar desconforto no grupo esperando a reação dos participantes.

Trouxemos um texto que trata de uma metáfora utilizando a borboleta e o jardim como forma de apropriação de espaço. O próprio texto já causou um

descontentamento, pois foi apresentado como estímulo novo. Junto a isso foi feita uma mudança do local da roda inicial que saiu do alambrado para o centro do campo. Na medida que fomos fazendo cobranças sobre a postura deles dentro e fora do SESC os ânimos mudavam. Até que um mais exaltado resolveu tratar da relação com o espaço sugerindo a mudança dos combinados. Isso gerou uma enorme discussão, conosco e muito mais entre eles que tinham opiniões diferentes. O clima ficou muito quente com a sensação de que o nível da discussão seria rompido pelo uso do mecanismo conhecido da agressão física. Mas o grupo se conteve e mais fortalecidos investiram na equipe de profissionais na busca de soluções.

Sugerimos que fosse feito um novo combinado, mas que deveria sair do grupo e não como eles estavam solicitando na forma de decreto. Neste dia ficamos pelos menos duas horas discutindo com o nível máximo de irritação e intolerância. Ao final, com a nossa mediação o grupo foi capaz de construir o novo combinado que estabeleceu uma mudança, aparentemente, pequena no item seis, onde foi incluído poder fumar dentro das dependências do SESC após as atividades e o lanche. Essa construção e superação dos conflitos foi de suma importância para que o grupo iniciasse a sua jornada como um grupo e permitiu a certeza da possibilidade de reivindicação. Neste sentido os objetivos foram alcançados.

Como indicador de clima, propusemos um jogo livre e com a participação dos profissionais envolvidos. Foi possível perceber que um dos profissionais foi mais visado e os adolescentes procuram chegar com mais força neste. Mas no geral foi possível recrear e dissipar aquela tensão inicialmente posta.

Na roda final, retomamos a importância de cada um no grupo e da força que todos têm juntos quando o objetivo é comum e é dessa forma que acontecem as melhores

participações e conquistas populares. Fizemos uma breve passagem na história mostrando fatos dessa natureza e reforçamos a capacidade que o grupo teve de superar os problemas utilizando outras habilidades e recursos que não o da agressão e do ciclo de violência que estão expostos. O grupo, já mais aliviado, também entendeu a mensagem e estavam orgulhosos pelo elogio. Lanche, cigarro e passe sem tensões nem problemas.

Do décimo primeiro encontro

Chegamos com certo atraso. O grupo estava sorridente e fizeram vários comentários amistosos sobre esse atraso. Entramos todos e a atividade começou no horário combinado. Esclarecemos que os objetivos do dia era refletir sobre as questões relativas a saúde e em especial ao cigarro.

Preparamos um encontro exaustivo e com uma questão de fundo: *Em questão de saúde, as respostas respiratórias e cardíacas de um fumante e alcoólatra são satisfatória numa atividade física?* O professor de Educação Física propôs um jogo de reação e perseguição em corrida com duas equipes sentadas uma de frente para outra. Ao sinal cada participante deveria correr para pegar seu oponente até a linha de defesa deste, ao chegar nessa linha quem estava pegando passou a ser o pegador e isso foi insistentemente trocado, num ritmo alucinante. Ao final dessa atividade foi proposta uma variação de bobinho gigante com muita corrida. Terminada essa atividade foi proposto um jogo livre com um tempo bastante grande. A participação de todos os jovens foi incrível. Já cansados e desanimados propusemos a roda final, entendida como atividade. Exploramos a situação com várias perguntas: Que tipo de dificuldade vocês vivenciaram antes e durante a atividade e como resolveram? A resposta do cansaço era óbvia e a mais comentada. E um deles chegou a questionar sobre o por quê dessa atividade. Então

desencadeou uma série de perguntas de nossa parte: Fumo combina com a prática de exercícios e qualidade de vida? Como?

O que aconteceu com quem fuma? O que tem acontecido com quem está fumando diariamente? Como está o estado de saúde? De que forma o vício pode prejudicar na situação de jogo? E na vida pessoal? Com muitos pontos de interrogação os adolescentes timidamente colocavam sua opinião sobre os cuidados básicos de saúde. Aproveitamos o espaço para fazer uma mini palestra sobre o cigarro. Mostramos que o efeito agudo do CO consiste na combinação com a hemoglobina (a afinidade dela com o CO é de 245 vezes maior que com o O₂) faz falta para o transporte de oxigênio. Foi mostrado o efeito no sistema nervoso central, no sistema cardiovascular e no sistema respiratório. Além de pontuar que as capacidades físicas e a estrutura interferem e limitam a participação em atividades físicas coletivas e individuais. O mais importante é que não teve a finalidade de ser um discurso moralista e “careta”, mas de apontar as coisas que acontecem para que tenham elementos para suas escolhas.

Os adolescentes entenderam a mensagem. Ficaram curiosos sobre o que mais poderiam fazer em relação aos cuidados com a saúde e o professor deu a atenção que neste momento eles necessitavam. Após o lanche não quiseram acender o seu cigarro. O clima estava amistoso entre todos e apontando para uma nova lógica de funcionamento grupal.

3) IMAGINANDO O FUTURO

Essa etapa diz respeito aos sonhos e perspectivas dos adolescentes como sendo um momento de elaboração de mini-projeto, criando a cultura de projetar-se. É o momento crucial de redefinição ou confirmação do plano de atendimento individual e o estabelecimento de metas concretas e possíveis. Isto é, o futuro norteia as práticas do presente.

Resumo

Do décimo terceiro encontro

Percebemos o grupo integrado, pois superou seu conflito dos combinados e tem buscado trabalhar cada vez mais como um grupo no cumprimento adequado de tarefas a serem realizadas. Neste dia preparamos a outra etapa importante para esse conjunto que é a competição. Neste mesmo dia o psicólogo não pode ficar na atividade uma vez que foi apresentar a proposta em entrevista com a repórter do Jornal do Conselho Regional de Psicologia.

Neste dia, foram trabalhadas as questões da competição em três níveis: Competindo comigo mesmo, competindo com os outros e competindo com todos. Com essas atividades buscou-se refletir com os jovens sobre os diversos momentos da vida onde a competição é um fato e que desencadeia muitas vezes momentos de superação. Pontuou-se que nesse momento há de entender como ponto importante o respeito mútuo, saber ganhar e perder, mesmo porque sem adversário não há conquista da vitória.

Os adolescentes foram convidados pelo SESC a participar do dia mundial do desafio na semana seguinte e negociaram a possibilidade de trazer a namorado/namorado

e que foi aceita e liberada a entrada pela diretoria. Os adolescentes ficaram muito felizes com a conquista e a possibilidade de fazer esse mini projeto, apresentar e tê-lo aprovado.

Ao final das atividades os adolescentes quiseram estar com a repórter que proporcionou momentos de interação e de entrevistas (anexo a matéria).

Do décimo quarto encontro

Aqui não será considerado como um encontro do grupo por conta da especificidade. Levamos inclusive um número maior de educadores nessa atividade. Mas como foi um dia atípico merece relato por fazer parte do contexto geral. De todos os adolescentes apenas um, Dêceó, levou mesmo a companhia conforme haviam solicitado à direção do SESC. Logo na entrada o grupo começou a funcionar como grupo e muitos adolescentes por acharem que era festa abusou da bebida alcoólica nos arredores. Pensamos em suspender a atividade, mas apostamos no conjunto e que a privação agora não seria a melhor estratégia. No aquecimento foram detectados alguns problemas, pois como o SESC estava muito cheio de pessoas, vários membros do grupo não queriam participar para ficarem livres pelo local para namorar entre outras coisas. Como esta possibilidade não havia sido combinada, o grupo foi advertido desse comportamento. Criaram uma situação de conflito e o clima voltou a ficar tenso. “Apertamos” um pouco mais e os dois líderes (Dêceol e Óocê) ameaçaram deixar o local e procuraram incentivar os demais a essa “*rebelião*”. O grupo entendeu que foram convidados especiais do SESC e não quiseram deixar o local, pois o dia estava repleto de atividades (canoagem, arco e flecha, tirolesa, rapel e as outras atrações que o próprio SESC havia oferecido).

Os adolescentes insistiram dizendo que iam embora. O psicólogo resolveu intervir dizendo que não havia obrigação de estar ali, pois éramos convidados e quem não se sentisse bem que pudesse ir embora sem problemas. Os dois então insistiram achando que mudaríamos a forma de atuação de andar e conhecer todas as atividades em conjunto. Nossa postura foi mantida. Eles não aceitaram e ameaçaram sair novamente, momento oportuno para o psicólogo colocá-los para fora. Como o caminho até a saída era longo fomos discutindo esse acontecimento e ficou claro que neste dia os dois não estavam muito bem e seus conflitos familiares os estavam angustiando muito. Dêceol sinalizou que se as coisas continuassem como estavam em casa que teria que sair e talvez voltar a se envolver em outros atos infracionais. O outro, Óocê, também trouxe a questão difícil de morar com a tia manicure. Mesmo depois de ouvir e tentar alguns encaminhamentos não voltamos atrás na decisão tomada e neste dia os dois foram colocados para fora conforme haviam solicitado em forma de chantagem. Informamos que a presença deles era importante neste grupo, mas como parte do grupo e que no próximo encontro seriam bem vindos. Mostraram arrependimento pelo pedido, mas entenderam o que estava sendo feito naquele momento.

Os demais aproveitaram cada minuto. A avaliação desse dia ficou para o lanche e todos concluíram como sendo muito bom estar no espaço com outras finalidades e da forma como foram convidados, mostrando o real valor dessa situação.

Do décimo quinto encontro

Campo de areia. Na roda inicial foi possível fazer uma breve avaliação do que foi o dia do desafio e para nós foi um desafio mesmo. Os adolescentes gostaram muito do dia e ficaram dando detalhes do que fizeram e deixaram de fazer e as lideranças, mais

calmas pediram desculpas ao grupo pelo comportamento apresentado. Aproveitamos e retomamos a questão das bebidas alcoólicas no sentido de mostrar o que ela tem causado praticamente na vida de cada um. Por mais que seja um comportamento esperado para a fase, coube aos mediadores trabalhar essa questão das possibilidades e das experiências novas.

Espaço novo com graus de dificuldade. Ainda trabalhando a questão da competição foi introduzido o conceito de força.

O professor propôs um mini circuito com estações organizadas pra mostrar a forma de trabalhar a força com arremesso lateral, cabeceios, lançamentos, chutes e condução de bola.

Depois de ter vivenciado cada estação fomos perguntando sobre as sensações e descobertas até que um acertou no objetivo colocando que sua coluna ficou sobrecarregada durante as atividades de força, o que mostrou que o jovem está tendo consciência corporal e isso foi explorado e causou muita curiosidade com relação a coluna vertebral.

Como o conceito era força discutimos como seriam as escolhas para o jogo livre. Então os jovens entenderam o conceito de força e que neste caso específico é muito importante o equilíbrio das forças para que possa ter outras emoções envolvidas. A relação foi possível em outros momentos como as autoridades que utilizam a força desde casa até na aplicação das medidas que cumprem. A discussão foi muito rica.

Do décimo sétimo encontro

Visita ao Futebol do Futuro²⁵. Esse momento foi muito esperado e bem trabalhado com o grupo que recebeu o convite no dia do desafio. Então na roda inicial com todos juntos exploramos a importância para nós desse encontro e refletimos com os jovens os espaços que eles mesmos vêm abrindo dentro do SESC. Apresentação mútua. Aquecimento oferecido por eles e uma atividade oferecida por nós. As regras foram combinadas e fomos para o jogo. Esse foi um dia muito alegre. A visita não pressupunha um projeto contra o outro, mas a atividade em conjunto. Os times foram escolhidos com a mistura dos dois projetos. A regra que mais foi questionada pelos adolescentes é que *palavrão*²⁶ seria considerado como pênalti. Gol das meninas tinha peso diferente então havia necessidade de pensar em outras estratégias de defesa com maior complexidade de raciocínio.

O pesquisador quebrou o braço direito enquanto jogava, fruto de uma queda.

Na avaliação final com o grupo o que mais chamou atenção foi a sensação de vergonha que ficaram alguns adolescentes que fizeram muitos pênaltis por falar palavrão. Eles se recriminaram muito, pois só o nosso grupo cometeu essa penalidade. Então foi necessário trabalhar com eles as diferenças de cultura e os significados do palavrão dentro dos diversos contextos. Essa discussão foi muito produtiva, principalmente por que estabeleceu a diminuição desse comportamento para o grupo.

²⁵ Trata-se de um projeto do SESC que utiliza o futebol como forma de conhecer o mundo. Suas atividades giram em torno do futebol, mas desenvolvem uma série de outras atividades.

²⁶ Esse termo foi bastante discutido pela equipe técnica e não foi possível um consenso. O que predominou foi o conceito de senso comum sobre o uso de palavras consideradas de baixo calão – obscena e grosseira.

Do décimo oitavo encontro

Recebemos a visita de um físico suíço que interagiu com os adolescentes. Ele veio participar de um evento na cidade e como o CEDECA tem vínculos de financiamentos suíços resolvemos apresentar as atividades desenvolvidas. Sua presença fez com que os adolescentes tivessem uma preocupação em cuidar e receber bem o visitante.

Na roda inicial apresentamos o nosso visitante e explicamos os objetivos da atividade. A intenção dessa atividade foi trabalhar regras e figuras de autoridade antes da visita ao Projeto Esporte Talento e ao trabalho de autonomia a ser desenvolvida no próximo mês.

Aquecimento. Todos participaram. Escolha dos papéis. Ninguém queria ser o árbitro, mas era um papel a ser preenchido. Os jovens discutiram até chegar a uma decisão, pois o jogo não começaria sem essa figura.

A regra era de futsal. Muitos cometeram erros, ora por não ver a jogada, ora por não saber da regra. O que estava claro para todos é que essa decisão não poderia ser contestada e que todos passariam por esse papel. No rodízio foi possível perceber como cada um se relaciona na situação de “superioridade” com um “pseudo” poder em mãos. A maioria cometeu uma série de abusos. Isto nos deu uma pista de o quanto essa relação de poder não tem sido entendida pela maioria como forma de opressão recebida e é devolvida na primeira oportunidade.

Na roda final exploramos essa questão e apareceu de tudo, desde a violência truculenta que recebem da polícia, em casa e como a decisão de uma pessoa muitas vezes muda a vida de muitos, como foi o caso de todos que foram julgados pelo Juiz. Do outro

lado trabalhamos as questões de quem vivia o outro papel e como fatores externos mexem com a competitividade. Mostramos ainda com a presença do visitante o quanto o sedentarismo tem causado complicações de saúde no mundo moderno.

O lanche compartilhado com a visita foi muito interessante, pois a grande maioria solicitou que ele fosse visitar suas residências, convite que foi aceito e concretizado no outro período. Isso foi motivo de orgulho para muitos. O grupo está trabalhando como grupo.

As responsabilidades para a nossa visita ao Projeto Esporte Talento foram divididas e todos sabiam como tudo deveria acontecer.

Do décimo nono encontro

Às 7:00h saída do CEDECA Interlagos. Nem todos estavam presentes. Fomos (onde?) com uma Van alugada especialmente para esse evento. Eles gostaram muito do conforto. Chegando no espaço da Universidade de São Paulo nos dirigimos para o Centro de Práticas Esportivas em direção ao Projeto Esporte Talento. Fomos bem recebidos por todos e eles ficaram muito à vontade com a recepção.

Na roda inicial foram exploradas as apresentações mútuas dos jovens envolvidos e dos trabalhos desenvolvidos pelos dois projetos, além de explicar as atividades do dia. Nós ofertamos uma atividade de aquecimento e o projeto outra. Foi realizado um jogo tradicional com a participação de todos. Os adolescentes do CEDECA por jogarem em conjunto de forma bem articulada, como viviam neste momento de grupo, ganharam o jogo com certa facilidade e gostaram muito disso. Em outro momento, foi proposta uma integração entre os dois projetos, resultando dessa mistura uma experiência muito rica.

A intervenção aconteceu no momento de refletir sobre a visita e os ganhos possíveis, mostrando mais uma vez como uma mobilização se dá quando o objetivo é comum e todos lutam para alcançá-los. Essa intervenção procurou juntar todas as vivências até a presente data para fazer sentido de tudo que já havia sido vivido anteriormente por eles. Ao final, havia um almoço no CEDECA esperando por eles. Essa parte eles nunca tinham vivido anteriormente e sentiram-se lisonjeados.

Essa também foi uma forma escolhida para marcar que o fim do processo estava chegando e achávamos que já deveriam começar a pensar na sua jornada e projeto de vida independente. E gostaríamos de potencializar futuros trabalhos nas comunidades de cada um com essa metodologia.

Do vigésimo encontro

Roda inicial apresentamos outra visita suíça, a Leia, que veio ao Brasil fazer um pesquisa sobre crianças em situação de rua e os trabalhos que podem ser desenvolvidos. Os adolescentes a receberam bem.

Aproveitamos para avaliar a visita ao Projeto Esporte Talento. Os adolescentes apreciaram muito a estrutura para a prática esportiva. Fizeram comparações e valorizaram o lanche que recebem e o almoço que tiveram e gostaram muito das atividades desenvolvidas.

Os adolescentes queriam utilizar o ginásio (desejo desde o primeiro encontro) e fomos solicitar à direção, mas a polícia militar usaria o espaço e não foi possível ceder. Os adolescentes ficaram tensos com a participação conjunta da polícia e frustrados de não poder usar o ginásio na reta final quando sabem dos últimos encontros.

Retomamos o texto da borboleta (anexo). Um dos adolescentes pediu para ler. Com esse texto mostramos o caminho traçado por esse grupo com todos os avanços e conquistas na relação com o SESC. Isto ficou reforçado com a idéia de poder utilizar o ginásio na semana seguinte. Mais uma vez eles conquistaram um pouco mais. Além disso, reforçamos o quanto foi bom a organização do grupo no jogo com o PET. Este encontro ficou marcado por deixar claro que a partir de hoje até o último dia a intervenção se daria no sentido da presença e que a organização deveria acontecer por conta do grupo, inclusive o planejamento e a sugestão de atividades.

Neste encontro utilizaram o chute a gol de várias formas e o toque de bola para representar a busca pelos objetivos.

Um aspecto que nos chamou muito a atenção foi a forma como eles se comportaram no jogo coletivo, pois parecia o dia em que estavam no ambiente de várzea. Em discussão com a equipe ficou claro que eles estavam querendo dizer que não se sentem prontos para tocar os seus próprios projetos de vida. Mas insistimos para que virassem as páginas. Outro ponto que chamou a atenção é que conseguiram articular para ter mais dois encontros fora do que estava previsto inicialmente.

4 - SAINDO DE CAMPO

Essa é a etapa de concretude de todo o trabalho que visa a saída deles da medida. O desligamento do projeto é tido como certo e tratado como processo. Representa o momento da autonomia e da ação. É o momento da avaliação das próprias conquistas e decisões que foram tomadas, pois é importante que o projeto consiga auxiliar no desenvolvimento das competências trabalhadas.

Resumo

Dos vigésimo primeiro, segundo e terceiro encontros

Tendo em vista o diagnóstico realizado pela equipe da qualidade de emancipação do grupo, a intervenção se deu basicamente com a presença e observação da capacidade de organização do grupo que procurou no passado atividades que tinha agradável ao conjunto. A grande realização aconteceu no dia do jogo no Ginásio. Mesmo com muito frio e garoa eles aproveitaram muito a atividade, pois o SESC manteve o combinado²⁷ e eles puderam utilizar o ginásio prometido.

Trouxeram atividades conhecidas e vivenciadas que tiveram vários significados ao longo do processo. O grupo conseguiu se organizar em todos os momentos tendo apenas o auxílio do professor de Educação Física para a operacionalização das ações.

O fato mais importante a ser observado foi a tentativa de manter esse grupo nesse formato, mas a opção poderia acontecer de outra forma a ser organizado por eles que não dependesse da instituição. Foi lançado um desafio de desenvolver trabalhos

²⁷ Desde o início do trabalho o SESC informou que o Ginásio poderia ser utilizado tão somente em dias de chuva que impossibilitasse o uso dos demais espaços liberados.

comunitários semelhantes nos bairros de origem. Mesmo assim, os jovens não queriam sair dessa situação conhecida para enfrentar seu próprio projeto de vida.

Neste caso, foi sugerida uma nova forma de acompanhamento após o encerramento e isso criou novas perspectivas que foram apreciadas tanto pelos jovens como pelos técnicos responsáveis.

Do último encontro

Último encontro no SESC. Na entrada todos presentes e alegres. Queriam avaliar o trabalho e brincaram de ser repórter com a câmera na mão e várias perguntas na cabeça. A frase que marcou esse dia foi *“hoje é o último dia em rapaziada”*(Eoésse). As respostas a isso foram: *“Eu to alegre e triste... alegre porque meu LA vai acabar e triste porque não vai ter mais SESC”*. (Veerreele)

Dentro apareceu um conflito que marcou esse grupo que era a questão das escolhas que passavam sempre por uma discussão, defesa da proposta e votação. Neste dia escolheram trabalhar em um espaço menor, na quadra.

Na roda inicial foi levantando as propostas de atividades e seus objetivos. Foi utilizado pelo psicólogo um texto chamado EU APRENDI (anexo) do qual os adolescentes disseram que fez muito sentido para eles o que viveram.

A atividade foi livre e eles optaram por se dividir de forma equilibrada em três equipes para os jogos com regras simples de autoregulação.

Pela primeira vez um adolescente se machucou e teve que ser socorrido no Hospital Geral de Grajaú. O jovem sofreu uma entorse no tornozelo direito que fez a equipe refletir sobre as dificuldades de caminhar, autonomamente, desse grupo.

Foi realizado um churrasco de confraternização do qual eles gostaram muito. O clima foi sempre de muita alegria.

Na roda final eles propuseram uma avaliação do processo com todos e tivemos registradas as seguintes falas:

“Tendo em vista os resultados obtidos eu achei que foi muito legal. Pena que foi curto. Se esse grupo pudesse dar continuidade seria ótimo pelo entrosamento conseguido... seria maravilhoso”

(Nelson, educador social)

“Foi bastante interessante pelas possibilidades da gente ter aprendido a fazer muitas coisas aqui, conviver, a lidar com as diferenças, trocas de idéias e a debater”

(Fernando, professor de Educação Física)

- “Como vocês estavam no primeiro dia?”- perguntou o psicólogo.

“tava danado da vida”

“tava revoltado com a vida”

“não queira nem fazer”

“to de boa” – responderam os adolescentes.

Continua o psicólogo – “De lá pra hoje, aquele dia que fizemos a bolinha até hoje?”

“mudou várias coisas, né”

“comportamento”

“atitude”

“alegria” .

Concluíram os adolescente.

Últimas palavras do psicólogo:

*“Passamos momentos agradáveis aqui e outros nem tanto. Nós já brigamos aqui, certo? Vocês já brigaram entre vocês. Nós já brigamos com o SESC – funcionários... vocês já conquistaram um monte de oportunidades, de participar de várias coisas do SESC, e a impressão que eu tenho hoje, é que o SESC está muito aberto para nossas coisas e para aquilo que a gente vai propondo. E quem conquistou isso?... Foram vocês! Portanto, não acho que hoje está acabando. Hoje está acabando isso que é a gente junto, mas começa uma coisa nova que é vocês sozinhos, fazendo as conquistas de vocês. Vocês viram que é possível correr atrás dos sonhos. Entenderam que é possível realizar o sonho, então agora é mão na massa. A gente não pode correr atrás do sonho de nenhum de vocês, vocês é que têm que correr atrás do próprio sonho. O Veerreele falou uma coisa que achei bárbaro, disse: **“Olha , eu gosto disso aqui, tal.. mas não quero ficar em L.A. não, não quero ficar preso no Cedeca, quero tocar a minha vida”**. E é isso! Tem que valorizar essa liberdade. É um pouco aquele texto, que a gente leu no começo, que é a idéia do **EU APRENDI**. Se eu aprendi, **BOLA PRA FRENTE**, erguer a cabeça e vamos embora. Ficar patinando aí no mundo infracional, ficar patinando aí na L.A. vira?”*

“Não vira...” responderam em coro.

Continuando...

*“Eu queria agradecer um por um, pela possibilidade de conhecer vocês de perto, pela possibilidade da gente conhecer vocês fora da salinha. Por que lá (na salinha), você é de um jeito e aqui você fala palavrão e lá você não fala; por que aqui você mete o pé no seu companheiro e lá você é bonzinho; aqui você faz cara de bravo, xinga, vai pra cima, briga comigo. Ou seja, aqui você se mostra mais do que lá na salinha... Não é verdade? Na salinha você fala ‘ah...senhora **to a pampa**’. Tem um monte*

de coisa acontecendo na sua vida e ... 'não, to a pampa' e aqui não "e aqui você se abre". Você me chama de canto, fala ó, "aconteceu isso comigo, com a minha mina, to assim, to assado, e a gente trocou um monte de informação, comigo, com o Nelson, com o Fernando e com a Érika, que eu sei que vocês trocaram muito também".

"A gente aprendeu, que tem, tipo, um ombro amigo, né". Interrompe um dos jovens.

E aí isso é possível, não só entre nós aqui, mas é possível, isso, para o resto da vida de vocês, "com a família", e se precisar da gente, a gente vai estar lá".

Com essa fala o grupo se abraçou. Todos se despediram. Algumas tentativas de novos encontros marcaram esse momento que era pegar a cópia dos textos lidos e assistir as fitas gravadas.

Churrasco. Passes e, já num outro contexto que faz sentido para todos agora, cigarros.

O funcionamento do homem no grupo

O homem se reúne em grupos com o intuito de somar suas forças e assim melhor garantir sua subsistência e sobrevivência, mas ao atentarmos para casos como o nosso podemos entender que o agrupamento humano garante não somente a sobrevivência da espécie, mas sim a própria condição transformadora da condição humana. De acordo com DELLA TORRE (1986) é através da relação do homem com o seu grupo, por meio da comunicação em seus diversos níveis, como a linguagem, o simbolismo e as

expressões faciais, entre outras que a cultura evolui e ao mesmo tempo permite ao homem se apropriar dela e participar da sua realimentação e propagação através dos tempos.

Além de compreender o processo de formação e estruturação dos grupos sob o enfoque da relação do indivíduo com o grupo no qual está sendo inserido, é necessário se analisar o grupo de acordo com sua dinâmica, própria, ou seja, entender o agrupamento e sua organização em função de sua particularidade, suas especificidades.

Muitos são os recortes que visam analisar os grupos de acordo com suas características próprias, levando em consideração sua capacidade de se auto-regular e de se organizar, com uma perspectiva de análise fundamentada no grupo em relação a si mesmo.

Para ANZIEU (1971) um grupo necessita de seus elementos um “sentido comum” na medida em que as ações grupais se diferenciam das sociais pelo fato de que são realizadas com a presença de todos os membros juntos, ou que de alguma forma participem da unidade afetiva, o grupo, partindo do princípio de que “a co-presença ocasiona efeitos particulares”. Para tanto, estabeleceu uma categorização de agrupamentos que vão desde os mais numerosos e desorganizados, portanto com metas de caráter mais individuais, até os menos numerosos, mais organizados e institucionalizados, que apresentam objetivos mais coletivos.

Vimos que no primeiro estágio denominado de *formação* os adolescentes tiveram um tempo para se familiarizarem com os outros membros. Ficaram se envolvendo em comparações sociais, avaliaram as forças e as fraquezas uns dos outros. E a equipe procurou desenvolver estratégias para facilitar a familiarização dos membros do grupo e a interação da equipe nesse que chamamos de primeiro estágio da formação.

Em seguida foi possível perceber o estágio da *agitação* que ficou caracterizado por resistência ao líder e aos combinados que regulavam o comportamento do grupo e pelo aparecimento de conflitos pessoais. Neste estágio a intervenção privilegiou a comunicação mais aberta e objetiva para diminuir o aparecimento do estresse e reduzir as hostilidades. Além disso, com um texto foi comunicado abertamente o desagrado com a situação que poderia prejudicar as interações desejadas do grupo.

Passados os conflitos percebemos a fase da *normalização* onde a hostilidade foi substituída por solidariedade e cooperação. Os conflitos eram resolvidos mais facilmente e deu-se início ao senso de unidade. Ao invés de cuidar apenas de si o grupo entendeu a importância de se trabalhar para o grupo e com isso conquistaram muitas outras coisas no próprio SESC. Esse trabalho foi potencializado com os elogios constantes e pelo reforço das conquistas.

A última fase pareceu a mais clara neste grupo que foi a *atuação*, pois os membros estavam unidos a fim de canalizar suas energias para o sucesso da equipe. Trabalharam autonomamente e deram conta das diversas tarefas. Nesta fase a competição entre os membros foi diluída pela intervenção e foram potencializadas as contribuições individuais para um clima de cooperação.

Outros aspectos importantes de aprendizado do projeto

Nesse caminho, nos bate papos com os adolescentes, durante os grupos, algumas descobertas foram feitas sem o cuidado mais criterioso de registro da pesquisa, mas que têm relevância para abrir outras possibilidades de pesquisa. Essas conversas foram registradas apenas nos acompanhamentos e na releitura do material fez emergir um especial interesse. Por isso, dividimos essas “falas” em tópicos que facilitam a compreensão do pedido e da análise feita pelos próprios adolescentes, pensando numa rede como importante apoio: escola, família e trabalho²⁸.

Quanto à escola alguns adolescentes mostram que há deficiência na rede de proteção e garantia de direitos, pois mostram que a rede pública é incapaz de acolher a demanda que lhe é dirigida pelos encaminhamentos realizados pelo CEDECA Interlagos e a inoperância de outros agentes, a se destacar, os conselhos tutelares que, por força de lei, deveriam garantir o direito à educação, o que pressupõe a matrícula escolar – também vista pelos adolescentes, corretamente como atribuição da organização que acompanha a sua medida. Talvez em função deste tipo de deficiência institucional, as opiniões sobre a escola apareçam sempre de forma tão negativa, sobretudo as questões que nos interessaram aqui nesse trabalho relativas a disciplina. Para eles a escola é a instituição onde menos se respeitam as regras, para eles *“na escola não nada disso de regra... os manos fazem o que bem entendem na escola e por isso está aquele lixo”* (V.R.L., 17 anos).

²⁸ Esses assuntos também já foram exploradas em uma pesquisa, em 2002, da consultoria Unicef, coordenada pelo Nilton Ken Ota, chamada a Liberdade Assistida e os sentidos da Lei: a percepção do adolescente, mas que não consta em publicação.

Quando o assunto era “círculo privado”, entendido aqui como a família e os amigos escolhido por eles, a “fala” trazia uma força que exercia compensadoras das falhas da rede pública de serviços. Para D.C.O., 17 anos, *“a família é o maior barato, onde aprendo muita coisa, mesmo sem querer, mas tá o maior veneno... ninguém tem dinheiro pra nada e aí veio a coisa fica feia... todo mundo briga”*.Mencionaram, ainda, como sendo a instituição família como a que garantia os direitos e bem estar, na medida do possível. A família, para eles é o lugar onde mais se aprende coisas importantes para a vida, mesmo tendo como o principal problema familiar a atual condição socioeconômica.

E, finalmente, quanto a inserção no mercado do trabalho os adolescentes encontram-se diante de um paradoxo. Para eles a formação profissionalizante requer vias institucionais de acesso, fiscalizadas e sob determinação judicial. No entanto, na maioria dos casos este tipo de qualificação não implica o exercício efetivo da profissão aprendida, e assim a inserção no mercado de trabalho acontece de modo informal, principalmente pela rede familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *campeonato* não termina aqui com essa *partida*. A experiência relatada já se transformou em passado e eles vivem suas vidas. Mesmo assim é possível perguntar quais os novos *jogos* que eles estão *jogando*? O que está acontecendo a cada um? Receberam algum *cartão amarelo ou vermelho*? Será que vão fazer os seus destinos autonomamente? Essas questões mostram que eles vão viver outras *partidas* e por isso partiram.

Esse trabalho viveu na “pele” a representação que atribuí ao esporte as piores conotações de “quem não tem o que fazer” impregnado dos discursos da sociedade e reproduzido por algumas famílias que acompanharam o processo.

O projeto, aqui exposto, aprendeu - até mais do que foi capaz de ensinar - que os adolescentes participantes demonstraram que a idéia libertária trabalhada foi à ruptura para experimentar uma outra possibilidade de ser para além das limitações, para além das privações. Mostraram que nessa lógica libertária “nós podemos ser gente, onde somos pessoas”; onde puderam negociar e puderam falar das suas experiências. E como essa relevância do contexto social de cada um foi considerado é possível afirmar que houve uma construção de um saber conjunto, compondo um diálogo aberto com os adolescentes, o que mostra a “razão de ser” do conhecimento. Neste sentido à medida que se lhe apresentam novas *jogadas* e outras possibilidades acabam-se criando um “rito de passagem” desse adolescente pelo Futebol Libertário, pela Liberdade Assistida e pelo próprio CEDECA Interlagos.

Para ADORNO (1999) quanto maior o contato com o *circuito e equipes* das agências de controle social repressor, mais intenso e consistente a construção de uma “identidade criminosa”. Assim, a força da experiência punitiva oculta, em alguns

momentos, chega a anular o potencial criativo dos projetos inovadores, pois a subjetivação da lei modulada pela violência consolida uma moralidade viril, extremamente vinculada a uma forma de transposição das clivagens sociais reproduzidas pela relação opressor-oprimido.

Considerando as diversas fases das reações políticas e econômicas com o mundo mais desenvolvido, os países latino-americanos sempre permaneceram num grau de inferioridade e de dependência. E é bom salientar o papel exercido pela cultura imperialista no sentido de acentuar e legitimar essa situação de inferioridade e de dependência. Mas a dominação, como já foi vista, não se verifica apenas sob a forma de relações internacionais desfavoráveis. A dependência externa não se manteria sem que se criassem estruturas sociais, políticas e econômicas compatíveis com o quadro de dominação externa. Essa situação fez com que muitos países latino-americanos acabassem adotando regimes de governos autoritários, modelos econômicos excludentes e mecanismos de controle social dos mais diversos. Dessa forma, a opressão acabou perpassando toda a sociedade, deixando marcas de injustiças, violências e miséria do povo.

Uma pedagogia libertadora tem sua razão de ser dentro de um contexto onde a liberdade é negada, mesmo assegurando em lei. Fala-se de libertação quando se sofre a opressão. O sentido de libertação para Freire – assumida aqui – surge como contraposição a uma marca histórica nas medidas socioeducativas desse país: a opressão.

A opressão vivida no contexto da experiência não se restringiu ao momento do *campo e da bola*, pelo contrário, ela se estendeu para o campo que FREIRE (2003) chamou do exercício da criticidade ao lado do reconhecimento das emoções.

O esporte como um instrumento socioeducativo é uma prática utilizada em inúmeros projetos sociais direcionados a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. Porém, a intervenção nas medidas socioeducativas com adolescentes

inseridos em medidas em meio aberto, apresenta-se como uma iniciativa pioneira e como tal, trouxe um grande desafio, vide as especificidades dos atores envolvidos – adolescentes, educadores, etc.

Uma das descobertas importantes nos modos de sentir no todo da intervenção, foi à possibilidade de aglutinar diversas experiências com o esporte, uma atividade naturalmente atraente, facilitando a adesão dos adolescentes. Aderindo à prática esportiva os adolescentes estiveram mais próximos dos profissionais envolvidos que tiveram as portas abertas para desenvolver outros trabalhos. O esporte é uma prática que evocou vivências de temas como: auto-estima, motivação, competição, integração, violência, saúde, cooperação e outras. Como foi visto, estes temas foram parte integrante e comum tanto de atividades esportivas como do cotidiano dos adolescentes. Vale dizer, também, que essa técnica expressiva, trata-se de uma experiência socializante já que permite ao adolescente entrar em contato com regras, limites, disciplina.

A prática do futebol foi a fonte de vivência de situações relacionadas tanto a saúde dos adolescentes como à sua educação. Estes temas comuns estão, por sua vez, relacionados ao desenvolvimento do exercício da cidadania. Também interessa ver que os temas foram relacionados com a prevenção de DST/AIDS na medida em que tanto os cuidados com a saúde, quanto com o convívio social saudável, envolveram comportamentos de cuidado consigo e com o próximo em detrimento a comportamentos de risco de um modo geral.

A produção intelectual sobre esporte no Brasil tem aumentado, significativamente, na última década. São obras de caráter histórico, biográficas, dicionários e enciclopédias, manuais de orientação, além de *sites*, exposições e museus que se referem prioritariamente ao esporte profissional.

O mesmo crescimento não se verifica na produção quanto ao esporte educacional voltado aos projetos sociais que tem se esforçado na busca de alternativas para vencer o ciclo vicioso da violência e dos processos de cidadania. No entanto, a dimensão cultural do esporte e da atividade física em geral como atividade de auto-expressão, seus benefícios para a saúde e para a formação da personalidade, na sua capacidade de aglutinar pessoas e promover a cooperação, são características largamente reconhecidas que orientam a formulação de planos pedagógicos de muitas escolas e a política de oferta de atividade de lazer de muitas instituições de caráter público e social.✚

Este trabalho de intervenção, ao buscar uma fundamentação teórica que nos aproxime do conceito de educação e cidadania no contexto socioeducativo dos movimentos populares, buscou contribuir com a intervenção social mais coerente e conseqüente pelos sujeitos que atuam em tais organizações. Isto é a motivação inicial para buscar um estudo mais aprofundado marcou também um crescimento pessoal e profissional, ampliando a perspectiva do educador-pesquisador, que assume a incompletude do ser humano. Incompletude que, ao invés de imobilizar serviu de motivação para o desafio da constante busca do conhecimento.

As dificuldades levantadas ao longo do processo mostraram uma marca forte de sofrimentos presentes na vida desses jovens que aparecem como fatos relevantes pela presença constante em suas “falas” relacionadas a questões concretas como as dificuldades socioeconômicas, o desemprego ou emprego informal, o estigma, a ausência da escola e os preconceitos sofridos. Ao longo do processo foi percebido que essa atividade com o futebol não eliminou esse sofrimento, uma vez que mais nada mudou no seu lugar de inserção comunitária, mas trouxe algumas possibilidades quanto ao desenvolvimento das potencialidades da adolescência.

Mesmo com essas limitações foi possível observar que com esse tipo de linguagem, mais próximo ao desejo desses jovens, todo o trabalho de acompanhamento ficou facilitado e eles atribuíram um novo sentido ao acompanhamento a que foram submetidos. Na lógica socioeducativa, procuraram superar seus obstáculos (cumprimento das regras e a luta pelo cigarro) no sentido de buscar cada vez mais seu protagonismo, sua autoria para reafirmar o que o ato infracional apontou que é a busca por ser sujeito.

Outra marca importante é que foi possível constatar que no início os jovens traziam seus problemas para o momento do grupo, muitas vezes ligados a situações de violência e agressividade. Entretanto, no decorrer das intervenções, diante da possibilidade de externalizar esses sentimentos, percebemos que as atividades de cooperação e ajuda mútua superaram a fase inicial. Quanto às faltas observadas no atendimento quinzenal, tradicional, foi possível constatar que não ocorreram nesse projeto, uma vez que os beneficiários do programa disputavam tanto a frequência, como a pontualidade.

A mudança no comportamento e na atitude dos jovens na busca de seus objetivos pessoais marcou esse grupo, pois os escolhidos têm buscado caminhos diversos como a arte, o trabalho, cursos profissionalizantes e os estudos. Diante do desenvolvimento, da participação e aproveitamento apenas um adolescente não recebeu a extinção da medida pelo poder judiciário, por uma questão pessoal de formação de identidade, comportamentos anti-sociais e vivência infracional. Portanto, quanto mais próximos de uma linguagem que tenha significado e que permita a manifestação dos jovens nas suas multidimensões tanto melhor para o trabalho e para que o mesmo se desenvolva.

Querendo aprofundar essa idéia de *resultado*, entende-se que o sucesso não é numérico de ter 19 dos 20 jovens inseridos no seu processo histórico na perspectiva socioeducativa. A avaliação positiva está pautada na possibilidade de ousar e se aproximar dos protagonistas, nessa jornada tortuosa a que estão submetidos. O sucesso aparece no trabalho inédito no Brasil e que está sendo sistematizado e disponibilizado podendo atingir não mais 20 ou 310 adolescentes (total de adolescentes acompanhados pelo CEDECA Interlagos em LA e/ou PSC). Pretende-se alcançar um número muito maior, servindo inclusive de denúncia da falta de políticas públicas e auxiliando na reflexão de cenários possíveis para a execução das medidas socioeducativas, creditando a elas a credibilidade do Poder Judiciário no incentivo a sua aplicação e execução não mais nos modelos superados das entidades que desrespeitam os Direitos Humanos e a Legislação vigente.

Finalizando, deixa-se a riqueza da experiência e das histórias de vida dos adolescentes, seus sofrimentos, angústias, sonhos, tristezas e suas alegrias. Acredita-se foi um privilégio esse *bate bola*. Portanto, faz muito sentido separar do ponto de vista didático a atuação profissional em construção e os novos paradigmas exigidos para o trabalho socioeducativo, mas que a prática é reveladora no sentido de unificar a teoria e prática como foi dito logo no início deste texto e que as boas e más experiências não parem de ser divulgadas para crescer ainda mais essa área fascinante para que aumente a compreensão sobre as origens e dimensões da infração juvenil na sociedade brasileira e se eleve o compromisso social com esses adolescentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERASTURY, A. & KNOBEL, M.** – *Adolescência Normal*, 5ª Edição, Artes Médicas: Porto Alegre, 1986.
- ABRAMO, H.**, *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta Editora Página Aberta. 1994.
- ADORNO, S.** *O adolescente na criminalidade urbana em São Paulo* –Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 1999.
- ANZIEU, D.** *La dinâmica de los grupos pequenos*, Buenos Aires, Ed. Kapelusz,1993.
- BERZIN, J.** *O teatro e o adolescente em conflito com a lei: análise do sentido de uma proposta sócio educativa*. Dissertação da Psicologia Social PUC-SP, 2003.
- BOCK, A. M. B; FURTADO, O. & TEIXEIRA, M. L. T.** *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*, 4ª ed. São Paulo, 1991.
- BOGDAN, R & BIKLENS, S.** *Investigação qualitativa em educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Trad. Maria João Alvarez. Portugal. Porto Editora, 1994.
- BOUFLEUER, J.P.** *Pedagogia Latino Americana: Freire e Dussel*. Coleção educação: 12. Ijuí: UNIJUI, 1991.
- BOURDIEU, P.**, *Esboço de uma teoria prática*. In: *Pierre Bourdieu* (Ortiz, R., org.) pp. 46-81, São Paulo: Ática. 1994
- BOURDIEU, P.**, *Gostos de Classes e Estilos de Vida*. In: *Pierre Bourdieu* (Ortiz, R., org.), pp 82-121, São Paulo: Ática 1994.
- BRASIL.** *Código de Menores. Lei Federal n.º 6.697/79. Concepções, anotações, histórico, informação*. 2 ed. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 1984
- BRASIL.** *Constituição Federal*. Brasília: Esplanada, 2002.
- BRASIL.** *Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei Federal 8.069, de 13 de julho de 1990*. Brasília: Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, Departamento da Criança e do Adolescente, 2002.
- BUFFA, E.** *Educação e cidadania: quem educa o cidadão*. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- CARRANO, P. C. R.** (org.). *Futebol: Paixão e Política. Coleção o sentido da escola* - Rio de Janeiro: DP&A – 2000.
- CHAUÍ, M.** *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Cortez, 5ª edição. 1990.
- COLETIVO DE AUTORES.** *Metodologia do ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- CONANDA & SEDH.** *Diretrizes Nacionais para a Política de Atenção Integral à Infância e à Adolescência*. Brasília, 2002.
- CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE.** *Pacto pela Paz Propostas aprovadas na Plenária Final*. IV Conferência Nacional dos Direitos da Criança e do adolescente. CONANDA, 2002. Disponível em <http://www.mj.gov.br/sedh/ct/conanda/pacto2.htm>
- CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE.** *Relatório de sistematização dos encontros regionais – Diretrizes sócio-educativas em debate*. Brasília, 2004.
- COSTA, Antonio C. G. da.** *Infância, juventude e política social no Brasil*. In: *Brasil criança urgente: a lei*. São Paulo: Columbus, 1990. – (Col. pedagogia social, V. 3).
- COSTA, Antonio C. G. da.** *Meninos e Meninas de Rua: Vida, Paixão e Morte*. Belo

Horizonte, mimeo.,1996.

- COSTA**, Márcia R. (org.). *Futebol: espetáculo do século* – São Paulo: Musa Editora, 1999.
- COSTA**, Antônio C. G. da. *Sócio-Educação – estrutura e funcionamento da comunidade educativa*. Brasília, 2004.
- DaMatta**, R. e outros. *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira* – Rio de Janeiro. Pinakotheke, 1982.
- DELLA TORRE**, M.B.L. *O homem e a Sociedade: uma introdução à sociologia*. São Paulo.Ed. Nacional, 1986.
- DEMO**, P. *Charme da Exclusão Social*. Campinas: Coleção Polêmicas dos Nossos Tempos. Autores Associados, 1998.
- FALEIROS**, V.P. *Infância e processo político no Brasil*. Rio de Janeiro: Amais Livraria e Editora, 1995.
- FEBEM**. *A responsabilidade dos municípios pela aplicação das medidas socioeducativas em meio aberto*. Governo do Estado de São Paulo: São Paulo: Imprensa Oficial, 2001.
- FREIRE**, P. *A educação contra a educação*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1981.
- FREIRE**, P. *A educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1967.
- FREIRE**, P. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos* Rio de Janeiro: Paz e terra, 1975.
- FREIRE**, P. *Cartas a Guiné-Bissau*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1978.
- FREIRE**, P. *Educação Como Prática de Liberdade*. 19ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.
- FREIRE**, P. *Extensão ou Comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e terra, 1975.
- FREIRE**, P. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e terra, 2003.
- FREIRE**, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1970.
- FREIRE**, P. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra (educação e Comunicação; v.19), 1985.
- GADOTTI**, M, **FREIRE**, P. & **GUIMARAES**, S. *Pedagogia: diálogo e conflito*. São Paulo: Cortez Editora, 2001.
- GALDINI**, V. R.. *Adolescentes mulheres em situação de pobreza*. Dissertação da Psicologia Social PUC-SP, 2001.
- GOHN**, M.G.. *Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor*. São Paulo: Cortez, 1999.
- GRACIANI**, M S. S. *Pedagogia Social de Rua – análise e sistematização de uma experiência vivida*. Coleção Prospectiva. São Paulo: Cortez Editora e Instituto Paulo Freire, 1997.
- GRAMSCI**, A. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,1978.
- GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPE – UFSM**. *Visão didática da educação física: análises críticas e exemplos práticos de aulas*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1991.
- GUARESCHI**, M.F & **BRUSCHI**, M.E. *Psicologia social nos estudos culturais: perspectiva e desafios para uma nova psicologia social*: Petrópolis RJ, Vozes, 2003.
- GUBA**, E. **LINCOLN**, Y.S. *Computing Paradigms in qualitative research*. Nova Delhi, 1994.
- HELAL**, R. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- HILDEBRANDT**, R. & **LANGING**, R. *Concepções abertas no ensino da educação física*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986.
- INSTITUTO AYRTON SENNA**, *Educação pelo Esporte: Educação para o desenvolvimento humano pelo Esporte*. São Paulo: Saraiva, 2004.

- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.** *Departamento de população e indicadores Sociais. Pnad: Síntese de Indicadores Sociais, 2000.* Rio de Janeiro: IBGE, 2001.
- INSTITUTO LATINO AMERICANO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA PREVENÇÃO DO DELITO E TRATAMENTO DO DELINQUENTE (ILANUD).** *Documento de diretrizes técnicas: adolescentes em conflito com a lei e a aplicação de medidas sócio-educativas.* 2. ed. São Paulo, 2001.
- IPEA/MJ – DCA.** *Mapeamento Nacional das Unidades de Aplicação de Medidas de Privação de Liberdade ao Adolescente em Conflito com a Lei.* Apresentado no XXXIII FONACRIAD, 2003, Brasília.
- KUNZ, E..** *Transformação didático-pedagógica do esporte.* Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1994
- LUDKE, M. ANDRÉ Marli,** *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas,* EPU São Paulo, 1986.
- LUZ, M.** *Relações entre Adolescentes e a Sociedade: Instituição, Violência e Disciplina.* Rio de Janeiro: Série Estudos em Saúde Coletiva - IMS/UERJ, 048. 1993
- MANZINI-COVRE, M. L.** *O que é cidadania.* 2ª edição. Col. Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001.
- MARCÍLIO, M.L.** *História Social da Criança Abandonada.* São Paulo: Hucitec, 1998.
- MARQUES, J.A.; KURODA, S.J.** *Iniciação Esportiva: Um instrumento para a socialização e formação de crianças e jovens.* In: K. Rubio (org.). *Psicologia do Esporte: Interfaces, Pesquisa e Intervenção.* São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo, 2000.
- MINAYO, M.C.** *Pesquisa Social – Teoria, Método e Criatividade.* Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1994.
- MONTEIRO, S.,.** *Aids, Sexualidade e Gênero: a lógica da proteção entre jovens de um bairro popular carioca.* Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública/ FIOCRUZ 1999.
- NOGUEIRA NETO, W.** *Agenda Criança - Monitoramento.* Belém. Ed. Associação Nacional dos Centros de Defesa da Criança e do Adolescente – Anced/Fundo das Nações Unidas para a Infância - Unicef. 2001.
- OLIVEIRA, M.C.R.** *O processo de inclusão social na vida de adolescentes em conflito com a lei..* Dissertação em Ciências Sociais, USP Ribeirão Preto, 2002.
- OLIVEIRA, C.S.,.** *Percepção da Imagem Corporal de Adolescentes de dois níveis sócio econômicos. Uma Comparação a partir da Avaliação do Estado Nutricional.* Dissertação de Mestrado em Nutrição Humana, Rio de Janeiro: Instituto Josué de Castro/UFRJ. 2000.
- ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD (OMS).** *Problemas de salud de la adolescência.* Série de Informes técnicos, Geneva: OMS, 308,29p. 1965
- PEDROSO, R.C.** *Violência e cidadania no Brasil .* São Paulo: Editora Ática, 1999.
- PEREIRA, Irandi.** *Adolescentes autor de Ato Infracional e medidas socioeducativas. Seminário Multidisciplinar: 10 anos do eca – conquistas e limites.* Caderno cultura e extensão 1. São Paulo: EDUSP. 2002
- PICHON RIVIÉRE, E.** *A teoria do vínculo.* São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1988.
- PICHON RIVIÉRE, E.** *O processo grupal.* São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1988.
- PRÊMIO SÓCIO-EDUCANDO,** *Sócio-educação no Brasil: adolescentes em conflito com a lei: experiências de medidas sócio-educativas.* São Paulo, 2001.
- REIS, A.O.A.** *O discurso da saúde pública sobre a adolescente grávida.* São Paulo: Avatares, 1993.
- RIOS, T. A. –** *Ética e Competência,* 2ª ed. (coleção questão de nossa época) – São Paulo: Cortez, 1994
- RUBIO, K.** *A Psicologia do Esporte: histórico e áreas de atuação e pesquisa.* Psicologia,

- Ciência e Profissão*, 19(3), 60-69, 1999.
- RUBIO, K.** *A Psicologia do Esporte: interfaces, pesquisa e intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- RUBIO, K.** **Memória e imaginário de atletas medalhistas olímpicos brasileiros.** São Paulo, 2004. 370 p. Tese (Livre docência) – Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.
- RUBIO, K.; QUEIROZ, C.; MONTORO, F.C.; MARQUES, J.A; KURODA, S.J.** *Iniciação esportiva e especialização precoce: as instâncias psicosociais presentes na formação esportiva de crianças e jovens.* *Revista Metropolitana das Ciências do Movimento Humano*, vol.4, nº1, 1999.
- SAMULSKI, D.** *Psicologia do Esporte*, Belo Horizonte: Imprensa Universitária, UFMG, 1992.
- SANTOS NETO, J.M.** *Visão de jogo - primórdios do futebol no Brasil.* São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- SAWAIA, B.** *As artimanhas da exclusão – análise psicossocial e ética da desigualdade social.* Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1999.
- TEIXEIRA, M. L. T.** *As histórias de Ana e Ivan: Boas experiências em Liberdade Assistida.* Coleção Dá pra Resolver. São Paulo: Fundação Abrinq, 2003.
- THIOLLENT, M.** – *Metodologia da pesquisa ação* – Coleção temas básicos de pesquisa-ação – São Paulo: Cortez, 1988.
- TOLEDO, L. H.** *No país do Futebol.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- UNICEF.** *A voz dos adolescentes.* Brasília, 2002b.
- UNICEF.** *Situação da adolescência brasileira.* Brasília, 2002a.
- VASCONCELOS, M.S.** *Os orfanatos e a ideologia da reintegração.* In Merrisse, A. et. al Lugares da Infância. São Paulo: Artes & Ciência, 1997.
- VOLPI, M.** *O Adolescente e o Ato Infracional.* São Paulo: Cortez. 1997
- VOLPI, M.** *Sem Liberdade, sem direito – a experiência da privação de liberdade na percepção dos adolescentes em conflito com a lei.* São Paulo: Cortez, 2001.
- VYGOTSKY, L.S.** *A formação social da mente.* São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- WASELFISZ, J. J.** *Mapa da violência III: juventude, violência e cidadania.* Brasília: UNESCO, Instituto Airton Senna, Ministério da Justiça/SEDH, 2002.
- WASELFISZ, J. J.** *Relatório de Desenvolvimento Juvenil 2003.* Brasília: UNESCO, 2004.
- WINNICOTT, D.W.** *Privação e delinquência.* Trad.de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- ZAGURY, T.,** *O Adolescente por Ele Mesmo.* Rio de Janeiro: Editora Record. 1996.

Anexos

Entrevista realizada, por Joana Miraglia, em 14/09/2004 no CEDECA de Interlagos ao adolescente Veerreele, 17 anos um ano depois que passou pelo atendimento do Futebol Libertário.

J: Me fala seu nome e quantos anos você tem.

V: Sou Wagner e tenho 18 anos.

J: Queria que você me contasse como foi o processo até você chegar aqui no CEDECA de Interlagos.

V: Ta difícil... risos.

J: Você tem vergonha do rádio?

V: Não é vergonha do rádio, pra lembrar fica difícil agora.

J: Você já tinha me contado um pouco...

V: Foi legal saber que eu ia jogar futebol, né?

J: Mas como foi? Você tava na FEBEM...

V: Eu tava na FEBEM, aí falaram que minha liberdade chegou e eu ia ter que assinar a LA. Aí me mandaram para o CEDECA. Aí chegou aqui, eu fiquei um mês, acho, assinando LA, e aí eles falaram que ia ter... como é o nome? O Futebol Libertário.

J: Como foi esta parte de ficar um mês assinando?

V: É... eu vinha aqui uma vez por semana para assinar e falar com a assistente. Depois chegou este negócio do futebol libertário, aí perguntaram para mim se eu gostava de jogar futebol; eu falei: Gosto. Aí me convidaram. Eu achei que não tinha nada há ver.

J: Você achou que não tinha nada há ver... E como foi receber a notícia que você iria jogar futebol para cumprir a LA?

V: Foi da hora, né?! Bacana!

J: O que você imaginava de LA?

V: Ah! Porque eu já tinha feito, né? Eu achava que era ir lá assinar todo mês...

J: Você já tinha cumprido LA?

V: Já

J: E como foi da outra vez?

V: Da outra vez, eu ficava uma vez por mês, ou de 15 em 15 dias assinando.

J: Foi aqui no CEDECA de Interlagos também?

V: Não, foi no rio pequeno.

J: Em um CEDECA?

V: Não, em uma outra instituição, não lembro o nome, foi em 99.

J: Você tinha me contado o que você pensava quando estava na FEBEM, você lembra? Quando você estava lá, você pensava que ia sair de lá...

V: E ia voltar, de novo, para a vida do crime. Mas foi ao contrário, né?!

J: O que foi ao contrário? Como foi?

V: É difícil...

J: O que é difícil? Porque é difícil?

V: Por que eu já falei, né? Aí fica meio difícil.

J: Fica difícil repetir?

V: É.

J: Mas faz de conta que agente ainda não se conhece...

J e V: Risos...

J: Você tinha falado que já tinha passado pela FEBEM e que imaginava voltar...

V: Eu pensava que ia sair e não ia ser... ia voltar para a vida do crime de novo.

J: E o que mudou? O que fez você não voltar para a vida do crime?

V: Foi esta oportunidade que me deram, né?! Entrando para o Futebol Libertário, conhecendo pessoas diferentes e aprendendo com estas pessoas diferentes o que eu não tinha aprendido.

J: O que você aprendeu?

V: A respeitar o próximo, né? E a respeitar a si mesmo.

J: Como você aprendeu isso; o que aconteceu que te fez aprender isso

V: Ah! Com o carinho das pessoas, né?

J: O carinho de quem?

V: Dos próprios amigos.

J: Quem fazia parte deste grupo?

V: Magal, Fabio...

J: Estes são os educadores, né?

V: São. Ainda tinha o primo do Magal, num sei se é primo ou é irmão... Que era o professor... tinha... como é o nome da educadora? Érica.

J: Quem mais? Vocês eram em quantos?

V: Era mais de 10, eu acho. Uns desistem, né. Uns desistiram.

J: Uns desistiram. Porque você acha que eles desistiram?

V: Porque num se adaptaram. Sempre tem uns, né?!

J: Você acha difícil de se adaptar á esta forma de cumprir LA?

V: Não. Porque eu já tinha colega lá dentro também, né? O colega meu que foi preso comigo na mesma coisa que eu fiz, também tava lá. Ai foi rápido para eu me adaptar. Ele já me apresentou para o pessoal...

J: Conta um pouco como era a estrutura da aula. Vocês chegavam... e ai?

V: Chegava e tinha uma roda, para se apresentar e para falar, né? Como foi a semana... conversar sobre a semana... marcar a ... (Faz o gesto)

J: Frequência cardíaca.

V: Isso. E depois fazia os exercícios, e ai media de novo no final. E ia jogar bola. Depois que jogava bola, fazia, fechava a roda... na roda final eles perguntava o que nós aprendia, né? O que nós aprendeu hoje. Uns falava respeitar o próximo, uns falava que aprendeu a ser amigo um do outro, né?!

J: E como que vocês aprendiam isso?

V: Aprendia um com o outro, né?

J: Mas o que acontecia que vocês viam que aprendiam... o respeito por exemplo?

V: Tinha alguma confusão ou saia discussão, ai parava o jogo, conversava. Porque que aconteceu isso, que não era para ter acontecido... ai no final ficava tudo bem. Nunca ninguém saia dali sem falar com o outro. Todo mundo saia dando risada, alegre.

J: Isso te fez aprender a respeitar o outro? Ver que tinha outras formas de resolver as coisas.

V: É.

J: Que mais o Futebol Libertário te ensinou?

V: Silêncio...

J: Sua vida mudou depois de passar pelo futebol libertário?

V: Mudou.

J: O que aconteceu que mudou? Mudou como?

V: Mudou, né? Mostrou que eu posso ter responsabilidade, né. Porque lá, se você chegasse atrasado você não entrava. Tinha que chegar sempre cedo lá, para você entrar.

J: Eu lembro que na outra vez que a gente se encontrou, eu pedi para você desenhar como você se imaginava antes do Futebol Libertário e você depois...Lembra

V: Ai eu num quis...

J: Ai você falou para mim que não queria, e que era quase impossível você lembrar, se desenhar como era antes... O que mudou do Vagner de Antes para o Vagner de agora?

V: Porque antes eu não sabia escutar ninguém, né? Não queria conselho de ninguém, não, tipo eu escutava, mas entrava por um ouvido e saia pelo outro. Hoje não, hoje eu escuto, para e penso.

J: O que será que fez você começar a ouvir?

V: O carinho do pessoal, né? Que eles lá, eles dava atenção para todo mundo, não era só aquela pessoa que ele vai dar atenção, dava para todos.

J: Você já tinha tido outro exemplo de carinho?

V: Hum... Tinha... é tipo se eu tivesse errado eles chamava na “xinxá” mesmo, mas ai depois vinha com a mão assim... não é assim Vagner, e tal, tem que tentar melhorar...

J: Esse chamar na “xinxá” como é?

V: Falar que eu estou errado e depois falar para mim melhorar.

J: E você achava bom isso?

V: Achava legal da parte deles, eles pelo menos falava na cara, né? Sem esconder.

J: E você achava que você precisava disso?

V: Eu achava, né?

J: Conta um pouco da sua família.

OBS: Ele sai da sala falando que precisa assoar o nariz, que não me parece escorrer.

J: Conta um pouco para mim como foi a questão com a sua família.

V: Silêncio

J: Conta um pouco, mudou a sua relação...

V: Minha família, no início, elas pensava que eu não ia se regenerar, né? Aos poucos eles foi vendo minha mudança. No começo era só briga com meu pai, né? Brigava com ele... depois foi melhorando, agora ta melhor.

J: Isso desde que você era pequeno?

V: Ah! Desde de pequeno eu brigava direto. Não! Pequeno ele já me batia, né? Não podia fazer nada errado que ele não sentava com nós para conversar, né? Batia em mim, batia na minha irmã, nos meus irmãos... Ai quando meus irmãos foram ficando mais velhos, ele tentou bater na minha mãe, ai meus irmão partiram para cima dele. Ai com uns 10, 9 anos eu fui saindo de casa... fugindo de casa... morando um tempo na rua. Ai eles vinha atrás de mim, me achava, toda vez que eu chegava, sujo. Morei na rua mó tempo, assim, ficava uns 15 dias na rua, assim. Ai eles me achava, me levava para casa, me pegava, me batia. Ai eu falei: caramba, esse cara só me bate! Ai eu pegava e saia de novo. Ai nisso eu vi que não tava dando mais em nada, peguei e fui para a vida da droga. Primeira vez que eu usei droga, eu achei que era bom.

J: Quantos anos, mais ou menos, você tinha?

V: Com uns 12 anos eu comecei a usar drogas. Ai eu não arrumava mais dinheiro, ai eu comecei a robar. Ai, para o meu azar, no meu primeiro assalto, eu fui preso. Por 15 dias. Ai me deram LA. Foi nesse LA que eu assinei lá no Rio Pequeno. Ai, com 10 meses de LA eu fiz outro assalto e me prenderam. Ai eu fiquei uns 4 meses FEBEM. Ai fui para a semi-liberdade. Ai normal, fiquei lá uns 2, 3 dias. Sai. Fiquei na rua. Ai eles me acharam, meu pai me achou, me levou lá pro juiz... me entregou de bandeja, assim, falou tudo! Só que isso eu não sabia que ele queria fazer para o meu bem, né? Depois eu fui entender, né? O porque ele me batia. Mas se ele viesse e conversasse comigo não tinha acontecido tudo aquilo. Ai eu voltei para FEBEM e fiquei 3 meses e voltei de novo para a semi-liberdade. E nessa, lá, eu era nervoso, né? Tomava remédio também, hoje em dia não tomo mais, porque eu não preciso, eu sei que não preciso. Ai eu, um funcionário veio falar comigo, porque o cigarro é controlado lá, né? E

eu fumo cigarro, né? O cigarro é controlado por eles, de 2 em duas horas podia fumar um cigarro...

J: E quantos cigarros você fuma por dia?

V: Por dia? Um maço. Ai eu fui falar com ele e ele falou para mim uma “pá” de coisa, né? Ai eu fiquei louco. Ai para eu não bater nele, eu peguei e joguei uma cadeira no chão. Ai ele veio para cima de mim, ai os meninos que estavam dentro da casa segurou ele e me segurou, para ninguém sair na mão... isso na semi-liberdade... nisso ele entrou para a coordenação e ligou para os polícia. Os polícia entrou, antes dos polícia entrar ele deu um soco na mesa para cortar o braço, ai para dizer que eu que tinha feito. Ai a polícia me levou, fez o BO e tudo. Ai eu voltei para a FEBEM e fiquei um ano e dois meses. Fiquei 1 ano e dois meses lá. Caramba, mó vida perdida!

J: Como foi esta experiência de um ano e dois meses lá?

V: Num vou dizer que foi boa, né? Foi boa num aspecto, porque eu mudei, né?!

J: Você mudou lá dentro?

V: Eu mudei aqui fora, né? Porque lá dentro eu pensava em sair e roubar, continuar roubando. Ai chegou aqui fora eu parei, assim para pensar, com a ajuda que eu estava tendo aqui. Foi bom, foi bom, a experiência que eu tive, foi boa.

J: Depois que você veio para o CEDECA como foi a mudança das coisas?

V: Foi mudando aos poucos. Porque ninguém muda da noite para o dia. Foi mudando aos poucos, com as “encarcada”. Risos.

J: O que são as encarcada?

V: Ah! Eles vem chamar eu para conversar. Falar o que eu estava errado, o que eu estava certo, ai você vai aprendendo.

J: Nessa época você era muito nervoso?

V: Um pouco, eu queria a atenção só para mim.

J: Ai aos poucos...

V: Aos poucos eu fui vendo que não era só eu que precisava de atenção, né.

J: E como você foi percebendo isso?

V: Ah! Porque os meninos também precisavam de atenção, não era só eu. Quando eu tava no futebol eu queria a atenção só para mim. Só eu gostava de falar, ai eu fui vendo que não era só eu que precisava, que os outros também precisava de falar.

J: Você tinha me contado um pouco da sua relação com a sua família, nas primeiras vezes que você tava na FEBEM, e depois que você passou pelo futebol Libertário que teve uma certa mudança na sua relação.

V: É. Depois que eu passei pelo Futebol Libertário, o pessoal começou a ver que eu estava mudando conversaram, sentaram comigo, começamos a conversar. Antes não tinha diálogo.

J: Quando você fala: A gente não tinha diálogo, quem é a gente?

V: Eu, minha mãe, meu pai. A gente não tinha diálogo. Era só: oi, benção. Entrava em casa era só: benção mãe, benção pai. Quando ele vinha falar comigo era só para xingar. Hoje não, eu chego em casa nós conversa.

J: Porque você acha que isso mudou? Essa relação com eles? Você mudou, eles também mudaram?

V: Eles também mudou. Eles viu que estava tentando mudar, eles tinham que me ajudar também.

J: Você me contou que seu pai teve uma mudança...

V: Meu pai mudou muito. Hoje ele senta e conversa comigo, quando eu to errado ele chega e fala. Eu para fazer um negócio, é: Pai to saindo, to chegando tal hora. Igual na sexta feira. Sexta feira eu saí. Cheguei do serviço, né? Ele perguntou: se vai sair? Falei: Vou, vou fazer um rolê. Que horas você vai chegar? Vou chegar 6 horas, por ai eu to chegando. Ele falo: Você vai levar a sua chave? Eu falei: Não. Porque só tem uma, a outra a mãe levou, minha

mãe saiu para a casa da vó dela, não vô levar porque a mãe levou para a casa da vó. Ai deixei a chave em casa e ele disse: Vou sair umas 5 horas e vou deixar a chave na janela. Eu falei: Tá bom.

J: O que você acha que fez você começar a conversar e ele também?

V: Sei lá. Foi os pessoal, né? É assim, as pessoas que vem da FEBEM precisa muito de carinho.

J: Porque?

V: Porque lá dentro é só senhor, senhora. Não tem aquele... como se diz... não tem uma pessoa ali para você desabafar, para você conversar, falar o que você tá sentindo. E aqui você já tem. Aqui eles não são só... vamô supor... funcionário, aqui eles são seus amigos também. Uma que eles nem querem que você chame por senhor e senhora, aqui a gente chama pelo nome, por que? Porque eles querem ser seu amigo, as pessoas daqui. Não só daqui, como lá do futebol também. Quando você chama alguém de senhor, ele fica até bravo.

OBS: Quando ele se refere “daqui”, ele diz sobre a sede do CEDECA. O treino do futebol libertário acontecia no SESC Interlagos.

J: Porque este ouvido do pessoal do futebol libertário foi importante para você?

V: Não entendi a pergunta.

J: Porque te ouvir era importante para você?

V: Sei lá, né? Eu gosto de falar, gosto de conversar, se eu estou sentindo alguma coisa eu gosto de desabafar, com uma pessoa amiga.

J: Você falou que antes você tomava remédio, e agora você sabe que não precisa. Porque esta mudança?

V: É porque eu achava que eu era nervoso. Agora não.

J: Agora você tá mais tranqüilo, mais sossegado?

V: Eu cheguei aqui eu era nervoso. Eu queria discutir com todo mundo. Chegava no Elder e falava: Porra Elder, tá acontecendo isso e isso, dá licença, vocês não me atende logo para eu ir embora. Começava a discutir com ele.

J: E aí? O que mudou?

V: Mudou que eu sei esperar, né? Sei esperar a minha vez, né. Antigamente eu não esperava não.

J: Você vê importância em esperar a sua vez?

V: Porque se você esperar, meu, sai tudo... tudo certo. Mas se você que aquele negócio com pressa, só dá errado. Então, você tem que ir com calma.

J: Quando você veio para o CEDECA, eles chamaram alguém da sua família?

V: Minha mãe veio comigo. Para ser minha responsável. Minha mãe e minha irmã. No caso quem ficou sendo a minha responsável foi minha irmã, porque minha mãe não dava para vir sempre que fosse assinar. Ela trabalhava.

J: Me explica um pouco isso. Quando você vem assinar... Como é?

V: Tem que vir um responsável por você. Ai, no caso, veio minha irmã.

J: Quantos anos ela tem?

V: Tem 23, ou 21, ou 22. Uma coisa assim, num lembro.

J: E aí ela vinha junto. Sua mãe participava de alguma atividade aqui no CEDECA? Ou sua irmã ou seu pai?

V: Teve um curso de fazer ovo de páscoa, ela fez. Tinha reunião de família, e ela vinha.

J: E ela gostava? Você achou que isso ajudou na relação?

V: Ela gostava. Acho que ajudou, sim.

J: Porque?

V: Porque depois que ela vinha, ela sentava comigo ficava conversando... foi mudando, foi mudando...

J: E seu pai, vinha?

V: Meu pai não. Meu pai foi mudando porque ele viu que eu estava mudando, também. Em casa também, ele mudou com o pessoal em casa. Por que ele só chegava bêbedo antes. Não chegava na semana, né? Mas sábado e domingo era sagrado. Todo sábado de noite, ou domingo de noite ele chegava bêbedo em casa. Hoje em dia já tem uns dois três meses que ele num discute.

J: Pelo que você me conta, você, a sua situação, mudou um pouco a casa toda.

V: É eu também acho.

J: E como você se sente?

V: Ah, me sinto... ah, sei lá... não tem como explicar.

J: É o sentimento... você trouxe coisas boas, pelo jeito, para casa.

V: Ah, me sinto bem, meu. Silêncio...

J: Antes de você passar pelo Futebol Libertário, o que você esperava para o seu futuro?

V: Que eu não ia chegar aos 18. Todo mundo me falava. Pôxa, Vagner, você não vai chegar aos 18 desse jeito que você ta aí. Eu falava, não, vou chegar, com fé em deus, vou chegar.

J: Porque você não chegaria aos 18? O que ia acontecer?

V: Porque eu era muito nervoso. Os outros chegava em mim, falava um negócio, eu entendia mau e já queria fazer, arrumar uma treta, já, entendeu? Ai eu poderia ser assassinado, sei lá. Pessoal não gostar de mim e me matar.

J: Nessa época você usava drogas?

V: Hunrum. Eu era nervoso.

J: Você acha que a droga ajudava seu nervosismo?

V: Na falta dela eu ficava nervoso. O pessoal vinha falar alguma coisa eu já achava que era nada disso, ficava encanado... e arrumava treta.

J: E agora o que você pensa para o seu futuro?

V: Sei lá... trabalhar e construir minha família, né.

J: Você ta trabalhando agora, né?

V: É. Cobrador de lotação.

J: E você gosta?

V: É bom, né? (sorriso) Você tem contato com o público, e tem sua graninha no final do mês, para dar um rolê...

J: Hoje você tem 18, né? Você imaginava que estaria assim hoje?

V: Não.

J: Você sabe quando esta visão de futuro mudou?

V: Quando eu passei para 18. Em abril deste ano.

J: O que aconteceu?

V: Quando eu fiz aniversário, sei lá, eu acordei assim... sabe quando você pega e para e começa a conversar com você mesmo? Foi o que eu fiz.

J: Isso o Futebol Libertário já tinha acabado faziam uns 6 meses?

V: É. Eu já tava mudado, praticamente. Só faltava um empurrão de mim mesmo. Querem mudar por completo.

J: faltava um empurrão para quê?

V Para querer mudar por completo, né?

J: Ai fazer 18 anos... maioridade...

V: Ai tinha que pensar um pouco na vida, né? O que ia fazer... se ia trabalhar mesmo... se ia se envolver em coisa errada de novo... Ai foi onde eu decidi não se envolver mais. Hoje eu vejo a maioria dos pessoal que era envolvido comigo, já foi tudo embora, já. Morreu tudo. É dois três para ir.

J: Como é esse sentimento?

V: Sei lá, eu penso que se eu estivesse com eles envolvido ainda, eu já tinha ido faz tempo, antes do que eles.

J: O que você sente quando pensa nisso?

V: Dá até tristeza pensar nisso, sabia? Quando eu lembro onde que eu tava na FEBEM, assim...Eu fico...(Silêncio)

J: Fica como?

V: Eu fico triste... em saber que eu passei por isso. Porque eu era uma pessoa que não precisava disso. Tinha o carinho da minha mãe, tinha o carinho do meu pai, mas não eu percebia.

J: Você tinha o carinho deles e não percebia. O que te fez perceber?

V: Ah. Aprender a observar as coisas, do jeito que elas são.

J: O que te ajudou a observar as coisas do jeito que elas são?

V: O pessoal do futebol, né?

J: Como?

V: Ai fica difícil... Risos... Eles demonstravam que gostavam de mim... eles demonstravam que queriam ser meus amigos. Quando eu precisasse deles, eles estavam aqui. Ai eu fui percebendo que eles gostavam de mim. Eles falavam quando eu tava errado... ai eu percebi também isso em casa, né? To errado, minha mãe vai chegar em mim e vai falar, mesmo. Meu pai a mesma coisa. Foi por isso que eu percebi.

J: Então, foi o exemplo da relação com o pessoal do futebol que te levou a ter esta relação diferente?

V: Foi.

J: Você tinha me falado um pouco de uma postura dos educadores com você, que também te ajudou a se transformar, você lembra o que?

V: Não. Eu tinha que ter confiança em mim mesmo, né. Eu tinha que falar por mim mesmo que eu podia mudar. E eles me ajudou nisso.

J: Como?

V: Ah! Eles falavam, você quer mudar? Você muda. Se você quiser, né. Tem que partir de você, não partir de nós. Ai foi isso que fez ver que tinha que partir de mim mesmo. Eles falavam, nós acredita em você. Se não nós não taria aqui. Para mim só tinha um por cento, pra mim mudar; (risos) eles influenciaram, o que?, nove por cento. Ai juntou mais um, deu dez por cento, ai eu mudei.

J: Como é? Deixa eu entender melhor a sua conta... Um por cento era seu... e nove...

V: Foi da ajuda deles.

J: Ajuda como?

V: Ah! Conversando comigo, dando carinho, atenção. Em casa também.

J: Vagner, como foi quando terminou o projeto?

V: Foi ruim. Tinha quarta-feira, quarta não, terça-feira que eu acordava eu levantava cedo, assim, saía e lembrava que num tinha e ficava até triste, que eu não ia ver as pessoas que eu fiz amizade.

J: Então você fez amigos no Futebol Libertário?

V: Hunrum! E alguns, dois ou três que eu tenho contato hoje, os outros eu não vejo mais.

J: Como era a relação com amigos no dia-a-dia?

V: Era super legal, nós conversava, jogava bola, zuava, fazia de tudo. O que eles tinha para falar para você, eles pegava e falava. Olha Vagner se ta errado, tudo. Eu também se tinha alguma coisa para falar eu pegava e falava, também, soltava o verbo. Não tinha erro. Para você ter uma relação com seus amigo hoje, você precisa ser transparente. O que você tiver que falar, tem que falar. Não tem que ser falso.

J: Como era sua relação com seus amigos antes?

V: Antes, assim, vou falar para você, eu num falava direto. Se tinha algum problema já partia para a briga.

OBS: Acabou a fita e eu demorei um pouco para perceber...

J: Vou só voltar um pouco, pode?

V: Pode.

J: Você estava falando que não falava as coisas direto para as pessoas, que você aprendeu a conversar, que era importante ser transparente, né?

V: É. Risos.

J: Você fez um filme, né? Conta um pouco. Só repete um pouco.

V: Eu tava passeando por aqui ai eles falaram: Vagnão tem uma coisa boa para você aqui... Eu falei: O que que é? Um filme, um cursinho de curta metragem, e tal. Ai eu falei: Mexe com câmera? E ele falou, mexe e tal. Falei boa! Porque eu já fiz também. Eu já tenho uma experiência, então eu posso ta fazendo. Ai ele falou: tem que passar pelo concurso. Ai eu falei: Ta bom, né? Ai eu peguei me inscrevi e tal e fui chamado. No caso eu nem fui chamado. Tava sobrando uma vaga, ai eu vim aqui, e o chefão estava ai do curta metragem Acabei conversando com o Wilham (Educador do CEDECA). O Wilham falou com ele e perguntou se não tinha mais vaga. Ele disse que achava que tinha uma vaga e perguntou: Porque? Você tá interessado? Eu falei: Muito. Se eu não tivesse interessado não estaria aqui hoje, né? Ai ele falou: Calma ai que eu vou ali em cima ver na internet se não tem mais vaga. Ai ele viu, tinha uma vaga sobrando, ai ele me encaixou.

J: E ai como foi? Quanto tempo?

V: Foi de uma semana. Foi legal. Uma semana o dia todo. Nós fizemos as entrevistas aqui no bairro e depois o filme. Depois de tudo pronto levaram nós lá no teatro municipal.

J: Como você se sentiu?

V: Igual eu falei para todo mundo: Como se tivesse morrido e ido para o céu. Uma coisa que não tem lógica, não tem explicação, é um negócio de muito luxo, muito legal, bonito. É muito distante de gente aqui.

J: Porque?

V: Eu até falo para os outros que foi junto, jamais nós ia pensar que ia ter uma oportunidade dessa. Tomando champagne, wisk e vinho na taça.

J: Você se imaginava lá um dia?

V: Ninguém ia imaginar.

J: O que você acha que te fez chegar lá? Chegar no teatro Municipal?

V: Foi esta mudança minha. Que partiu de mim também.

J: A passagem pelo projeto te trouxe o que?

V: Coisas boas.

J: Oportunidades?

V: É...

J: Fala mais da sua casa?

OBS: Como a fita acabou e eu não percebi, resolvi retomar um pouco os assuntos.

V: Antigamente era só briga, né, meu? Treta de mais. Não tinha um final de semana que não tinha uma treta dentro de casa, com meu pai. Hoje não. Hoje já ta tudo bem. Hoje nós conversa, eu vou no bar... vou no barro, ou vejo meu pai no bar, ele me chama: Ei! Vem cá! Tal... Conversa, tal... falo para ele ir para casa descansar. Ele fala: Vai lá, fala para sua mãe que daqui a pouco eu to indo, para ela não ficar preocupada. Hoje tá uma convivência... que nós queria.

J: O que mudou?

V: Em que aspecto?

J: Quem mudou?

V: Todos. Todo mundo mudou.

J: Você contou que a sua mãe participou de uma atividade aqui...

V: É. Participou de um curso, que teve, de fazer ovo de páscoa, e tal. Até hoje ela faz para vender.

J: Que legal! E ela vinha também para o grupo de mães, também?

V: É, ela vinha.

J: E seu pai não vinha?

V: Não. Meu pai, não. Mas aí ele viu que nós foi mudando, e tal. Até um dia que ele pegou, sentou e conversou com a minha mãe: Eu vou mudar a partir de hoje, e tal. E mudou.

J: Me fala um pouco de quando terminou o projeto.

V: Ah! Me senti mau.

J: Por que?

V: Porque você nem vê as pessoas que fez amizade. Algumas pessoas, você até vê, mas não todas. É triste fazer amizade com a pessoa, e depois não poder mais ver. Eu acordava, levantava, tomava banho...me arrumava e depois eu lembrava que não ia ter mais, que já tinha acabado. Quase todas quartas... quarta, não! Era terça... quarta... Não. Era terça e quinta.

J: Você falou que queria que continuasse mais uns meses...

V: É. Para mim poderia durar, que eu ia tá indo... normal...

J: Cumprindo LA para sempre...

J e V: Risos...

V: Cumprindo LA, não. Fazendo o projeto... de futebol, ia tá. O LA, não. Não tava nem ligando, pro LA. Queria saber do futebol e dos pessoal que arrumei amizade, lá.

J: Quando você cumpriu a primeira LA e a que você cumpriu aqui... teve diferença?

V: AH! Teve muita diferença, né? Porque lá você só ia pra assina. Aqui, não, você vinha jogar bola, fazer amizades, ia aprender coisas que você não sabia.

J: O que você aprendeu que você não sabia?

V: Risos. A respeitar o próximo. É... saber escutar os outros.

J: O que te fez aprender isso?

V: Ah! Silêncio... O carinho do pessoal lá. Eles acreditavam que eu podia mudar.

J: O que você acha que mais mudou em você. Assim... de antes para agora, depois do futebol libertário?

V: Foi que agora eu sei esperar, né? As coisas no seu devido tempo.

J: Qual a importância de saber esperar?

V: É que as coisas sai tudo direitinho, né? Igual... eu ia comprar um celular, antes de estar trabalhando. Aí chegaram em mim e falaram: Wagner, não faz isso que você vai sujar seu nome. Pensa seu nome sujo, de novo. Aí eu pensei... falei é verdade. Não vou comprar não. Deixa pra comprar quando eu tiver trabalhando, tal, tudo direitinho. Aí eu peguei, fui e comprei, comecei a trabalhar...

J: Depois?

V: Depois que eu comecei a trabalhar. Deu uns dois meses eu comprei, lá (...) Aí eu tirei ele na mão.

J: Wagner, então você acha que a passagem pelo projeto...

V: Me ajudou em muita coisa.

J: Teve uma importância na sua vida?

V: Teve. Se tiver outro projeto vai ter importância na vida de cada um que tiver lá, né?

J: Você acha, então, que seria bacana que continuasse?

V: Seria! Super bacana! Não só para mim, mas para os outros adolescentes que tá fazendo.

J: Você acha que é uma boa forma de...

V: De educar as pessoas. Não só ficar assinado e conversando com a assistente. O esporte, o futebol, ele...sei lá... Tem que ter umas pessoas que saiba se dar com adolescente, né? O que adianta ter um programa desse e não ter pessoas que... saiba dialogar com o adolescente.

J: O que o esporte á para você?

V: Sei lá. Esporte é... uma passada de tempo; negócio para passar o tempo. Que é bom, todo mundo gosta...

J: Você gosta de praticar esporte?

V: Eu gosto.

J: Hoje em dia você faz alguma coisa?

V: Não por causa do serviço. Não tenho mais tempo.

J: Nem fim-de-semana? Você trabalha de fim-de-semana?

V: Domingo a domingo.

J: Nossa. Quantas horas no dia?

V: Pego da uma da tarde e vai até mais ou menos uma e meia da manhã.

J: Nossa. É pesado.

V: É nada!

J: Você não acha?

V: Não, acho da hora. Chego em casa, durmo, acordo e já vou para o trabalho.

J: É bom quando a gente faz o que gosta, né?

V: É.

J: Vagner, o projeto te deixou alguma mensagem?

V: Que tipo, assim? Que aspecto?

J: Deixou alguma coisa dentro de você?

V: Que eu sou capaz! Se eu quiser alguma coisa eu posso.

J: E isso foi importante para que na sua vida?

V: Ah! Foi para que... sei lá... não tem explicação.

J: Quando você tava dentro da FEBEM o que você imaginava para o seu futuro?

V: Morte, desgraça.

J: Falou que você achava que não ia...

V: Chegar até os 18. Eu era muito nervoso, só arrumava briga com os outros, então eu achava, né? Ai, depois que eu vim pro LA aqui no CEDECA eu fui vendo que... que eu era capaz, né? De mudar.

J: Hoje o que você pensa para o seu futuro?

V: Construir uma família.

OBS: Problemas na fita. Perdi umas duas frases.

J: Tem alguma coisa que eu não perguntei, perguntei até de mais (risos), que você queira me contar... que você acha que foi importante?

V: Não. Importante se tivesse outro.

J: Se o que?

V: Se tivesse outro futebol libertário. Não só... é... bom... Para mim, é... acho que já passou da conta. Então pros pessoal que tá aqui, né?

J: Porque você acha importante ter outro?

V: Ah! Por que lá, eles ia tá, sei lá, aprendendo várias coisas igual eu aprendi, né?

J: Então você acharia legal que isso continuasse?

V: Hunhum!

J: É bom ouvir isso. Porque é isso mesmo que a gente está querendo. Que o futebol libertário aconteça de novo.

V: Risos. É, foi ótimo.

J: Muito obrigado pela sua entrevista. Por você ter vindo aqui duas vezes... foi uma entrevista muito boa.

V: De nada. Se precisar pode me chamar, sem problemas. Se for de manhã... pode me ligar...

CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, Fábio Silvestre da Silva, mestrando em Educação pela Universidade de São Paulo e coordenador do Projeto de Liberdade Assistida do CEDECA Interlagos, venho, respeitosamente convidá-lo a participar de um estudo que tem a finalidade investigar o uso do potencial educativo da prática esportiva, especificamente o futebol, na educação não formal como meio para a construção e o exercício da cidadania ativa através do atendimento alternativo direto para adolescentes inseridos nas medidas socioeducativas em meio aberto que cometeram um ato infracional, na região da Capela do Socorro, atendidos pelo CEDECA Interlagos.

Este estudo será realizado com uma metodologia prática de atendimento alternativo, com 24 encontros semanais, com duração de três horas aproximada, além do acompanhamento já previsto pelo acompanhamento da medida. As atividades serão gravadas em fitas de vídeo k7, sem, no entanto, divulgar ou identificar os participantes, garantindo o anonimato previsto em lei. Os resultados obtidos ficarão disponíveis, após o término do estudo (estimado em dois anos) na Sede do CEDECA Interlagos.

Solicito, caso concorde em fazer parte do estudo, que assine, juntamente com seu responsável esse consentimento informado e aproveite para agradecer desde já sua colaboração.

São Paulo, _____ de _____ de 2003.

Assinatura do Responsável

Assinatura do Adolescente

B O R B O L E T A S

Muitas vezes passamos um longo tempo de nossas vidas correndo desesperadamente atrás de algo que desejamos, seja um amor, um emprego, uma amizade, uma casa, etc.

Muitas vezes a vida usa símbolos, acontecimentos que são sinais para que possamos entender que antes de merecermos aquilo que desejamos precisamos aprender algo de importante, precisamos estar prontos e maduros para viver determinadas situações. Se isso está acontecendo na sua vida, pare e reflita sobre a seguinte frase:

NÃO CORRA ATRÁS DAS BORBOLETAS, CUIDE DE SEU JARDIM E ELAS VIRÃO ATÉ VOCÊ. Devemos compreender que a vida segue o seu fluxo e que esse fluxo é perfeito, tudo acontece no seu devido tempo. Nós, seres humanos é que nos tornamos ansiosos e estamos constantemente querendo empurrar o rio. O rio vai sozinho, obedecendo o ritmo da natureza. Se passarmos todo o tempo desejando as borboletas e reclamando porque elas não se aproximam da gente, mas vivem no jardim no nosso vizinho, elas realmente não virão, mas se nos dedicarmos a cuidar de nosso jardim, a transformar o nosso espaço num ambiente agradável, perfumado e bonito, será inevitável – as borboletas virão até nós. Dê o que você tem de melhor, que a vida lhe retribuirá.

Autor desconhecido

Aprendi...

Aprendi que se aprende errando.
Que crescer não significa fazer aniversário.
Que o silêncio é a melhor resposta, quando se ouve uma bobagem.
Que trabalhar significa não só ganhar dinheiro.
Que amigos a gente conquista mostrando o que somos.
Que os verdadeiros amigos sempre ficam com você até o fim.
Que a maldade se esconde atrás de uma bela face.
Que não se espera a felicidade chegar, mas se procura por ela.
Que quando penso saber de tudo ainda não aprendi nada.
Que a natureza é a coisa mais bela na vida.
Que amar significa se dar por inteiro.
Que um só dia pode ser mais importante que muitos anos.
Que se pode conversar com estrelas.
Que se pode confessar com a lua.
Que se pode viajar além do infinito.
Que ouvir uma palavra de carinho faz bem à saúde.
Que dar um carinho também faz...
Que sonhar é preciso.
Que se deve ser criança a vida toda.
Que nosso ser é livre.
Que Deus não proíbe nada em nome do amor.
Que o julgamento alheio não é importante.
Que o que realmente importa é a paz interior.
E, finalmente, aprendi que não se pode morrer, para se aprender a viver!

(Autor desconhecido)

Comentários sobre a reportagem do Futebol Libertário

“Prezado Fábio, é com muita satisfação que vejo o seu trabalho sendo reconhecido. Nas nossas conversas, diversas vezes você o havia mencionado. Acredito que agora chegou a hora de divulgá-lo, organizar uma forma de apresentação, explicitar sua metodologia. Isto para o bem dos adolescentes de São Paulo. Não apenas os inseridos em Liberdade Assistida, mas para o bem de todos, pois acredito que, na medida em que toca no que é essencial, o seu trabalho transpõe em muito os limites de qualquer universo particular. O privilégio do saber crítico não é privilégio de alguns abençoados, mas daqueles que cotidianamente enfrentam situações adversas e as transformam em luz e esperança, conhecimento e sabedoria. Sabemos, há muito trabalho pela frente. Neste caminho, será um imenso prazer poder aprender com você. Um grande abraço”.

(Nilton Ota, é Consultor para o Unicef)

“Fábio, como é bom poder ver o resultado de um trabalho que sabemos ser feito de corpo e alma, com extrema dedicação. Fico muito feliz por você (mas permita-me dizer) e, principalmente, pelos garotos. Sabemos da importância deste trabalho em suas vidas, não? Saiba que isto é fruto do trabalho competente que realiza e você tem mais do que o direito (diria o dever) de estar muito feliz! Forte abraço e parabéns.”

(José Aníbal Marques de Azevedo, é psicólogo mestre em psicologia Social, professor universitário e coordenador de área do Projeto Esporte Talento)

“Fabinho, você merece! Foi um trabalho muito legal que tem que ser reconhecido como uma iniciativa que funcionou e ainda pode render bons frutos! Parabéns pela reportagem! Beijos.”

(Ana Maria Rodrigues, é psicóloga especialista em psicologia do esporte e trabalha na Federação Paulista de Tênis)

“Gente! Adorei a matéria de destaque no site do Gilberto. Muito legal! Parabéns pra nós! Abraço”.

(TUTO B. WEHRLE – Assessor Técnico da Secretaria Municipal de Assistência Social)

“Fábio acabei de ler a página do Dimenstein. Tá demais... arrepiou...PARABÉNS!!! Você merece!!! Desejo que você tenha cada vez mais SUCESSO!!! Beijos.”

(Gislene A Moreira de Alcântara, é psicóloga e educadora Social do Cedeca Interlagos.)

“Tenho orgulho de trabalhar ao teu lado !! Parabéns pelo trabalho!”

(Gilvan P. Gomes, é gênio da informática e assistente da CoAr)

“Querido Fabinho, esse reconhecimento é muito mais do que merecido! Parabéns !!!! Beijos muito apertados”

(Pérola, é psicóloga no Projeto Esporte Talento e Atende no Serviço de Atendimento psicológico do Cedeca Interlagos)

“Companheir(a)os, compartilho da mesma felicidade pela veiculação do trabalho do CEDECA. Ficou muito legal a matéria. Aproveito, Fábio, para parabenizá-lo pela matéria publicada no site do Dimenstein. Fico feliz pelos frutos deste trabalho.” Um abraço

(Maria Cleonice Coelho, é advogada e responsável pelo setor jurídico da Secretaria de Assistência Social – SAS Defende)

“Nossa Fabio super parabéns pela matéria e, principalmente, pelo trabalho!!”

(Rosa Grupenmacher, é psicóloga e especialista em psicologia do esporte)

Olá Fabião, não podia deixar de dizer da minha felicidade a cada conquista sua. Seu "Futebol Libertário" é simplesmente magnífico. Parece-me que, enfim, muito mais que os resultados obtidos nesse Projeto que são notórios, o legal é ter o privilégio de saber que você conseguiu realizar um sonho ou, melhor, unir dois sonhos: o futebol e a psicologia. Que bom!! (... sua cabeça é a sua nave...) Saiba que tenho um orgulho imenso de te ver crescer enquanto profissional, enquanto pessoa - dessas que precisamos pra mudar alguma coisa nesse país, entende? Um grande beijo e parabéns pelo trabalho, pelo projeto, por você ser assim... o Fabio, o Fabião. Beijos!”

(Sarita Regina Amaral é psicóloga e trabalha na Promoção Social da Prefeitura de Embu Guaçu, como psicóloga em abrigo para idosos e psicóloga do Reciclázar)

Fabião, parabéns pela reportagem !!! Acredito plenamente neste projeto e acho que "demorou" pra conseguirmos um parceiro. Abraços”.

(Francisco Helder de Oliveira, é artista plástico professor e coordenador do Projeto Abrindo Horizontes no Cedeca Interlagos)

“Querido Fábio, não poderia ser diferente...acabo de ler a reportagem e só te digo que tenho muito orgulho de nesses dois anos de especialização ter partilhado sua cia, seus projetos e sonhos...você é especial...sua sensibilidade é um show e a responsabilidade e carinho com que você se envolve em suas tarefas são para mim um exemplo....

PARABÉNS...você merece tudo de bom... Que outros parceiros surjam.... um beijão, carinhosamente.

(Diva Assef, é psicóloga, pedagoga e especialista em psicologia do esporte e atua há vinte anos na área clínica em Santos)

" 'Trabalhamos para que eles pudessem sair do projeto como atores de suas próprias vidas. É o que chamamos aqui de protagonismo, ressaltou Fábio'. Fiquei um pouco surpresa com esta frase. Como se pode afirmar uma coisa tão importante depois de só 5 meses de uma experiência com os meninos? Não é um pouco "pretensioso"? Porque ser ator da própria vida me parece que é um trabalho de anos e anos e com um acompanhamento no tempo, na duração...e não num período tão curto... Protagonismo é uma grande palavra e tem seu peso..."

(Moyra Cayetano, é artista plástica, suíça, com inúmeras especializações e voluntária por uma cooperativa internacional. Desenvolve arte-educação com adolescentes no CEDECA Interlagos)

30/10/2003

Site: www.dimenstein.com.br

Futebol recupera adolescentes em Liberdade Assistida

Vanessa Sayuri Nakasato

O futebol que já deixou milhares de meninos e meninas longe da violência também é capaz de recuperar aqueles que se envolveram no mundo do crime. Pelo menos foi isso que mostrou o Futebol Libertário, um projeto desenvolvido pelo Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente de Interlagos (Cedeca) que, em setembro, reinsereu na sociedade 18 dos 20 adolescentes da turma piloto. A proposta do trabalho é a reeducação de jovens em Liberdade Assistida (L.A.) por meio do esporte.

A L.A. é uma das seis medidas sócio-educativas estabelecidas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) para recuperar jovens com até 21 anos de idade que cometeram algum ato infracional. Atualmente, há 13 mil adolescentes em L.A. só no Estado de São Paulo, segundo a Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor (Febem). Cerca de 3.500 deles estão na capital.

É a primeira vez que o futebol é utilizado como medida sócio-educativa no país. A experiência é fruto da tese de especialização de Fábio Silvestre Silva, pós-graduando em Psicologia do Esporte e coordenador do projeto de L.A. do Cedeca Interlagos, em São Paulo.

Entre março e agosto deste ano, os 20 adolescentes, entre meninos e meninas, compareceram uma vez por semana a um dos campos de futebol do Sesc Interlagos, parceiro do Cedeca. Durante os cinco meses, Fábio usou o esporte para trabalhar os anseios, expectativas, medos, revoltas e, principalmente, a auto-estima desses jovens. Para ele, os resultados foram mais do que satisfatórios. Foram surpreendentes.

Fábio conta que os adolescentes chegaram ao Cedeca humilhados. Não tratavam os adultos pelo nome, sempre os chamavam de senhor ou senhora, e não olhavam diretamente nos olhos de ninguém. Caso fossem chamados por seus respectivos nomes, se assustavam, já que, na Febem, não passavam de um número. Hoje, o diálogo flui, possuem auto-confiança e conseguem se expressar sempre que necessário.

No jogo de futebol, os adolescentes não aprenderam apenas a jogar bola. De acordo com Fábio, esse foi o item menos relevante. Ele explica que a idéia foi pegar situações de jogo e transferir para o cotidiano de cada um. Por exemplo, alguém que tentou resolver sozinho uma jogada. E na vida, como é pensar e executar algo sem a ajuda de ninguém? Qual é o êxito disso? Qual a importância do outro no dia-a-dia?

Segundo o psicólogo, essa transposição surtiu efeito já nas primeiras semanas. Os adolescentes passaram a entender como é viver em grupo, quem é e como é ser líder, como é fazer uma mobilização social e como isso pode ser revertido em suas comunidades.

"Trabalhamos para que eles pudessem sair do projeto como atores de suas próprias vidas. É o que chamamos aqui de protagonismo", ressaltou Fábio.

Além do prazer em praticar o esporte, para Fábio, a chave dos saldos positivos foi mexer com todas as emoções e frustrações desses adolescentes. "Quando o emocional é mais trabalhado do que o racional, a pessoa tende a responder melhor, pois os sentimentos são as principais diretrizes do homem. E na Febem, os garotos foram totalmente privados de se expressar", enfatizou.

O jovem C.H.T, 17 anos, confirma. "Lá a gente apanhava por tudo e de todos. Apanhava de madeira, de ferro, do que tivesse na mão. E se falasse, chorasse ou reclamasse, apanhava mais ainda", relembrou.

Os pais dos 18 meninos recuperados afirmam perceber grandes mudanças em seus filhos. Conforme Fábio, o relato é sempre o depoimento sobre a transformação do agressivo para o carinhoso, do revoltado para o compreensível e do reservado para o comunicativo. "Mas o mais gratificante de tudo isso é que todos eles voltaram a estudar, trabalhar e, o melhor, a ter sonhos", orgulhou-se o idealizador do projeto.

"Agora eu tenho sonhos. Quero ser jogador de futebol. Mas se não der, quero conseguir, pelo menos, sustentar a minha família. Se isso for possível, já me considerarei uma pessoa feliz", disse D.C.O., 16 anos.

Graças à canalização da agressividade, três dos adolescentes que participaram do Futebol Libertário apresentam, este mês, suas pinturas e grafites em uma exposição na Suíça. As obras, que retratam a sensibilidade e a esperança, foram desenvolvidas paralelamente em programas artísticos do Cedeca.

Para Fábio, seu projeto é a busca de uma forma alternativa de recuperar jovens infratores e, apesar de ter concluído uma fase experimental, ele acredita que pode servir de exemplo para a Febem. "A atual política pedagógica da instituição é a contenção, que inclui a tutela e a agressão. Tudo o que os meninos não precisam", enfatizou.

O projeto foi realizado com o apoio total da iniciativa privada. No momento, Fábio espera patrocínio para formar novos grupos e dar continuidade ao Futebol Libertário.

Site: www.crpsp.org.br

Edição 136 do jornal do CRP de São Paulo de setembro de 2003.

Um mundo melhor é possível

Liberdade Assistida recupera auto-estima de adolescentes que cometeram ato infracional



Uma das seis medidas sócio-educativas previstas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) para recuperar adolescentes que cometeram atos infracionais, a Liberdade Assistida vem se mostrando, aos poucos, instrumento eficiente na recuperação destes adolescentes. O viés tem sido trabalhar a auto-estima e o potencial de cada um deles de maneira criativa e adequada. E os psicólogos aparecem como profissionais de importância estratégica na ressocialização de adolescentes em conflito com a lei.

Fábio Silvestre Silva, pós-graduando em Psicologia do Esporte e coordenador do projeto de L.A. do Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente de Interlagos (Cedeca), desenvolveu, este ano, com apoio da iniciativa privada, um programa em que adolescentes em Liberdade Assistida cumprem sua pena não nos pátios da Febem, mas no campo de futebol. Trata-se da primeira pesquisa e experiência feita no Brasil em que esse esporte é usado como medida sócio-educativa. São 30 jovens, entre meninos e meninas, que comparecem todas as quartas-feiras aos campos de futebol do Sesc Interlagos, parceiro do Cedeca.

Os Centros de Defesa estão dentro da política de atendimento prevista pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. Cada um tem sua autonomia, mas relaciona-se no âmbito nacional. No município de São Paulo, existem dez centros. O de Interlagos atende 250 jovens, todos moradores da Capela do Socorro, região considerada vulnerável pelos altos índices de violência.

Apesar de o programa estar em sua 8ª semana, Fábio garante que os resultados qualitativos já estão aparecendo e são os melhores possíveis. Ele conta que geralmente os adolescentes chegam ao Cedeca humilhados e desconfiados. Nesses dois meses, o diálogo já flui e começam a demonstrar suas necessidades. “O segredo está em trabalhar a emoção desses meninos. Fugir do método tradicional em que a conscientização é feita pela razão”, ensina Fábio.

Na partida de futebol, o menos relevante é aprender a jogar bola. Fábio explica que a idéia é pegar situações de jogo e transferir para a vida de cada um. Àquele, que tentou sem sucesso resolver sozinho uma jogada, vão ser mostradas as desvantagens de fazer as coisas sem a ajuda de ninguém, ignorando as pessoas ao redor.

Segundo o coordenador, essa transposição tem surtido efeito. Os jovens começam a entender os benefícios de se viver em grupo, respeitando um ao outro, como se tornar um líder, como fazer uma mobilização social e como isso pode ser revertido positivamente para suas

comunidades. “Trabalhamos para que eles possam ser atores de suas próprias vidas. É o que chamamos aqui de protagonismo”, ressaltou.

O jovem D.C.O, 18 anos, diz ter “melhorado como pessoa” após ter entrado no projeto. “Depois que comecei a jogar futebol, aprendi a ser mais equilibrado, a ter união, a respeitar e dar valor à liberdade. Acho que os meus amigos também devem sentir o mesmo”.

Além do prazer em praticar o esporte, para Fábio, a chave dos saldos positivos está em mexer com todas as emoções e frustrações desses adolescentes. Segundo ele, quando o emocional é mais trabalhado do que o racional, a pessoa tende a responder melhor, pois os sentimentos são as principais diretrizes do homem. Na Febem, os adolescentes foram totalmente privados de se expressar. “Lá a gente apanha por tudo e de todos. Apanha de madeira, do que tiver na mão. E se falar, chorar ou reclamar, apanha mais ainda”, revelou C.H.T, 17 anos.

A aplicação da psicologia na Liberdade Assistida procura trabalhar o desenvolvimento humano. Discutir o que é adolecer, a vivência e os sentimentos de cada um. Conforme Fábio, não é jogando informação de maneira vertical que os jovens vão entender e aplicar valores em suas vidas. A vivência e a política da autonomia surtem mais efeitos na vida dos jovens que a atual política pedagógica da Febem que é da contenção e agressão.

A tendência é que cada vez mais psicólogos venham a criar e participar de projetos como este. Mas tanto para Fábio como para Arthur, isso só será possível se houver mais investimentos privados e governamentais.

Segundo a Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor, cerca de 13 mil adolescentes estão, no momento, em regime de Liberdade Assistida no Estado de São Paulo; 3.500 na capital. A L.A. é uma fase do processo de reeducação pela qual passam todos os jovens infratores. Tem duração mínima de seis meses, podendo ser prorrogada, revogada ou substituída por outra medida. Diferente da internação e da semiliberdade executadas apenas pelo Estado, a Liberdade Assistida pode ficar sob a responsabilidade de organizações não-governamentais ou de entidades civis. As condições são ter convênio ou parceria com a Febem e cumprir com as exigências impostas pelo ECA, que inclui disponibilizar uma pessoa capacitada para acompanhar o jovem até o fim de sua medida sócio-educativa.

No entanto, o avanço está, sem dúvida, nas mudanças que o Estado pode operar nos seus próprios serviços, mantendo-se com o responsável pelo atendimento educativo à infância e à adolescência.